
Talvez
seja
amor
UMA NOVELA DE
ICEE



UMA NOVELA DE

ICEE

Copyright © Icee
Todos os direitos reservados.
Criado no Brasil.
Capa: GPT-4
Diagramação da Capa: Ana Bizuti
Revisão: Patrini Viero
Diagramação Digital: Juju Figueiredo
Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.
Todos os direitos reservados. São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.
Criado no Brasil. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n°. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

PLAYLIST

Clique aqui para acessar a playlist do livro no Spotify!

Friend To Lover - Standing Egg
Why? - OuiOui
That's Okay - D.O.
First Love - ASTRO
Autumn Morning - IU
Blue Flame - ASTRO
I Love You - AKMU
Try Again - Jaehyun, d.ear
Only - LeeHi
Movie - Junny
You - IU
Call You Bae - Jimin, Xiumin of Exo
Baby I Love U - KIMSEJEONG
Something - George, Gang Haein
Closer To You - MAKTUB
Where Is Dream - 10cm
The Best For You - Nana Ou-Yang
Some - BOL4
Way Back Home - SHAUN
You(=I) - BOL4
Colors - Stella Jang

Love Scenario - iKON
Euphoria - BTS
Take You Home - BAEKHYUN
Me After You - Paul Kim
Ride (feat. THAMA) - Sole
Never Loved This Way Before - CHEEZE
Rainbow - NCT DREAM
Call You Tell Me - Bas Bao, Kumira
Don't Wanna Fall In Love Again - Yayyoung
See You - Amin, Dept
Strawberry Moon - IU
Star Blossom - KIMSEJEONG, DOYOUNG
Perhaps Love - Eric Nam, CHENZE
For You - LeeHi, Crush

EPÍGRAFE

Ao viver a vida, terá momentos dolorosos dos quais não poderá fugir.
Quando acontecerem, feche os olhos e conte até três.
Quando abrir seus olhos de novo, vai perceber
que se tornou um pouco mais forte.
- Hello! Me

CAPITULO 01

SAM

O quarto de Cleo está arrumado como de costume: suas almofadas coloridas todas espalhadas sobre a grande cama forrada com um lençol de seda bege. Alguns quadros pesados ocupam a pequena estante atrás de nós, onde antes havia apenas bonecas e brinquedos. Sorrio ao me lembrar de todas as nossas festas do pijama, de como crescemos sem ao menos perceber.

Meus olhos se fecham no momento em que o cheiro doce se aproxima, juntamente com minha amiga. A grande bandeja de biscoitos em suas mãos — cobertas por suas luvas do Mickey, presente que dei a ela em seu último aniversário — faz com que o desejo desperte instantaneamente.

— Samy, olha o que acabou de sair do forno! — A garota de olhos escuros e pele pálida, com lábios avermelhados assim como seu vestido, sorriu para mim. Ela sentou-se ainda contente, apreciando orgulhosamente seus biscoitos recém-assados.

— Não me conta, deixa eu adivinhar... — Faço-me de desentendida. — Hummmmm... — Abro um grande sorriso de orelha a orelha. — Os biscoitos de gotas de chocolates mais disputados da nossa escola.

— Gostaria de ter a honra de experimentá-los? — A garota se ajeitou em sua poltrona rosa.

— Claro! — concordo sem qualquer hesitação.

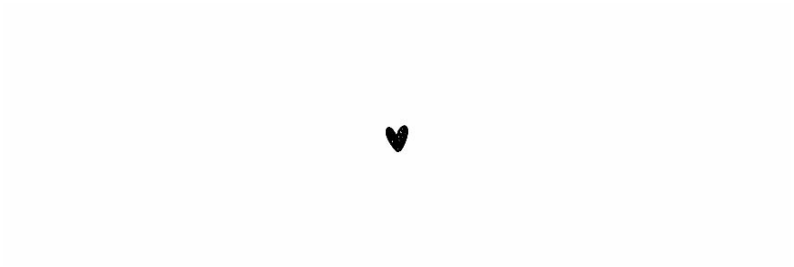
— Nem acredito que amanhã acabam nossas férias... — Cléo se levanta, se jogando em sua cama logo depois, bem ao meu lado. Ela deixa a bandeja sobre a poltrona onde estava sentada.

— Passou tão rápido... — Suspiro, frustrada pelo pouco tempo que tivemos de descanso.

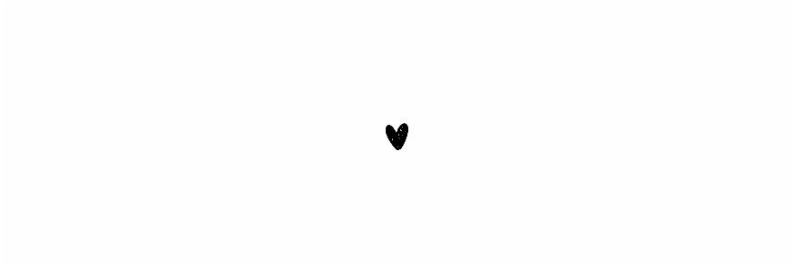
— Apenas 5 meses, Samy. No final deste pequeno prazo, seremos consideradas adultas. —

Cléo suspira enquanto olha para cima, pensativa. — Mas isso é uma coisa boa ou ruim?

— Você já é adulta! — afirmei ao me lembrar de que ela era um ano mais velha do que eu.



Todos, em algum momento, foram adolescentes com medo do próprio futuro. Para jovens como eu, o passado é quase sempre ignorado, tornando o presente apressado e o futuro, inevitável.

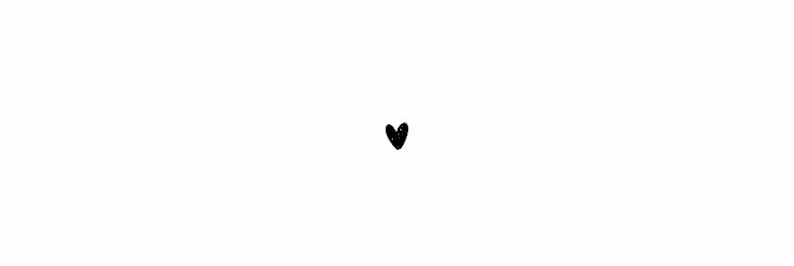


Pensar em um tempo adiante do que está acontecendo nos deixa com um pé atrás sobre a pessoa que iremos nos tornar. O adulto que serei terá orgulho da versão de agora? Tenho apenas dezessete anos, e minha vida acabou de começar. Sendo assim, por que tenho medo do mar, se apenas molhei os pés em sua pequena onda?

— Vamos descobrir? — Jogo meu corpo para trás, deitando ao seu lado.

— Juntas?

— Juntas!



Somos amigas desde o jardim de infância. Sempre fui uma criança calada que não gostava muito de se misturar; porém, em um dia ensolarado, uma menina nova chegou na cidade e, por coincidência, começou a estudar na mesma escola que eu frequentava, bem na mesmo sala que eu. O mais incrível: sentou-se ao meu lado. Assim se iniciou uma amizade de duas pessoas

totalmente diferentes.

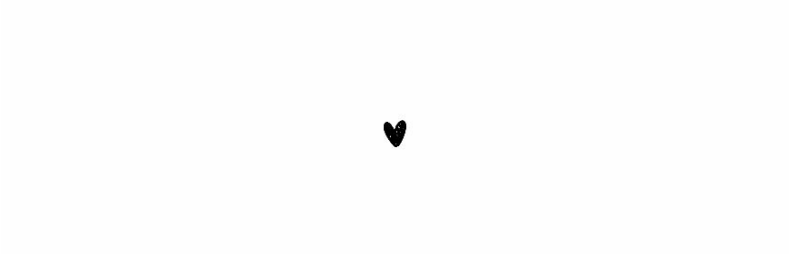
— Você falou ontem pelo telefone que se livrará de seu diário. Vai mesmo conseguir abandonar? — Cléo sentou-se rapidamente, curiosa.

— Vou. Depois de quase quatro anos, acho que está na hora. — Levanto-me, pegando o caderno em minha mochila jeans cheia de *bottons*.

— Mas por quê?

— Como assim, "por quê"? É doloroso; o amor cresce a cada instante, mas a pessoa não retribui. É mais fácil abrir mão dele.

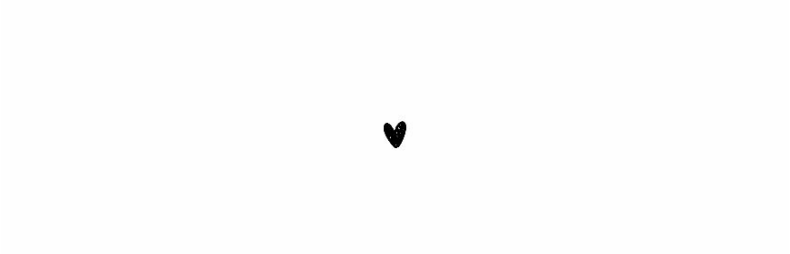
Sabe qual é a pior parte de gostar de alguém? Ser a única gostando. Uma paixão unilateral, no início, é empolgante e divertida; mas, com o tempo, se torna amarga. Assim como uma erva-daninha que nasce espontaneamente, prejudicando e ferindo tudo que existe à sua volta.



— Olha, caiu! — Cléo se levanta e pega uma foto nossa que acabara de cair de dentro do diário.

"Meu diário", não sei porque o chamo assim: é apenas um bloco de notas com capa dura. Enchi sua capa preta sem graça — como minha amiga chamava — com alguns adesivos aleatórios que ela tinha guardado. Pensei em pintar seu elástico acinzentado, mas desisti; não era boa com coisas desse tipo, mesmo que tentasse várias vezes por causa de Cleo.

Mantenho ele fechado e sempre por perto, pois essa pequena coisa cheia de folhas guarda um segredo que protejo a sete chaves: o primeiro amor.



— Seus cabelos negros nessa foto realçaram seus olhos tão pretos quanto... — Cléo parece analisar cada detalhe do pequeno *polaroid*.

— Andou lendo livros de poemas de novo? — Rio ao lembrar que, na última semana, minha amiga me obrigou a ouvi-la recitar vários poemas antigos.

— É cultura — defendeu.

— Deixou meu rosto gordo? — Refiro-me ao estilo de cabelo que usava na época; ela indica que não. — Então está ótimo.

— Nossa! — exclamou. — Sabia que tinha algo diferente nessa foto: acabei de perceber, você está sem franja — a garota de cabelos longos completou maravilhada, como se tivesse desvendado um grande segredo.

— Não me diga — zombei.

— Ei! Como te vejo quase sempre, é difícil notar essas coisas — resmungou.

— Não deveria ser mais fácil?

A menina me silenciou colocando o dedo indicador nos próprios lábios.

Rimos.

— Seus biscoitos esfriaram, posso pegar agora? — Sorri empolgada.

— Só um; vou levar para a turma amanhã, e você sabe disso.

Quando pego um em sua bandeja, automaticamente sinto o aroma de chocolate mais forte do que antes. Levo à boca, desejando sentir seu sabor. Minha nossa! A textura é crocante e suave ao mesmo tempo, ele derrete conforme o mastigo. Choraminguei para Cléo por mais um apenas, mas a mesma ignorou.

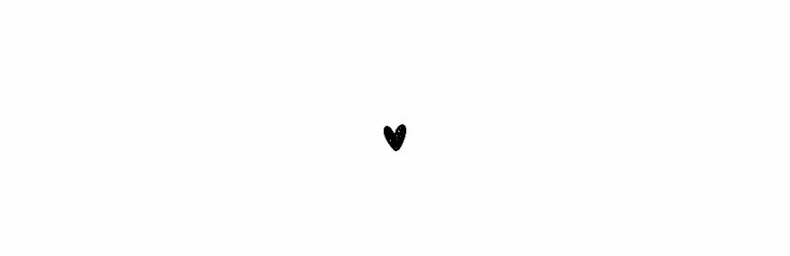
♥

Mais tarde, o sol já estava quase se pondo, ou seja, eu precisava voltar para casa. Despeço-me com um abraço em minha amiga, colocando a mochila nas costas. Caminho em direção à porta, parando por meio instante na frente do espelho ao lado. Ajeito a camisa azul-bebê, coloco um casaco jeans e deslizo as mãos sobre a saia preta para alinhá-la novamente.

— Estou indo, tenho que arrumar as coisas para amanhã. — Mando um beijo no ar para a garota jogada sobre a cama, que retribui meu gesto cabisbaixa.

Por ela, eu nunca iria embora.

Saio do quarto e adentro o corredor iluminado. Mais à frente, me despeço de sua mãe, que estava na sala assistindo à alguma série médica na TV. Meio difícil não notar, mas a tia Marie ama este estilo de séries, tanto que escolheu uma profissão semelhante. Rio sozinha ao perceber a pequena semelhança entre mãe e filha: mesmo do seu jeito meio torto, Cléo sempre procura ajudar alguém.



O lugar em que moro não é muito longe: é necessário apenas atravessar uma rua, seguindo a avenida. Em vinte minutos, estou em casa. Gosto de andar e sentir a brisa do vento no rosto, por isso sempre venho a pé. Coloco minha *playlist* favorita para tocar durante a pequena caminhada. Paro junto de um minúsculo grupo de pessoas que esperava o semáforo se abrir para atravessá-lo. No instante em que noto o sinal mudar de cor, avanço rapidamente — não poderia perder tempo, precisava chegar em casa o quanto antes. Entretanto, assim que chego no meio da avenida, o semáforo se torna vermelho novamente. Ouço todos gritarem — os barulhos misturados dos berros e buzinas — enquanto olho para os os lados, buscando forças nas pernas trêmulas.

Em questão de segundos, tudo acaba em um completo e angustiante silêncio. Isso permite que eu ouça as batidas do meu próprio coração de forma tão clara! É como se ele estivesse a ponto de pular para fora do peito — eu estou com medo. Sou jogada para trás bruscamente e imagino uma queda dolorosa, mas, ao contrário disso, não era o asfalto que me espera quando caio.

Você já sentiu como se sua vida passasse diante de seus olhos? Todos os momentos felizes e tristes reunidos em um só instante. Não senti nada disso, apenas um grande vazio silencioso. O coração esqueceu como funcionar; minhas mãos e pernas tremeram como se tivessem o controle sobre si mesmas; as lágrimas despencaram dos meus olhos assustados e molharam minhas bochechas rosadas.

Passa tão rápido, de uma forma tão lenta.

Eu estou em um transe, esperando pela queda.

— Sam, você está bem?

Com isso, noto sobre quem caí.

Só consigo pensar que é o Yeonjun. Ah, pronto, agora estou alucinando? Mexo a cabeça em negação; assim, me dou conta da bagunça à nossa volta. A velha bicicleta azul do rapaz está jogada no chão ao lado de uma moto preta, onde um cara de camisa listrada analisa seu cotovelo machucado.

— Minha nossa! — Cubro a boca, espantada, ainda tentando raciocinar.

— Se machucou? — As mãos do garoto me puxam, por pouco não caio novamente. Perco

a força nas pernas mais uma vez, e o menino me escora sobre seu corpo, que estava quente e confortável.

Ele realmente está aqui.

— Me desculpe, o que eu fiz? — Encaro Yeon ainda perturbada. O rapaz me olha preocupado.

— Você não fez nada, parece que teve uma falha elétrica no semáforo. Deu um problema, está assim desde de ontem — suspira aliviado. — Você está bem — responde à própria pergunta.

— Podemos sair daqui? — suplico.

Caminhamos lentamente até o ponto de ônibus à frente, onde me sento um pouco, buscando recuperar o ar perdido. Yeonjun sai por alguns minutos e logo volta com uma sacola de papel branca com a logo de alguma drogaria. Passa o remédio com um cheiro estranho em meus arranhões no braço, no joelho e na testa. Mesmo que arda toda vez que aquele pincel em formato quadricular passa sobre os ferimentos em minha pele, não me permito resmungar; apenas prendo os dentes entre os lábios para amenizar a dor.

— Isso fede às meias do meu irmão — repugno por fim, não aguentando aquele odor.

— Você já cheirou elas? — Yeonjun debocha, segurando a própria risada.

Bufo.

— V-você também se machucou? — indago, preocupada ao notar sua blusa branca manchada de vermelho no abdômen.

— Não é nada.

— Senta ao meu lado, Yeon... — Antes que ele possa negar, olho-o aflita.

Então ele levanta um pouco sua camisa, permitindo que eu sorria aliviada por não ver nenhum ferimento grave; nem mesmo uma ferida existe.

— Eu estava comendo na lanchonete e, acidentalmente, manchei a blusa... — O garoto ri tímido enquanto coça seus cabelos negros.

— Que susto! — Dou um tapa em seu ombro e o mesmo range os dentes de dor.

Sim, ele está machucado: há uma contusão em seu ombro, ele está vermelho e um pouco roxo.

— Relaxa, não tenho estes músculos à toa — Yeon deixa evidente seu sorriso *sexy*. O que me lembra de uma coisa: ele não estava viajando? Não que eu quisesse que ele não voltasse, longe disso, mas...

Quanto mais eu tento me afastar, mais coisas assim acontecem. Como posso superar um amor platônico se preciso vê-lo todos, exatamente todos os dias — sem exceção? Não sei exatamente quando isto começou, acho que eu estava na nona série quando percebi; mas estava tudo bem, éramos ótimos amigos. Os invencíveis: Cleo, Yeon e eu. Eu poderia viver assim para sempre; porém, conforme entramos no ensino médio, ele ficou muito popular entre as garotas e

começou a me usar como desculpa para dispensá-las. Assim, todos passaram a me odiar. E eu automaticamente acabei me afastando e trancando essa paixonite idiota, o que foi muito difícil; já que ele era meu vizinho de janela.

Apenas Cleo sabe sobre isso, e essa paixão foi o motivo de eu ter começado a escrever no diário. Por isso é que agora estou pronta para me desfazer dele: todos estes sentimentos ficaram para trás.

Estou esquecendo de alguma coisa…

O que será…

É algo importante…

O meu diário!?

— Minha mochila — Pego-a e noto um grande buraco no fundo; provavelmente rasgou com o impacto.

Onde o bendito diário se meteu?

— Perdeu algo importante, gatinha? — Meu amigo boceja cansado.

— Já disse para não me chamar assim — bufo.

Não posso falar sobre o diário; do jeito que Yeon é, com toda certeza leria, e ele é a última pessoa no mundo que pode conhecer aquele amontoado de palavras.

O destino se livrou dele por mim; não tem meu nome escrito, então está tudo ótimo! Uma oportunidade de ouro, o que poderia dar errado?!

CAPITULO 02

YEON

Arrasto a mala branca sobre as escadas gastas do prédio, já que o elevador está interditado — exatamente no dia que temos malas para carregar. Ao mesmo tempo, minha mãe sobe na frente, para abrir a porta primeiro.

— Chegamos, querido! — A mulher com os olhos mais doces que já vi sorri aliviada ao se sentar no sofá que tanto desejou durante toda a viagem.

— Vou para o meu quarto. — Corro em direção à tão amada cama antes que a senhora sorridente diga alguma coisa. Jogo o corpo sobre o colchão como se todo o cansaço fosse desaparecer.

Não desaparece.

Era para ser apenas uma viagem de férias agradável com mamãe e meu pai, mas “agradável” e “meu pai” não podem coexistir na mesma frase. Fomos para uma cidade ao norte do país; mas, no caminho para lá, papai encontrou um ex-gerente de hotel que trabalhou com ele no passado. Os dois começaram a discutir sobre vários assuntos. Assim se estendeu a viagem mais tediosa existente. Minha mãe ficou desanimada e não quis sair; por mais que eu permanecesse com ela para fazer companhia, se deprimiu mais. Como pode uma pessoa ser tão insensível com a esposa? A mulher sempre teve uma saúde das melhores, mas recentemente —

de uns dois anos para cá —está se tornando mais deprimida; é tão preocupante.

Levanto-me, ficando de frente para a janela ao lado da cama. Abro a cortina preta e, logo em seguida, destranco a janela, permitindo que o vento fique livre para ir e vir. Meu quarto é amplo. Em seu interior, há uma pequena mesinha escura; na direção oposta, fica uma cômoda preta. Quase me esqueci do baú antigo que era da minha mãe quando mais nova, posicionado ao lado da porta. Este é o lugar do qual eu estava com tanta saudade durante a viagem. A cama, na verdade, é um colchão sobre um *pallet* que, como os demais móveis do cômodo, são pintados de preto. Sentir os pés no tapete felpudo é tão macio que me faz amar deitar neste espaço, no meio do quarto.

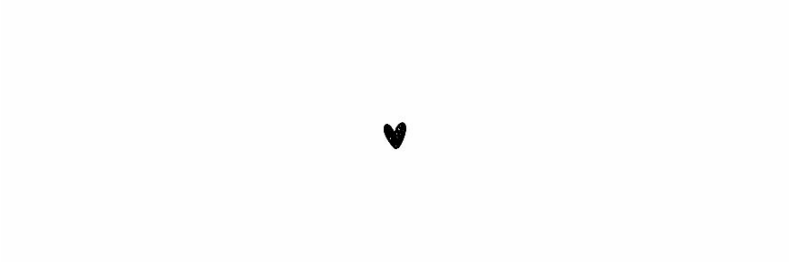
Procuro algum sinal que indique que a Samantha está em sua casa; seria bom vê-la após a viagem cansativa, sua personalidade me dá um certo ânimo. Como sou filho único e Samantha e eu crescemos praticamente juntos, ela se tornou a irmã mais nova que nunca tive; não é de se admirar que sejamos amigos há tanto tempo.

Olho o horário no relógio de pulso: são quase seis da tarde. Meu estômago ronca gravemente, me lembrando de que não havia comido nada desde o café da manhã. Pego a jaqueta preta e a visto por cima da camiseta branca. Troco a calça jeans escura por uma mais clara. Quando procuro minha mãe para perguntar o que comeríamos, noto que ela tinha pegado no sono; mal chegamos...

— Deve estar tão exausta, dona Doria — digo brincalhão enquanto a cubro com um cobertor que fica em cima da poltrona favorita do meu pai. É nítido como a poltrona está gasta. Mamãe sempre diz a ele para comprar outra, mas o senhor de olhos afiados e resquícios de barba a ignora.

Caminho em direção à cozinha, me aproximo da geladeira e abro buscando algum alimento, mas o cheiro de água choca me dá ânsia de vômito. Por alguns segundos, esqueço que acabamos de voltar para casa depois de um mês. Desço até o primeiro andar e me dirijo à portaria pegar a bicicleta azul de rodas já usadas. Uma das coisas que puxei do Sr. Lee, infelizmente, é o apego exagerado pelos bens materiais.

— Minha querida velha amiga, aqui estamos nós... — Sorrio enquanto monto na bicicleta, partindo rumo à lanchonete mais famosa do bairro. Ela fica a apenas um quarteirão da minha casa, de frente para a avenida.



Assim que adentro o local lotado, avisto Leonard conversando com uma das atendentes, que gesticula gentilmente. O garoto com olhos castanho-escuros assim como seu cabelo estava com uma camiseta azul e uma calça azul-escuro. Ele acena para mim, mas logo seus movimentos mudam de direção. Ele está me mandando embora?

Aproximo-me, e seu rosto se fecha.

— Não está feliz em me ver? — Faço bico.

— Poxa, cara... — Enquanto ele fazia careta, a atendente sorri ao me cumprimentar.

— Um sanduíche com tudo o que tem direito, por favor.

A garota de longos cabelos castanhos se afasta de nós.

— Ela estava na minha — choramingou. — Já não te disse que você tem uma aura mágica nestes olhos escuros dominadores? — Leonard se levanta e me entrega um abraço apertado.

— Já chega, preciso respirar! — exclamo, quase implorando para ele me soltar. — Estão olhando para a gente.

— Isso é porque você atrapalhou com a garota — meu amigo me pirraça, me apertando ao invés de me soltar —, e isso é porque eu estava com saudades, irmão. — Ele me agarra três vezes mais e me larga em seguida. Busco recuperar o fôlego, sentando de frente para ele.

— Conseguiu o número dela, pelo menos? — provoco.

— Estava quase conseguindo, mas sou um mero mortal; como eu poderia competir com o anjo mais disputado? — Leonard arqueia suas sobrancelhas.

Só ele me chama assim.

A atendente aparece novamente:

— Aqui estão seus pedidos. — Coloca dois sanduíches e uma lata de refrigerante em cima da mesa.

— Não pedimos refrigerante — Léo afirma.

— Verdade — confirmo.

— É por conta da casa. — Suas bochechas ficam vermelhas — Meu nome é…

Interrompo antes que ela termine de falar:

— Obrigada, mas pode levar de volta. — Entrego-lhe a bebida.

— Apenas ignore ele, muito obrigada — Leo afirma para a garota, que logo segue seu caminho. — Precisava ser grosso assim? — xingou.

— É quase natural, nem percebi. — Um sentimento de culpa cresce em mim.

Leo é como uma bússola moral desde que nos conhecemos. Tenho dificuldade em entender as demais pessoas e me comportar de forma amigável com elas. No entanto, mesmo que não consiga admitir isso em voz alta, o rapaz parece compreender.

— Se eu lhe tratasse com qualquer educação, ela acharia que tem uma chance. — Abro o sanduíche. — Melhor não criar expectativas, não é mesmo?

Dou uma grande mordida no lanche. Primeiramente, sinto o gosto doce do tomate mesclado com o bacon. Enquanto mastigava, o crocante das cebolas, junto do cheiro extraordinário, me fazem desejar mais mil destes. É como se confetes estourassem no meu estômago. Talvez seja a fome, ou poderia ser este o melhor sanduíche que já comi?

Assim que termino o lanche, noto que acabei espirrando molho na camiseta.

— Essa mancha vai ser difícil sair, bem feito — gargalha Leonard.

— Vou ao banheiro. — Deixo a jaqueta em cima da mesa e caminho em direção ao lugar, que parece estar interditado.

Outra coisa interditada?!

Sento novamente em meu lugar enquanto o garoto de olhos castanhos me avalia da cabeça aos pés. Ele já tinha devorado seu sanduíche.

— Por que ainda está assim? — Coça a cabeça.

— O banheiro está interditado — Dou de ombros.

— Sério?

— Sim.

— Precisamos ir, agora!

Leo está pálido.

— Para onde?

— Ao banheiro! — Léo levanta-se de uma vez, agilizando seus passos, que estavam curtos e lentos.

Eu não deveria rir da situação, mas é definitivamente impossível.

— Lembro-me de ter visto alguma loja aqui perto que tinha um banheiro.

Pegamos nossas bicicletas e seguimos rumo à próxima esquina. Eu só consigo gargalhar a cada careta que Leonard faz; pude ouvir seus xingamentos, mesmo que ele apenas os sussurrasse.

Onde é mesmo? Percorro os olhos por toda a avenida, tentando lembrar onde fica o lugar. Até que avisto a garota de cabelos pretos ondulados, na altura dos ombros, de franja, andando desatenta com seus fones de ouvido do outro lado da faixa de pedestre.

— Aonde está indo? O banheiro está bem ali!

— Pode ir primeiro.

— É cada coisa... — Dá de ombros.

Como reflexo, esqueço completamente o que estava fazendo. Para tentar alcançá-la, paro de frente para a linha de pedestre. Ela olha tão atentamente para o sinal do semáforo que nem sequer me vê.

— Já vieram arrumar este semáforo? — Ouço duas senhoras conversando.

— Não, ele já deu problema duas vezes, provavelmente por causa do apagão de ontem — a senhora de blusa branca garante, preocupada.

Quando olho novamente para Sam, em um piscar de olhos, ela está exatamente no meio da avenida. Observo o sinal apenas para conferir e me surpreendo quando ele muda do verde para vermelho em instantes. Pelo espanto da moça, acho que ela também percebe.

Em poucos segundos, vejo uma motocicleta em sua direção. Começo a pedalar com toda velocidade possível. Saltando da bicicleta, jogo-a em direção à moto. O motoqueiro tenta desviar, e o veículo cai, arrastando-se sobre o asfalto. Viro-me noventa graus, abraçando Sam e nos arremessando contra o chão. Por tentar protegê-la, acabo colocando toda a força sobre meu ombro esquerdo e sinto uma contusão por alguns instantes. Seguro-a com o braço direito.

Após a enorme confusão, somos levados para a delegacia local. Atravessamos para dentro do grande prédio com um estacionamento enorme e portões azuis, entramos através das portas de vidros pretas. O prédio parece vazio, mas, ao contrário disso, está bem barulhento.

— Se minha mãe descobrir isso, vou virar purê — Sam choraminga.

— Não se preocupe, vou tentar resolver o mais rápido possível.

— São sete e meia, Yeon, ela vai me matar... — A garota se esconde com as próprias mãos.

Que baita esconderijo!

— Você quase morreu agora — digo, sério.

— Tinha que estar em casa às sete em ponto... — Sam cobre sua testa, preocupada.

Ela não consegue pensar no risco que correra, pois o pânico da bronca que receberia de sua família é maior. Acho que foi por isso que a adotei como uma irmã: Sam é sempre tão ingênua em relação às outras pessoas, tem medo de seus pais.

Após lhe entregar um copo de água, caminho até o policial responsável, a quem explico o que aconteceu. Falo que, de acordo com o que ouvimos, o semáforo está com defeito — estamos sentados ao lado da sala onde resolviam a situação. Felizmente, todas as testemunhas dizem a mesma coisa; porém, o motoqueiro ficou bravo e entrou com um processo contra a empresa responsável. Possivelmente, os responsáveis terão de pagar alguma indenização aos afetados.

No final, vou precisar comprar outra bicicleta: a forma com que joguei fez ela cair com muita força, o que a deixou amassada. Ainda mais depois que a moto passou por cima dela antes de cair. Sam e eu pegamos carona com sua mãe. Não, não consegui resolver a situação sozinho; por mais que eu tenha 18 anos, ainda sou estudante, não posso fazer muita coisa.

— Depois passa lá em casa para almoçar Yeonjun, irei fazer sua sobremesa favorita! — Alícia, mãe da Sam, manda um beijo com a mão ao se despedir, indo em direção à portaria com a menina.

Às vezes, seus pais são tão gentis que não consigo entender toda essa paranoia da Sam. Fico sem compreender o motivo pelo qual ela sempre tenta chegar em casa cedo, evita situações que possam envolver os pais ou tem mania de controlar todos e ser a “responsável”.

— Certo. Até amanhã, Sam — me despeço e sigo para o meu prédio.

Assim que me aproximo da porta do nosso apartamento, sinto o ótimo cheiro do tempero da minha mãe. Abro a porta e a vejo em sua cozinha, preparando o jantar. Não acredito que esqueci! Ia trazer um sanduíche para ela, mas aconteceu tanta coisa em tão pouco tempo!

— O que temos para o jantar? — Sorrio empolgado, sentindo o aroma de alho-poró mesclado com os demais temperos que ela usa.

CAPITULO 03

SAM

Entramos no nosso apartamento exaustas, sem trocar nenhuma palavra. Mamãe caminhou até seu quarto, que fica no segundo andar do apartamento, ignorando qualquer explicação minha sobre o que acabou de acontecer.

Suspiro frustrada.

— Sam, estou com fome... — Kel me abraça calorosamente.

Meu irmão mais novo tem oito anos; seu nome é Kelvin, mas sempre chamamos ele por seu apelido. Também tenho um irmão mais velho chamado Alan; ele tem vinte e dois anos e está na faculdade de Direito, é o garoto prodígio da família. Costumam dizer que somos uma família padrão: minha mãe é uma dona de casa dedicada, secretária do papai, que é um advogado conhecido na região. Uma estrutura um tanto patriarcal.

Mas eu estou bem? Preciso estar, sempre.

— Desculpe, meu amor, vou preparar algo agora mesmo para você. — Sorrio ao apertar suas grandes bochechas rosadas, semelhantes às minhas.

Olho para frente, pensando no que posso fazer tão em cima da hora. Caminho pela sala, observando o sofá branco de frente para a TV, que está pendurada na parede. Os assentos estão cobertos por brinquedos, roupas e outras coisas aleatórias, enquanto as almofadas brancas estavam espalhadas pelo chão. Na mesinha quadrada de madeira entre o sofá e a TV, havia o material de Kel — ele definitivamente não deveria estar ali. As longas cortinas brancas da sala estão fechadas, deixando o ar ainda mais abafado.

Suspiro fundo, buscando coragem para arrumar tudo isso. Eu só fiquei fora por um dia; por que parece que aconteceu um terremoto aqui?

Caminho para a cozinha. Os armários de madeira parecem seguros; geralmente estão

cheios de marcas de mãos ou abertos. O balcão da pia está lotado de copos e granolas espalhadas. O odor é terrível, me faz repugnar. O fogão parece limpo, pelo menos. Olho no relógio de ponteiro acima da geladeira branca: são quase quinze para as dez. Eu consigo fazer tudo isso! Organizo a casa após alimentar Kel e colocá-lo para dormir.



— Finalmente, paz! — Jogo-me na cama, que fica encostada na janela. Entretanto, me levanto automaticamente.

Estou esquecendo alguma coisa…

Olho atentamente para o meu quarto.

As paredes e o teto são brancos, como todos os demais móveis; a cama em si é um guarda-roupas: abaixo do colchão, existem três gavetas onde guardo os sapatos e, na cabeceira, há um armário com quatro portas no qual deixo os cabides. Mais acima (encostando no teto), se encontram mais três portas quadriculadas.

Meu quarto é o único cômodo em que o chão de madeira está limpo. Ao lado da cama, há uma mesinha sem pernas onde fica o *notebook*; acima, um armário com portas de vidro no qual guardo todos os materiais da escola. Dou uma volta de noventa graus, analisando todo o espaço para tentar lembrar o que pareço ter esquecido.

Quando me viro novamente, noto Yeon em sua janela, segurando seu *tablet*. Algo estava escrito nele. Subo na cama, ficando de joelhos, escorando os braços na janela. É quando leio: *Você está bem?*

Sua pequena ação faz com que um sorriso escape do meu rosto cansado. O garoto poderia apenas enviar uma mensagem, mas escolhe se comunicar dessa forma. Mostro-lhe o sinal de positivo com ambas as mãos, e ele assente com a cabeça, com um sorriso sincero. Mesmo que eu tente, é impossível não me apaixonar por ele todos dias.

"Às vezes, estou bem apenas por vê-lo sorrir.

Às vezes, eu o odeio por não me ver aqui.

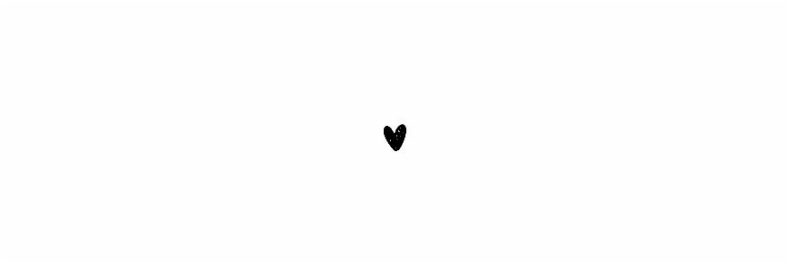
Mas, entre todas estas várias vezes, sinto saudades da sua voz,

que eu amo tanto escutar chamando meu nome.

Por mais que esta paixão rotineira seja apenas um motivo para que eu consiga fugir da realidade e só aconteça em pensamentos, de certa forma, agradeço por ter vivido estes

sentimentos."

Foi o que escrevi no diário há cerca de uma semana, mas sinto que aquela pessoa não é a mesma de hoje.



Desperto com o barulho incontrolável do alarme do celular. Levanto de uma vez, permitindo-me enxergar meu reflexo pelo grande espelho; ele fica pregado na parede de frente para a cama e, quando levanto, a primeira coisa que vejo sou eu, já que durmo com a cabeça no lado da cabeceira. Diante de mim, está uma jovem com o cabelo totalmente bagunçado, olheiras claras e, ainda por cima, remelenta.

É tão difícil acordar como uma princesa?

No banheiro, escovo os dentes, tomo um banho e arrumo o cabelo. Em alguns minutos, estou aceitável novamente.

Felizmente, hoje minha mãe acordou de bom humor. Sei disso pois estou sentindo o aroma doce de seu café sendo coado pela manhã. Ainda estou esquecendo de alguma coisa… a mochila! E agora??? Subo descalça na cama para conseguir alcançar uma das portas mais altas do armário. Assim, pego a antiga mochila rosa pastel da *Fjällräven Kânken*. Mesmo com o cheiro evidente de guardado, ela é a melhor opção neste momento. Em seguida, passo tudo para a mochila, inclusive meu *botton* de *The Big Bang Theory*, *Full House* e *Friends* e alguns *patches* de morangos, *milk-shakes* e mais morangos.

Antes de sair de casa, olho novamente no espelho; estou com uma camiseta branca, um suéter sem manga, uma gravata da mesma cor, a saia listrada em tons de azul e branco e um *blazer* azul como o suéter, mas de um tom mais escuro. Assim que atravesso a portaria principal do prédio, noto um garoto alto, de ombros largos e cabelo molhado, esperando.

Nunca conseguiria expressar minha surpresa pelo Yeon estar aqui! Ando devagar, procurando o que dizer para não mostrar a animação evidente que me dominou. Talvez assim consiga esconder o sorriso fujão que se formou em meu rosto.

— Bom dia — cumprimento o garoto que arrancou um sorriso de mim na noite anterior e provocou as batidas aceleradas que me atrapalharam a dormir.

— Como foi sua noite, gatinha? — Yeon sorri.

Rio silenciosamente, realmente surpresa por ele estar aqui, e o rapaz entende a resposta.

Yeonjun começa a caminhar, sincronizando nossos passos.

— Obrigada por ontem — paro, e o garoto, que estava com um moletom cinza por cima do uniforme, me acompanha —, mas não precisa me seguir.

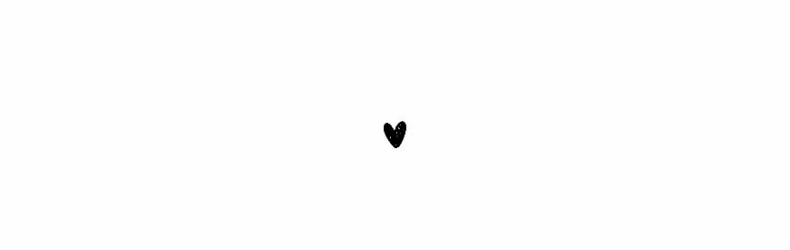
— Estou sem a bicicleta e meu ombro está machucado, isso tudo é responsabilidade sua — defendeu-se.

— Então? — pergunto, com medo da resposta.

— Ficarei com você até que eu esteja cem por cento. — Yeon arqueia suas sobrancelhas e passa a andar novamente, me deixando parada onde estou. — Não vem, gatinha?

Suspiro.

Quando decidi esquecê-lo, não sabia que teria de ficar tanto tempo ao seu lado. Meu coração está desregulado; estou completamente furiosa, mas também feliz. Não sei como me sentir neste momento. Devo apenas aproveitar a oportunidade de ficar perto dele? Não! Acho que estou enlouquecendo.



Em menos de vinte minutos, estávamos na escola. Todos sentamos em nossas carteiras como de costume: eu e Cleo lado a lado nas classes da frente, do lado esquerdo. Léo e Yeon nas últimas classes do lado direito.

— Bom dia! Estão preparados? Sejam bem-vindos aos últimos cinco meses no ensino médio. — O professor Mário, representante da nossa turma, sorriu provocativo.

— Em breve serei adulta? — Mary, a garota de cabelos lisos e castanho-claros e olhos curiosos, pergunta empolgada. Em seguida, Cleo a imita.

Essas duas, todas as vezes assim.

— Professor, trouxe alguns biscoitos com gotas de chocolate, gostaria? — Cléo se levanta com uma pequena vasilha cor-de-rosa e a distribui pela sala.

— A Cleo é tão gentil — Leonard a elogia.

— Ela só gosta de atenção — uma das amigas de Mary implica.

— Esqueci de falar, mas estes biscoitos são caseiros. — Minha amiga olha sorrindo, provocando Mary e sua amiga.

— Sem brigas, meninas — o professor diz, rígido. — Esta turma está cheia de panelinhas, precisamos resolver isso.

— Ele não vai fazer isso, né? — sussurro para Cleo, que lança um sorriso amarelo.

— Vamos separar vocês. Todos, escrevam seus nomes em um papel, amassem e me entreguem.

— Ah, não, professor — Diogo, o garoto de olhos claros, choraminga.

— Agora!

E assim fazemos.

Depois de pegar todos os papéis amassados em suas mãos, Mário os bagunça enquanto cantarola "*Brilha, brilha estrelinha*".

Sabe o que deixa um jovem totalmente desconfortável? Sentar ao lado de uma pessoa que detesta.

O primeiro nome que saiu de seu sorteio totalmente improvisado foi:

— Lee Yeonjun, sente-se na carteira do meio e espere sua dupla. — O professor quase careca retirou outra folha: — Samantha Queiroz, sente ao lado do seu amigo.

— Talvez seja o destino — Cleo sussurra no meu ouvido.

Os últimos a serem escolhidos foram nossos queridos amigos.

— Acho que não precisa sortear, já que sobrou apenas os dois, né? Sente-se à frente de Samantha.

No mesmo momento em que Cleo senta na minha frente, cutuco seu ombro, me estico na carteira e sussurro em seu ouvido:

— Está aí o seu destino — provoco.

Ela se vira para mim fazendo cara feia.

— Um dia vocês me agradecerão por isso. — Mário gargalhou, satisfeito.

O professor ficou tão contente que mal percebeu que ainda estávamos em panelinha. Viro-me para Yeon, que está deitado sobre sua classe, quase pegando no sono.

— Você não tem vergonha na cara? — Puxo de leve sua bochecha.

— Está atrapalhando meu sono da beleza. — Ele coloca seu caderno entre nós, tampando o rosto.

— É incrível que, mesmo assim, você tira nota boa. — Volto a olhar para o quadro, onde o professor está ocupado explicando sua matéria.

Bem lá no fundo, agradeço por estas pequenas coincidências; elas mostram que tudo é possível. Yeon foi, por muito tempo, um abrigo, um amigo fiel. O menino estava sempre ali por mim, e meu coração desenvolveu sentimentos por ele. Mesmo que não seja de uma perspectiva romântica, sinto que Yeon sempre estará comigo, com este jeito infantil e idiota, alegrando os dias. Junto de Cleo, ele é minha maior força. É o motivo de eu nunca pensar em desistir. Este é nosso último ano juntos; depois, todos se tornarão adultos e seguirão seu próprio caminho. Na verdade, tenho muito medo de pensar em perdê-los.

Tenho uma ideia de como será: todos ficarão muito ocupados para se ver. Depois de um tempo, acharão outros amigos, e os mais antigos serão lentamente esquecidos. Aos poucos, em meio ao seu próprio cotidiano, tudo isso se tornará uma memória distante, memória que muitos de nós talvez esqueçamos, que eu não quero nunca perder. Quero congelar este dia, ainda que seja comum. Pensar que posso esquecê-lo faz meu coração doer, pois os momentos com aqueles que considero amigos estão sendo os melhores da minha vida.

CAPITULO 04

YEON

Como bobo, vou buscar a bicicleta pela manhã. Mal me lembro o que tinha acontecido ontem, que simplesmente não poderia usá-la para ir à escola como de costume. Deslizo as mãos, afundando os dedos sobre os cabelos molhados, frustrado.

Como posso esquecer do que aconteceu ontem?

Pelo menos, tem uma coisa boa no que ocorreu: eu poderia ir para a escola com a Samantha, como há muito tempo não fazíamos; seria legal. Escoro-me na parede gelada em frente à sua portaria e permaneço em inércia por quase trinta minutos.

Acordei muito cedo, ou é ela quem está atrasada?

Aproveito o tempo para observar a vizinhança. O condomínio conta com dois prédios semelhantes que ficam um ao lado do outro; o meu é branco e o de Samantha é de um azul mais claro. Há pequenas diferenças entre eles, como a grama do segundo edifício, que está verdinha; no meu, cobriram essa parte com concreto. Minha mãe e a senhora Alícia, mãe de Sam, viraram amigas desde que nos mudamos para cá. Assim, permanecemos mais perto um do outro. É engraçado pensar que uma amizade pode surgir de outras.

A garota com aroma de morangos frescos parece de mau humor quando passa perto de mim. Pensando no que aconteceu ontem, acredito que seja uma reação esperada. Caminhamos juntos até a escola, trocando poucas palavras. Separamo-nos quando avistamos Cleo e Leonard em caminhos opostos.

— Onde foi ontem? Você perdeu, parece que houve um acidente bem onde estávamos — empolgado, o garoto com o mesmo uniforme que o meu começa a contar.

— Não me diga, o que mais? — ironizo.

— Você sabia? — Leo me dá um soco no ombro.

— Ai! Eu estava lá.

— Você se machucou? — ele indaga preocupado.

— Nada muito sério. Você trouxe a jaqueta? Lembro agora que esqueci na lanchonete.

— Um segundo... — Leo abre sua mochila e, junto da jaqueta, havia um pequeno caderno de capa dura preta, com várias figuras coladas em sua superfície — Aqui. — Ele entrega a peça de roupa, separando-a do caderno.

— Que agenda é essa? — pergunto a ele.

— Achei ontem no acidente, não sei de quem é.

— Então porque está em sua mochila? — Franzo a testa.

Léo tira o caderno de sua mochila, entregando em minha mão.

— Está escrito que é de alguém da nossa turma. — Abro a agenda e... — A letra parece familiar, e eu sei quem estava no acidente.

Poderia ser da Samantha?

— Então você pode entregar, tenho que ir ao banheiro, te vejo na sala. — Leo sai correndo, quase como o papa-léguas de tão rápido.

E agora, por que ele deixou isso comigo? Falei que a letra parecia familiar, não que eu sabia exatamente quem era o dono. Poderia ser de outra pessoa que também estava lá esperando em frente ao semáforo; tinha tanta gente lá, e Sam não comentou sobre nada desaparecido.

Observo o grande prédio avermelhado de cinco andares, com várias janelas azuladas pelo reflexo do céu sobre elas. A entrada é coberta por um mármore branco com uma grande porta de madeira em seu interior, digna de uma instituição privada. A grama em volta da escola está verde, mas com dificuldade, e as árvores já estão completamente sem folhas. Estas pistas deixam nítida a estação do ano em que estamos: inverno. Noto em meu relógio de pulso que a aula começará em apenas quinze minutos; decido ir logo. Atravesso a multidão de jovens divididos em pequenos grupos, conversando e rindo juntos, provavelmente colocando todos os assuntos das férias em dia. Assim que chego na sala, no terceiro andar, a primeira pessoa que vejo é Samantha, que sorri igual a uma tonta sem rumo para seu celular com chaveiro de morango — a cara dela. Sorrio ao vê-la pela janela de vidro do lugar.

Após separar a turma e nos colocar em lugares distintos, o professor começa a explicar sua matéria. É como se um sonífero se espalhasse pelo ar: lentamente, as pálpebras pesam, assim como o corpo, que começa a adormecer gradualmente.

— Você não tem vergonha na cara?

Desperto parcialmente, sentindo um fio de cabelo ser arrancado.

— Está atrapalhando meu sono da beleza. — Coloco o caderno entre nós, quase implorando mentalmente para que ela me deixasse dormir; eu preciso descansar.

Bocejo ao me lembrar da noite anterior. Papai não conseguiu voltar para casa, deixando minha mãe muito apreensiva. Ela mal pôde dormir; ficou segurando o choro, mas seus olhos não

conseguiram me enganar. Decidi colocar alguma série aleatória na TV para distraí-la um pouco. No entanto, quando ela conseguiu dormir, já estava amanhecendo.

Ouço novamente a voz de Sam, mas, desta vez, é como se ela estivesse muito longe, quase como um sussurro:

— É incrível que, mesmo assim, você...

Apago.

Desperto aéreo, com a sirene tocando e com os alunos levantando e arrastando as cadeiras ao mesmo tempo, o que se transforma em um barulho agonizante. Coço o pescoço e retiro a franja sob os olhos buscando voltar aos meus sentidos.

— O que foi? — pergunto para o garoto com óculos que me encara quando levanto.

— Cara, você dormiu durante as cinco aulas desta manhã — comenta ele, impressionado.

— Não dá corda para este idiota. — Bato meu rosto na mesa após Sam dar um tapa em minha nuca.

— Faz isso de novo... — Ranjo os dentes.

— Tem certeza? — A garota mostra um sorriso provocativo.

— Tenta só para você ver, gatinha... — Franzo os olhos ao encará-la.

— Vamos logo! — Cleo segura meu braço e o de Leo, nos puxando para fora, em direção ao refeitório. Enquanto isso, Sam anda tranquilamente ao mesmo tempo em que olha algo em seu celular.

Vamos almoçar no refeitório no primeiro andar, que está realmente cheio. Um pouco diferente do que me lembro, provavelmente por conta dos alunos novos: existem vários rostos não familiares pelo caminho. Por que há tantos alunos novos no meio do ano?! Não sei definir o cheiro que sinto, uma mistura do aroma delicioso do almoço misturado ao odor de adolescentes suados; algo do qual eu definitivamente não senti falta nas férias.

Assim que terminamos de almoçar, Leo precisa ir embora mais cedo por causa de uma consulta, e as garotas ficam conversando sentadas sobre a grama na lateral do prédio. Não pretendo ficar ouvindo fofoca ou sei lá sobre o que elas conversam. Por isso, apenas vou até o terraço e sento escorado em algumas caixas de madeira. Penso em dormir mais um pouco, mas logo me lembro daquela agenda que Leonard me entregou mais cedo. Talvez, se eu ler um pouco, consiga descobrir a quem realmente pertence.

Retiro o caderno da mochila vermelha, me ajeito sobre o chão e o abro curioso. Percebo que todas as páginas estão numeradas como, se fosse um livro. Respeito minha sorte e abro uma página aleatória.

— Esta é a página sete, a letra realmente parece familiar.

“Ele tem um sorriso estonteante. Começo a notar que este pequeno ato de sorrir sempre

que me vê faz com que meu coração fique descontrolado. É como se houvesse holofotes iguais aos de desenhos animados sobre ele, se tornou tão bom estar ao seu lado."

— Nossa, vamos passar para frente, porque é impossível descobrir quem é nesta página.

Avanço para a página vinte:

"Hoje fomos tomar sorvete com a turma. Estou começando a notar como minha paixão platônica é imatura; tenho quase dezessete anos, deveria me concentrar em coisas mais importantes, como me tornar alguém. Na verdade, este é meu maior medo: a cada dia, me modifico, e sei que estou na direção certa para me tornar uma versão mais verdadeira de mim. Mas está tudo bem se demorar."

Acho melhor eu parar de ler; há coisas realmente particulares, e a dona pode ficar incomodada. Vou pular para as últimas páginas, provavelmente terá alguma descrição.

"*Ele é definitivamente insuportável! Como assim, eu sou baixinha demais? Ele é louco? Sou realmente alta para a idade que tenho: tenho 1,64m de pura saúde. Fica comparando seu 1,85m comigo... Não é minha culpa que ele é um Avatar perdido."*

Espera, um instante: eu tenho 1,85m. Não, não, não pode ser eu, há vários outros garotos com a mesma altura. Rio de mim mesmo por pensar nisso.

"Ele e o seu ar de superioridade me deixaram completamente estressada. Como eu comecei a gostar de alguém assim? Por que meu coração não se apaixona apenas por personagens das séries antigas a que assisto?! Por que fui ajudar a cuidar dele? Bem feito ter caído. Se não fosse minha mãe, eu nem iria. Yeon, seu grande e incurável idiota! Juro que, se ele me chamar de gatinha mais uma vez, quebrarei seus dentes."

Esse aí sou eu, cara. O que está acontecendo aqui? O dia em que caí em uma partida de basquete e acabei quebrando o braço, a pessoa que cuidou de mim foi…

Samantha?!

"Yeon seu grande e incurável idiota!"

Não, não e não! Nunca hahaha. Provavelmente há alguma explicação plausível para o que está escrito aqui. É definitivamente impossível que aquela esquentadinha goste de mim. Este diário deve ser outra coisa.

Impossível.

Definitivamente.

Impossível!!!

Suspiro frustrado. Levanto-me e guardo o diário novamente na mochila, descendo em direção ao banheiro. Preciso lavar o rosto, está muito calor aqui. No caminho para o banheiro, noto Sam e Cleo caminhando juntas no corredor à frente, e automaticamente me escondo na parede oposta. O que diabos estou fazendo?

— Yeonjun, você poderia me ajudar com a tarefa de Química? — Mary se aproxima sorrindo.

— Pode ser depois? — Você está me distraindo.

— Ah, claro! Oh, minha nossa, seu cabelo está uma bagunça! — A garota ajeita meu cabelo, mesmo que eu não tenha pedido.

— Não tem necessidade disso. — Tiro suas mãos.

Assim que percebo que as meninas tinham saído do corredor, corro em direção ao banheiro.

Uma das coisas de que a escola se orgulha é da sua higiene. O banheiro é completamente forrado por cerâmicas; o teto branco deixa o local bastante iluminado. Aproximo-me da pia de mármore e molho o rosto, encarando-me no espelho à frente.

Por que ler aquilo me deixou tão nervoso e inquieto? Suspiro frustrado novamente, por não conseguir entender o que está se passando em minha própria cabeça.

CAPITULO 05

SAM

Para o primeiro dia de aula, ontem foi um ótimo dia. Não sei se é coisa da minha cabeça: só de pensar que está perto de tudo isso acabar, parece que os dias na escola se tornaram mais preciosos. Sinto como se eu fosse perder todos estes momentos em um piscar de olhos, então quero aproveitá-los ao máximo.

Observo com um sorriso no rosto, as crianças brincando nos brinquedos gastos do pequeno parquinho que fica no interior do nosso condomínio. Elas gargalham ao descer do escorregador, quando se balançam tão forte que sentem que poderiam voar, mesmo quando caem de joelhos sobre a areia no chão: não importa o que aconteça, sempre voltam a brincar como se nada tivesse ocorrido. Sinto falta de quando não tinha muitas preocupações e vinha aqui sempre, brincando com o Yeonjun e os demais jovens, que eram crianças como eu na época. Gostaria de ser mais como minha versão antiga, aquela que, mesmo caindo, voltava a brincar sem ligar para o que que vinha pela frente.

Hoje o dia passou tão rápido e foi tão monótono que me deixou pensativa. Assim que saí da escola, em vez de ir para casa, acabei ficando por aqui, admirando a felicidade de outras pessoas.

— Sam? — Doria, mãe do Yeon, se aproxima de mim sorrindo enquanto segura algumas sacolas com compras.

— Olá, como a senhora está? — Levanto-me para cumprimentá-la.

— Faz tanto tempo que não te vejo. Estou bem, mas você parece tão tristonha... — A senhora Lee abre um grande sorriso e me entrega um abraço apertado.

Às vezes, em momentos como este, eu sentia inveja do Leo por ter uma mãe tão calorosa ao seu lado; e dos meus irmãos, por conseguirem todo o carinho da minha família sem nenhum esforço aparente, enquanto eu sou a representação do desgosto. Todos os dias, tento me

conformar com isso: antes realmente me via como o problema, jurava que era minha culpa, mas então aprendi. O mundo está uma loucura, assim como as pessoas nele. Um adulto é o reflexo de como ele cresceu na infância, e meus pais não são totalmente culpados; eles apenas escolheram fechar os olhos para tudo e enxergar o que queriam. Contudo, isso não molda como vou ser, pois sempre escolherei ver o mundo de todas as perspectivas possíveis. E mostrarei, não a eles, mas a mim mesma, que posso me tornar a minha melhor versão. Talvez os dois se orgulhem de mim no futuro.

— Gostaria de jantar lá em casa hoje? Seria ótima a sua companhia. — A mulher me convida de uma forma tão carinhosa que sou incapaz de negar. Concordo com a cabeça.

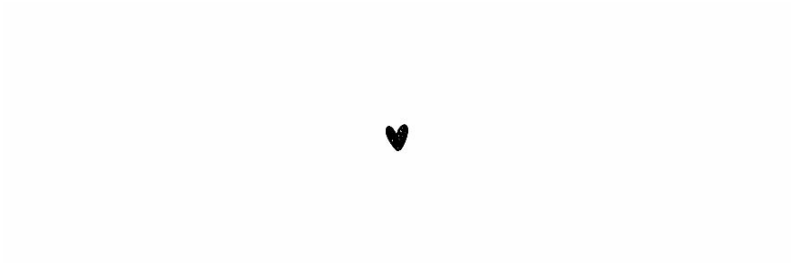
— Deixe-me ajudá-la. — Retiro algumas de suas sacolas e começamos a caminhar em direção à sua casa.

Por favor, Yeon, não fique chateado por eu estar indo jantar na sua casa hoje. Espero que possa me emprestar sua mãe apenas por algumas horas; afinal, ela ainda continuará sendo *sua* mãe. Pergunto-me se meu amigo está com raiva de mim, já que passou o dia todo me ignorando. Realmente não entendo o que se passa na cabeça dele.

Faço uma ideia do que está acontecendo, mas tenho medo de que seja real. Ontem, vi Yeon com Mary em uma conversa carinhosa; ela até tocou no cabelo do garoto. Aquilo doeu, mas a vida é dele. Provavelmente está namorando, e a menina não quer que ele fique muito com a gente.

Dou de ombros, limpando a cabeça desses pensamentos.

Mesmo assim, ainda crio paranoias em minha cabeça: se um dia ele oficializar algum tipo de relação, será como se todos os nossos anos de amizade sumissem?



Assim que entramos, posso ver Yeon com uma camiseta de manga preta e uma bermuda azul jogado no sofá da sala enquanto assiste a algo em sua TV. Seu cabelo está uma bagunça, quase como um ninho de passarinho.

Solto uma risadinha inconscientemente.

— Chegamos — Doria anuncia nossa chegada, fazendo com que o garoto se ajeite de forma inesperada no sofá. — Sam, pode assistir com ele. Assim que estiver pronto, chamo vocês — diz a senhora, amarrando um avental transparente em sua cintura.

Eu nem reparei que ela tinha seguido em direção à cozinha, mas corro atrás dela assim que percebo.

— Certeza de que não precisa de ajuda? — Pego a esponja e o detergente e me aproximo da pia.

— Certeza. — Doria retira ambos os utensílios de minhas mãos e me empurra para a sala.

— Parece que fui expulsa — reclamo, fingindo estar chateada, e a mulher apenas ri.

Aproximo-me do garoto, que se recusa a olhar nos meus olhos. Sento ao seu lado. Yeon parece bem centrado no filme que está assistindo. Finjo tosse algumas vezes, esperando, pelo menos, que ele me cumprimente com um "Olá" ou "Como vai"; falho em todas as tentativas. Já estressada, coloco a cabeça escorada sobre o braço do sofá e os pés em sua cabeça, até que ele olha para mim.

— Quer parar? — O rapaz tenta afastar meus pés.

Suas mãos estão geladas.

Estremeço.

— Na verdade, não... — Sorrio provocativa e jogo o travesseiro que estava no chão, próximo a mim, em seu rosto — Sério! Porque está me ignorando? — Franzo a testa.

— Não estou te ignorando.

Suas ações dizem o contrário.

— Você não está fazendo contato visual comigo nem por três segundos.

— Meu coração não aguenta mais olhar para essa sua cara feia — debochou. — É cada susto que eu tomo! — Yeon levou ambas as mãos ao coração.

Reviro os olhos.

O que mais eu esperava?

— Idiota! — Aproximo-me, ficando ajoelhada no sofá, do seu lado. Seguro seu rosto, virando-o em direção ao meu, forçando o menino a olhar para mim — E agora? — Sorrio vitoriosa.

Porém…

O feitiço vira contra a feiticeira.

Algo assim era normal para nós quando menores, mas agora, vê-lo com o rosto tão perto de mim... sentir sua pele macia e quente noss dedos… poder enxergar seus olhos intensamente, tão próximos; seus lábios semelhantes a pêssegos, que parecem ter sido cuidadosamente desenhados em um formato perfeito de coração... Isso me fez desejá-los apenas por alguns instantes, fazendo com que borboletas invadam meu estômago. Permaneço nervosa; chego a pensar ter ouvido as batidas de seu coração, quase tão altas quanto as minhas.

Antes que Yeon consiga perceber todo o desejo em meus olhos confusos, bato a testa contra a dele, tentando assimilar as coisas enquanto me permito ficar sã.

Talvez eu tenha exagerado um pouco? Sempre.

— Ai — resmungamos juntos.

— Venham comer — Doria grita da cozinha.

— Rum... — Levanto-me, cruzando os braços e seguindo em direção ao cheiro magnífico de alho-poró do tempero da mãe de Yeon. Tento, acima de tudo, equilibrar minha respiração.

Não posso deixá-lo notar como me deixa desconcertada.

♥

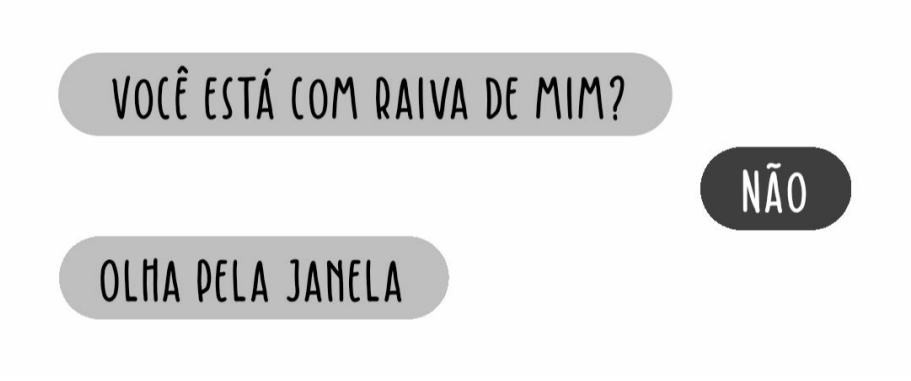
Já em casa, jogo o corpo sobre a cama toda amarrotada como se pudesse fugir de alguma forma.

— Oh, minha nossa! Este meu coração está quebrado, não dá mais, de jeito algum! Sério, poxa, senhor cupido. Se bem que… eu não deveria confiar em um ser que usa fralda, francamente.

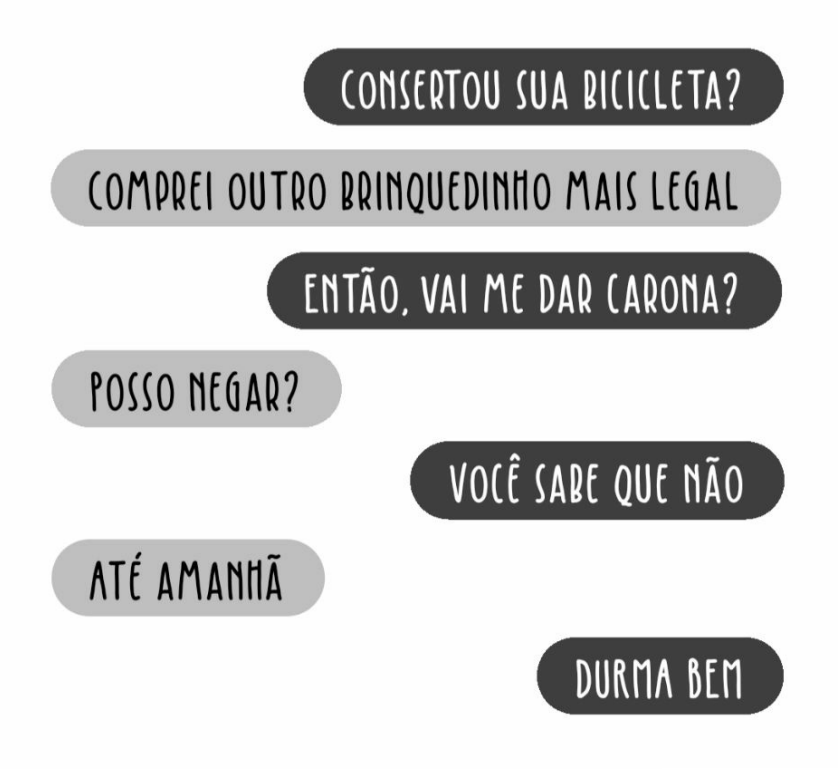
Coloco um travesseiro sobre o rosto enquanto não consigo parar de me mexer; estou completamente eufórica, como se partículas elétricas invadissem meu corpo e ficassem dançando ao som da canção que eu havia colocado na caixinha de música para disfarçar os surtos.

— Será que ele notou alguma coisa? — Levanto-me bruscamente. — Ou sabe de alguma coisa? — Viro-me confusa para a janela, que estava fechada. Ergo-me, ficando de joelhos sobre a cama e abrindo as cortinas em seguida. Sorrio quando vejo Yeon de costas para sua janela — e para mim.

Decido enviar uma mensagem em seu celular.



Aceno para ele, que faz o mesmo. Sorrio satisfeita. Continuamos a nos falar enquanto nos olhamos pela janela:



Ao descer e sair do prédio pela manhã, procuro pela minha carona, mas não o vejo. Não acredito que o infeliz fez isso comigo; pensei que iria de carona, até acordei mais tarde do que de costume.

No instante em que vou chutar uma pedra na calçada, sou surpreendida com uma moto que para ao meu lado, quase me causando um infarto de susto.

— Está doido? Quase me atropelou! — exclamo estressada para o garoto na moto, que tira o capacete e abre um grande sorriso malicioso. — Esse é o seu novo brinquedinho? — Arqueio as sobrancelhas, talvez um pouco interesseira.

Yeon estala a língua.

— Gostou, gatinha? — Entrega-me um capacete branco.

— Muito, minha nossa! Ela é linda.

Era uma moto preta com alguns detalhes vermelhos.

— É claro, esta belezura aqui é uma B…

— Seria legal se eu entendesse o que significa. — Yeon abre a boca para começar a explicar. — Nem tente, querido. — Cubro sua boca.

Antes de nos movermos, Yeon pega minhas mãos e coloca-as em volta de sua cintura. Permaneço imóvel, sem saber como reagir. Porém, assim que ele dá a partida, automaticamente abraço o garoto sem perceber. Logo vou ficando mais à vontade e sentindo o vento forte. Não sei o que me eletriza mais: a adrenalina da moto a toda velocidade ou o fato de estar tão perto do menino. Não entendo o motivo exato, mas sei que ele está sentindo as batidas do meu coração, assim como consigo sentir as dele.

Fecho os olhos enquanto tento decifrar quais das batidas que se misturam, mesclando-se entre si, são as dele. Quais serão as coordenadas para conseguir achar a entrada do seu coração? Talvez eu precise apenas de tempo para encontrá-las. Ou quem sabe devo apenas aceitar que estou muito longe para poder alcançá-lo.

CAPITULO 06

YEON

Saio cerca de trinta minutos antes do horário normal para não encontrar Sam; o contrário do dia anterior, quando fiquei esperando do lado de fora do seu prédio. Em vinte quatro horas, tudo tinha mudado. Não sei do que exatamente estou fugindo, mas, de certa forma, me apavora imaginar que ela pode gostar de mim. Nós nos conhecemos há tanto tempo, porém nunca passou uma situação dessas pela minha cabeça.

Nossas mães são amigas, e sempre brincamos juntos. Temos um relacionamento de irmãos praticamente; como algo assim surgiu? Os sentimentos dela são quase como um colapso no núcleo do meu universo, como se milhares de variantes temporais se misturassem à nossa realidade, causando uma grande explosão multiversal. Resumindo: existe uma em um milhão de chances de isso estar acontecendo, ou seja, é impossível.

Estou caminhando ao lado de Léo pelo gramado da escola — que está praticamente vazia. Sentamos em um dos bancos em frente à grama enquanto esperamos o prédio abrir.

— Por que você quis chegar tão cedo? — Leonard boceja, e acabo fazendo o mesmo.

— Lembra aquele… Não. Olha… Se um amigo próximo tivesse sentimentos por você, o que faria? — pergunto, seriamente frustrado.

— Foi mal, mas eu não gosto de você... — O garoto levanta as mãos para cima.

— Eu não gosto de você, idiota! — Cubro o rosto, indignado com sua péssima interpretação.

— Você leu o diário, não leu? — Ele gargalha.

Ele sabia?

— Digamos que sim, mas não faz nenhum sentido. — Tento indicar o óbvio, gesticulando com as mãos.

— O que não faz sentido? — Leo ri. — A Samantha gostar de você? — Meu amigo arqueia a sobrancelha direita.

Ele tinha lido, e mesmo assim fez questão de me entregar em vez de devolver para a dona, não sei o que pensar em relação a isso. Talvez ele considere mais a nossa amizade do que eu esperava; Leo fez questão de me entregar o diário primeiro porque sabia que eu não acreditaria se ele simplesmente me falasse. Na verdade, nem mesmo lendo estou conseguindo acreditar claramente nisso.

— Somos só amigos — afirmo.

— Você se importou, né? Mexeu contigo... — Ele aponta para o meu peito.

— Só estou preocupado que ela possa se machucar... — Coço a garganta. — Afinal de contas, ela é como uma irmã para mim.

— Você pode enganar todos à sua volta, mas, por mais que tente, não pode fingir para o coração por muito tempo. Quando perceber, pode ser tarde demais. — Após derramar suas palavras em cima de mim, Leo sai caminhando para longe, provavelmente rindo da minha situação. É algo que ele acha divertido, é possível que tenha gostado de bancar o cupido.

Sobre o que diabos Leo está falando? Se ele sabia sobre o diário, quem era a verdadeira dona, por que me entregou? Gostaria de nunca tê-lo lido, agora estou receoso por tudo. Se eu continuar pensando sobre isso, vou enlouquecer. Preciso agir normalmente.

— Oi, Yeon! — Sam se aproxima de mim com Cleo ao seu lado, como sempre.

— Logo será o aniversário da Samy, estávamos pensando em fazer algo especial. — Cleo coloca uma mão sobre meu ombro e a outra sobre o da sua amiga.

— Não exagere, Cleo, falta quase um mês ainda. — Sam ri e a garota com rabo de cavalo ao seu lado sorri empolgada. Isso depois de fazer sinal para que a amiga se cale, colocando o dedo indicador entre os lábios.

— Olha quem logo poderá ser presa — debocho.

— Agora poderei te fazer companhia em uma cela. — Ela revira os olhos.

Temos alguns meses de diferença na idade.

Lembro-me do aniversário de onze anos de Sam, quando seus pais compraram um bolo de abacaxi para ela, e seu irmão não a deixou comer. Como a menina é alérgica, passou toda a festa cabisbaixa enquanto os outros se deliciavam com o doce. Então, fui correndo à padaria que ficava do outro lado da avenida para comprar um pedaço de bolo de morango, já que era seu favorito; gastei toda a mesada. Fiquei sem comprar lanche por uma semana. Foi quando percebi que ela precisava de mim. Ou melhor, que eu queria protegê-la e garantir que estivesse feliz a todo instante, durante as quatros estações do ano; do momento em que todas as folhas das árvores caíssem até seu próximo florescer.

Agora, prestando atenção em seu largo sorriso espontâneo, noto que talvez eu fosse o

único errado, que provavelmente sempre a amei de uma forma tão escondida que nem eu mesmo pude perceber os sentimentos se formando.

— Preciso ir ao banheiro. — Corro em direção ao banheiro do primeiro andar, fechando a porta e me escorando na mesma, recuperando o ar.

É isso aí, alguma peça do meu cérebro quebrou, só pode.

Acho que, quem sabe, esteja apaixonado pela minha melhor amiga.



Assusto-me quando desperto dos pensamentos pelo toque do celular.

— Filho? Tem algo importante na escola hoje? — papai indaga calmamente.

— Não...

— Estou esperando você aqui fora. — Suspira. — Já liguei pedindo para que o liberassem.

Talvez eu possa aproveitar este tempo para pensar mais sobre a situação longe de Sam, colocar os pensamentos em ordem. Somente hoje. Não costumo sair com meu pai; normalmente, ele só me chama quando precisa de alguma coisa. No entanto, hoje deixarei ele me usar, para que eu possa usá-lo também. Caminho na direção contrária aos outros estudantes, rumo ao carro preto do Sr. Lee.

— Como você está? — pergunta no momento que entro no veículo pela porta da frente, ao seu lado.

Noto um cheiro forte; não era do meu pai, parece ser uma fragrância feminina. E não poderia ser da mamãe, já que ela usa apenas perfumes fracos e doces. Queria não imaginar isso.

— Estou bem, assim como a minha mãe. Desde que voltamos, o senhor não tem dormido em casa — engulo o nó que se forma na garganta —, está trabalhando muito?

— Abrimos mais duas franquias em duas cidades do sul. — Ele dá partida no carro. — Estou acompanhando cada uma delas.

Papai, Joo-jun, ou, como todos conhecem, “Sr. Lee”, é dono da sexta maior franquia de hotéis de Los Angeles. Às vezes, ele mesmo esquece que é pai ou marido de alguém. É verdade o que dizem: o poder sobe à cabeça de qualquer um. Por este mesmo motivo, minha mãe se negou a mudar do nosso apartamento para uma casa três anos atrás. Foi quando tudo começou: os desentendimentos frequentes, as trocas de olhares culpados e os suspiros frustrados de meus pais.

Papai é descendente de coreano, e eu puxei alguns de seus traços, como as pálpebras inchadas que deixam os olhos menores. Contudo, me pareço mais com minha mãe; os lábios rosados que parecem ter um formato de coração são como os delas, assim como o nariz levemente inclinado, com a ponta meio arredondada.

Através da janela do carro, observo o céu azul com algumas nuvens em formatos diferentes e peculiares. Certa vez, li que uma pessoa enxerga em uma nuvem a representação de sua mente, a interpretação de sua própria personalidade. Surpreendo-me ao notar um animal com orelhas triangulares em uma delas. Como, de repente, uma simples nuvem se torna um gato? Gatos são animais ariscos, mas confiáveis, meigos e doces.

Estou pensando novamente em Sam?

Talvez, meu medo seja não por ela, mas por mim. Não tem coisa mais frustrante do que não conseguir decifrar a própria mente. Entretanto, isso é algo comum entre jovens; nessa época, cada um procura desvendar o tipo de pessoa que está se tornando, afinal, a mente é a parte central de todo o caos.

— Fiquei sabendo que quebrou sua bicicleta. — O Sr. Lee estaciona o carro em frente à uma grande concessionária. — O que acha de uma moto?

Já tinha me esquecido de com quem eu estava.

— Pode ser... — Dou de ombros.

O que ele está armando? Desde que eu era pequeno, papai me comprava presentes para que depois conseguisse me ameaçar com eles. Infelizmente, esta prática se transformou em algo normal no meu cotidiano.

♥

Chego em casa ainda de tarde, e a Sra. Doria estava dormindo no sofá novamente.

— Mãe, deveria se deitar na cama... — Desperto-a com um sorriso e a acompanho até seu quarto.

Em seguida, vou para cozinha e coloco um pouco de arroz para cozinhar na panela elétrica. Corto em pequenas fatias a carne que estava no congelador, faço algumas saladas e depois tempero o feijão — o cheiro do tempero invade toda a cozinha. Deixo tudo pronto para minha mãe e, em seguida, depois de sentir o aroma de comida fresca, sigo para meu quarto. Jogo-me sobre a cama bagunçada.

Só consigo ouvir os sons de alguns vizinhos rindo; o restante é apenas um silêncio perturbador.

Quando estou quase pegando no sono, ouço o som de notificação do celular tocando constantemente enquanto o aparelho vibra sem pausa.

— Alguém está morrendo? — Levanto-me e pego o celular, que estava acima da cômoda.

Pergunto ao atendê-lo:

— O que houve?

— Assisti a um ótimo filme hoje, foi emocionante — Leonard choraminga.

— E?

— Precisava dividir este momento tão precioso com você — completa orgulhoso.

Como eu levo a sério um cara desses?

— Você precisa de uma namorada — debocho.

— Mas eu tenho você — ironiza.

Impossível refutar.

Leo é um ótimo amigo, nos conhecemos há mais ou menos dois anos. Ele é extrovertido, um pouco carente, confiável e totalmente intrometido. Se não fosse pela sua fascinação por romances melodramáticos e sua mania de cantarolar em momentos inoportunos — de querer sempre ser um cupido —, o menino seria um amigo perfeito.

— É mesmo! Já estava esquecendo, sobre o aniversário da Sam.

— O que tem?

— Cleo disse que, em vez de comprarmos presentes, nós juntamos alguma grana — ouço o barulho de um saco de salgadinhos sendo aberto — para fazer uma viagem.

— Não está em cima da hora? — Caminho até a janela, procurando encontrá-la.

— Eu disse a elas que você está com as chaves da casa de praia de seus pais. — Leo fica mudo. — Desculpa... — Ele desliga.

Suspiro.

O que ele pensa que está fazendo?

CAPITULO 07

SAM

— Como você pode ser tão idiota? — Encaro Alan, furiosa por sua falta de noção.

O dia é dele, mas eu havia esquecido e marcado com Cleo. O garoto não podia ser um pouco mais compreensivo?

— Não adianta, a TV hoje é minha. — Ele se acomoda em cima do controle.

— Por favor, combinei com a Cléo que iríamos assistir juntas — choramingo enquanto o menino de escuros olhos castanhos dá de ombros.

— Veja pelo celular, *notebook* ou por onde diabos quiser, mas hoje essa TV é minha.

A campainha ressoa pela sala, fazendo com que ambos prestem atenção na porta no fim do corredor por alguns segundos. Logo, contudo, voltamos a disputar a TV sob olhares raivosos.

— Chegou.

— Não me diga.

— TV?

— Na-na-ni-na-não.

Saio cabisbaixa em direção à minha amiga, que estava esperando euforicamente do outro lado da porta. É como imaginei. No entanto, assim que vejo seu rosto tristonho, meu coração dói.

Aquilo não é algo normal.

— O que aconteceu?

Ela me abraça.

— Eu precisava deste abraço. — Sorri normalmente, como se nada tivesse acontecido.

— O que houve? — Cleo entra e caminha até a sala, me deixando plantada na porta.

— Vou contar. Mas antes me explica por que seu irmão está assistindo à TV e não está no meu drama. — A garota coloca as duas mãos na cintura e encara Alan cinicamente. Ele dá de

ombros, demonstrando sua falta de preocupação.

— Acredita que confundi o dia de TV? Sabe, acontece... — Coço a nuca enquanto sorrio amarelo.

— O que faço contigo? Tá, okay, bora. — Cleo agarra meu pulso e me puxa até o quarto, fechando a porta em seguida.

Às vezes — quase sempre —, ela age como se essa casa fosse dela.

— Não precisa quebrar.

Sentamos na cama; Cleo, ao se acomodar, dobra suas canelas para trás — uma mania que tinha desde pequena; sua mãe sempre brigou por isso, mas quando é que a Cleo escuta? Já eu me sento normalmente, apenas cruzando minhas pernas.

— Sério, devia parar de sentar assim.

Rio.

— É mais confortável.

Ela dá de ombros e rimos juntas.

— Nem acredito que já se passaram duas semanas... — A garota de cabelos longos e castanhos coloca seu celular sobre a cama. Este gesto deixa evidente que ela estaria interessada em conversar por um bom tempo.

— Passou tão rápido...

— Agora falta apenas uma semana para o seu aniversário. — Seus olhos pareceram brilhar. Não sei dizer se é um brilho original da minha amiga ou apenas o reflexo da luz da janela.

— O aniversário é meu, mas você parece ser a mais empolgada. — Rio pela ironia.

— Claro — ela afirma.

— Mas agora vai me contar o que houve? — pergunto seriamente enquanto observo seus pequenos olhos brilhantes sendo tomados pela frustração.

— Às vezes, queria ser como você.

— Como eu?

— Sabe, nada te abala. Você lida com tudo com tanta calma, chega a dar medo... — Um sorriso escapa de seu rosto pálido.

Todos me veem como a garota de pés no chão; sou aquela que ajuda os amigos a criarem juízo, é quase irônico. Na verdade, tenho medo de tudo, até demais: de não ser o suficiente, de não conseguir ser amada, e são estes medos que prendem meu pé sobre o chão.

Tenho receio do modo de me expressar, de sentir; às vezes, até parece que estou fingindo tudo, como se todas as minhas ações fossem encenações. Não consigo ficar triste por muito tempo, pois sinto que é falso, que eu apenas quero chamar atenção de alguma forma.

Então é melhor não sentir nada e guardar tudo para mim.

Naquele dia do acidente na faixa de pedestre, eu estava morrendo de medo, com o coração na mão, mas simplesmente não conseguia expressar. Só pensava que, se chorasse ou fizesse qualquer coisa, estaria me fazendo de vítima; e eu não merecia ser tratada como uma, porque era minha culpa. Eu deveria ter voltado antes e arrumado as coisas como mamãe havia mandado.

Eu…

— Samy, está me escutando? — Cleo toca em meu ombro.

— Desculpa.

— Tudo bem.

— O que você estava dizendo? — pergunto.

— Papai vai se casar… em alguns dias. — Ela suspira. — Agora ele tem um filho, é como se esquecesse de mim. — Minha amiga deita sobre a cama.

— Isso te incomoda? — Acomodo-me ao seu lado.

— Todos dizem que não preciso me preocupar, que ele ainda continuará sendo meu pai. Mas…

Lágrimas escorrem pelo seu rosto.

Queria conseguir me expressar assim como ela, apenas chorar quando estiver triste.

— Mas...?

— Meu peito dói — suspira —, é fácil notar ele se afastando. — A voz de Cleo recua por alguns segundos, até que ela conclui: — Sei que estou sendo egoísta... — Senta-se, secando as bochechas.

Levanto-me em seguida, escondendo a garota entre os braços em um abraço apertado. Queria que ela sentisse que estava tudo bem, que o simples ato conseguisse confortar seu coração.

— Está tudo bem chorar quando se está triste, você não está sendo egoísta porque se importa. — Continuo abraçando a garota, mas agora consigo ouvir seus soluços abafados. — Não é sua culpa sentir demais, você precisa apenas chorar um pouco mais.

— Se eu chorar mais, este sentimento ruim vai passar? — choraminga.

Sorrio.

— Não posso garantir que a dor sumirá completamente ou da noite para o dia, mas, com o tempo, ela diminuirá. Pode demorar um pouco, porém, em algum momento, passará.

Afinal, nada dura para sempre.

Estou lhe entregando um ombro amigo, um abraço apertado e um sorriso reconfortante. Porque isso é o que eu gostaria de receber, em vez de gritos ou palavras vazias como “não chore” ou “está tudo bem”. Escutamos batidas na porta. Separamo-nos, nos encarando em seguida. Rimos como hienas logo após sussurrarmos “*que susto*”. Todo o nosso ambiente se colore novamente, apagando aquela tensão que havia se estendido entre nós.

— Sim? — tento saber quem estava batendo na porta.

— Você comprou *leite*? — Era Alan.

Aliás, quem mais seria? Kelvin está na escola e meus pais estão trabalhando.

Levanto-me, abrindo a porta logo depois.

— Comprei mês passado. — Suspiro.

— Acabou?

— Sim.

— E agora?

— Você sabe quem é o irmão mais velho aqui, não é?

Alan bufa, frustrado.

Não sei se é assim em todas as famílias, mas, por aqui, os irmãos mais velhos meio que sentem que os mais novos são como servos; é quase algo normal, sabe, que acontece naturalmente.

Até eu acabo mandando em Kelvin, às vezes.

— Você está ouvindo isso? — Alan me empurra e entra no meu quarto. No mesmo momento, percebo o ronco de Cleo, que acabou pegando no sono.

— Ela está dormindo? — Meu irmão escaneia a garota de macacão preto espalhada sobre a cama.

Inacreditável!

— Parece sim — encarei-a confusa —, como ela dormiu tão rápido? — pergunto para o ar.

Ela deve estar tão cansada mentalmente que isso fez com que seu corpo ficasse exausto; melhor deixá-la dormir.

Largo-a no quarto e vou para cozinha. Assim que noto a bagunça que Alan fez preciso respirar fundo para não voar sobre seus cabelos; eu havia arrumado tudo essa manhã.

— Você lavará sua louça — afirmo.

— Até parece que nunca faço nada.

Alan revira os olhos.

— E você faz? — Flexiono as sobrancelhas.

Alan sai caminhando para a sala como se eu não estivesse falando com ele, ou seja, me ignora completamente.

Começo a lavar a louça antes que meus pais cheguem, porque eles não brigariam com o irmão perfeitinho, e sim comigo. Isso me deixa com tanta raiva.

É tão injusto.

Desde que nasci, sou eu quem precisa fazer, quem precisa se explicar.

Às vezes, tenho inveja dos meus próprios amigos, e me odeio mais ainda por isso.

Cleo tem uma mãe tão jovial, dona de si e divorciada, e ainda conta com um pai que

compra tudo que ela quer. Contudo, essas coisas não preenchem seu coração; pelo contrário, sua vida se torna mais vazia.

Leo é extrovertido, gosta de tudo e de todos, mas nunca tocamos no assunto “pais” perto dele, já que os seus faleceram quando ele ainda era pequeno. Desde então, o garoto vive com seus avós, que, aliás, tem personalidades doces como pães de mel. Ainda assim, é nítido que ele sente falta dos pais.

E sobre o Yeonjun, é impossível não amar sua mãe, da mesma forma que é impossível não odiar seu pai.

De certa forma, sempre queremos ser outra pessoa, assim como Cleo gostaria de ser um pouco mais como eu, e eu como ela. O peso do outro parece ser mais leve que o nosso todas as vezes. No entanto, durante este tempo, percebi que todos carregam seus próprios medos e frustrações, e não cabe a ninguém além da própria pessoa julgá-los.

Por causa disso, não me permito sofrer; queria conseguir chorar e gritar o quanto estou frustrada com tudo, como eu gostaria que me tratassem melhor. Porém, ao contrário, aguento tudo calada; no final, não quero machucar ninguém da forma como me machucam, porque sei como dói. Como me esforço para tirar notas melhores, mesmo que nenhuma pessoa me elogie, elas só conseguem enxergar os erros. Há coisas boas em mim, ainda que agora até eu esteja esquecendo delas.

Na vida, sempre haverá um lado ruim, assim como sempre existirá um lado bom. O mundo é cheio de meios-termos, e o que nos torna humanos é poder escolher qual caminho seguir.

Observo o copo de vidro que reflete meu rosto.

Qual é o lado bom da minha vida?

Ainda vou descobrir, ou eu mesma precisarei criá-lo para mim?

CAPITULO 08

YEON

Sento sobre a grama verde de frente para o colégio enquanto observo os demais alunos andando de um lado para o outro. Escoro-me na grande árvore de madeira que hospeda as folhas de ipês amarelos mais belas de toda Los Angeles. Fecho os olhos, sentindo a brisa gelada do clima nublado passar sobre minha pele. Ela faz todos os pelos do meu braço se arrepiarem, ainda que estejam protegidos por três camadas de roupa. Mesmo com o cheiro de grama me incomodando, fazendo o nariz coçar, o momento ainda é relaxante.

Abro os olhos após alguns minutos, depois de ter sentido alguém sentar perto de mim silenciosamente.

— O que está fazendo? — Encaro atentamente a garota com uniforme escolar, tênis branco e uma blusa comprida de lã azul.

— Descansando... — Samantha fecha seus olhos.

— Este é o meu lugar, gatinha. — Flexiono as sobrancelhas.

— Agora é meu também, “gatinho” — ela debocha.

Apenas sorrio.

Dou de ombros, cerrando os olhos novamente.

Sempre que me sinto cansado mentalmente, gosto de pausar o mundo por alguns instantes. Ao fechar os olhos, é como se tudo à minha volta se tornasse mais devagar, e os problemas ficassem mais leves. Assim, me permito escutar as folhas das árvores dançando conforme o ritmo do vento, com a brisa flutuando sob meu nariz.

— Acho que vai chover — Sam comenta.

— Duvido muito.

— Não é muito divertido — diz a menina, impaciente.

— O quê?

— Fazer o que você está fazendo agora.

Abro os olhos, notando a garota, que curiosamente sorri para mim.

Descobrir que uma pessoa gosta de você, mesmo que nunca tenha percebido, faz com que pequenas faíscas comecem a crescer, junto com sentimentos escondidos. É como uma semente jogada aleatoriamente em um campo: sem nenhuma intenção, ela cria raízes e cresce aos poucos.

— Por que faz isso todos os dias?

— Para respirar. — Seguro o sorriso que se formaria em meu rosto. — Você provavelmente está fazendo errado.

— E desde de quando tem como fechar os olhos de maneira errada? — Sam estala a língua e solta um sorrisinho de lado.

— Não estou apenas fechando os olhos, e sim descansando minha cabeça. — Dou-lhe um peteleco na testa coberta pela franja.

Ela resmunga:

— Se fazer isso de novo, perderá a mão. — Cerra ambos os olhos.

— Que medo!

— Aí estão vocês!!! — Cléo corre até nós. — Ficaram sabendo?

— O quê? — Sam e eu perguntamos juntos.

— Não teremos aula na quinta e na sexta — a garota de cabelos longos cantarola.

— Meu aniversário é na sexta.

— Sim, dia 30 de agosto — Cleo confirma.

— E??? — pergunto confuso.

— Vamos viajar — a garota sorri maliciosa.

— Cleo, não acho uma boa ideia, meus pais não vão deixar.

— Então vamos escondidos. Sei muito bem como fazer as coisas em segredo — completa, orgulhosa.

Leo se aproxima com dois garotos; acho que são de outras turmas, já que não os conheço.

— Adivinha? — Cleo encara os rapazes. — Vamos viajar!!! — exclama.

Isto vai dar muito errado.

Sam e eu nos encaramos com meio-sorriso entre os lábios, parece que ela leu a minha mente.

Logo, a terceira sirene toca, indicando que a aula acabara de começar. Saímos correndo em direção a mais uma aula monótona, como sempre. Porém, mesmo ofegantes, não chegamos a tempo.

— O que estavam fazendo para chegar quase um minuto atrasados? — Mário se aproxima.

— Poxa, não foi nem um minuto. Poderia passar desta vez? — Cleo choraminga ao

mesmo tempo em que sua mão esquerda segura a direita, indicando um com os dedos.

Todos nós concordamos com ela.

— Para a coordenação. AGORA! — Em seguida, o professor bate a porta em nossa cara. Encaramo-nos por alguns instantes, até cair a ficha do que tinha acabado de acontecer.

— Vamos assinar o negócio lá, né? — Desta vez, é Samantha quem está choramingando. — Tínhamos que escutar a Cleo e ir pegar água antes... — A garota cruza os braços.

— Não obriguei ninguém — Cleo se defendeu —, como eu saberia que a aula era dele agora? — Bufa, cruzando os braços também.

— Não adianta ficar fazendo bico agora. — Encaro as duas.

— Concordo, vamos logo! — Leo caminha na frente. Ele segue seu próprio ritmo enquanto canta a música que ecoa em seus fones.

O restante do dia passa rapidamente. Quando me dou conta, eram três horas da tarde, o horário em que geralmente somos liberados. No entanto, algo parece estranho: as meninas não trocaram uma palavra após serem repreendidas.

Estamos andando em pequenos passos.

— Vamos comprar algo para comer? — Noto uma loja de conveniência que abriu há pouco tempo.

Todos permanecem em silêncio.

Aproximo-me de Leornad, perguntando silenciosamente o que há de errado com elas, mas ele dá de ombros e sussurra:

— Em briga de marido e mulher, não se mete a colher. — Faz um X com os braços cruzados.

— Hã?

— Quero um refrigerante. — Sam é a primeira a entrar no mercadinho. Vamos atrás dela.

— Quero algo doce... — Leo caminha disparado, seguindo Samantha.

— Não tem suco natural de morango? — A garota de cabelo longo e solto pergunta para a atendente, entrando logo depois.

— Provavelmente tem no armazém, só um segundo. — A balconista entra pela porta vermelha atrás dela e volta em alguns instantes com a bebida. Sam tinha comprado um refrigerante, e Cleo, o suco. Enquanto isso, Leo comprou uma sacola cheia de guloseimas e doces aleatórios.

O clima ainda está estranho.

Sentamos em um dos bancos da praça, perto de casa.

— Quero este. — Cleo pega algum doce da sacola de Leo, ao mesmo tempo em que o garoto procura algo em seu bolso.

— Ei! — resmunga.

— Aqui... — Sam oferece sua bebida para Cleo e recebe a da amiga de volta.

— Desculpa, Samy.

E todos rimos juntos.

Nenhuma amizade é perfeita, muito menos as pessoas nelas. Está tudo bem ter brigas e desentendimentos, desde que você saiba deixar seu orgulho para trás e pedir desculpas quando necessário. Nossos amigos nos ensinam como ser mais verdadeiros conosco. Transmitem força, coragem e esperança. Uma amizade verdadeira é mais do que algumas trocas de mensagens ao dia; é conhecer, entender e aceitar sem julgar. No entanto, críticas são necessárias para florescer.

Há dois tipos de críticas que apreendemos naturalmente pelo nosso senso comum adquirido: a crítica construtiva, com a intenção de ajudar alguém, e a destrutiva, com o único objetivo de julgar os erros. Nunca opte pela segunda opção.

— O que acham de irmos ao karaokê? — Cleo se pronuncia.

— Vamos! — Sam responde animada.

— Não poderei ir — Leo se levanta —, preciso ir para casa.

— Poxa... — Cleo bufa.

— Também preciso ir para casa hoje — digo frustrado, e as garotas cruzam os braços.

— Iremos outro dia, então. — Cleo dá de ombros.

Despedimo-nos: Cleo foi por um lado, Leo por outro, e Sam e eu começamos a andar na mesma direção.

Ela estava um pouco pensativa.

— Por que ficou chateada com a Cleo? — questiono, procurando saciar minha curiosidade.

— Ela gosta de fazer as coisas da forma dela. — A garota respira fundo. — Contudo, todos precisamos pagar por suas ações.

— Mas não foi nada demais.

— Para vocês pode não ser.

— E para você?

— Não gosto de ter pessoas me repreendendo.

— Da próxima vez, jogo você pela janela para dentro da sala, gatinha. — Rio.

— Engraçadinho! — Ela bufa.

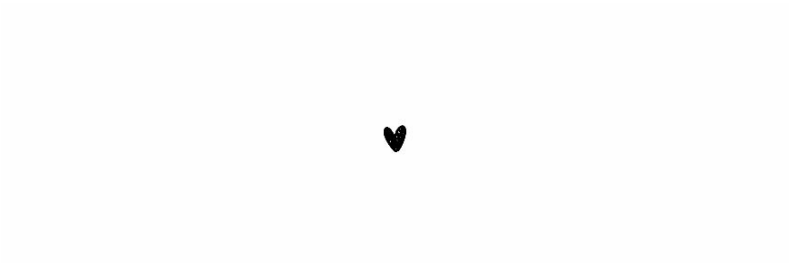
— Relaxa, se te repreenderem, você pode gritar de voltar. Os adultos nem sempre estão certos, da mesma forma que nem sempre estão errados. —Dou de ombros.

— Você é uma má influência... — Sam ri.

Finalmente aquela cara fechada desaparece.

— Você gosta dessa má influência... — Rio, provocando outro sorriso espontâneo em seu rosto.

Ela se encolhe e entra em seu prédio alguns minutos depois. Chegamos tão rápido! Queria que tivéssemos vindo mais devagar.



Após me jogar sobre a cama, noto a agenda preta atirada debaixo do armário. Lembro que aquele diário ainda estava comigo, que Sam provavelmente não deu falta dele; eu deveria apenas jogá-lo no lixo e me livrar de uma possível tentativa de explicação? Aconchego-me entre os travesseiros, na cabeceira da cama, tirando os sapatos e os jogando sobre o chão, o que me permite relaxar um pouco mais.

Observo o diário novamente. Entretanto, desta vez, há algo diferente em mim; está florescendo lentamente, e sou incapaz de controlar.

Fiquei desconfortável quando vi o caderno pela primeira vez; parecia que meu mundo estava desmoronando sobre minha cabeça. Mas, ao contrário disso, o diário apenas me deu uma nova perspectiva sobre a vida; sobre como não notei o quanto Samantha é importante para mim.

— Talvez eu devesse lhe dar algo específico neste aniversário? — pergunto a mim mesmo.

Porém, nunca a vi como mulher, sempre como uma irmã. Que presente eu poderia dar para a garota? Que mostrasse pelo menos um terço dos meus sentimentos...

Busco no *Google:* "O que dar de presente para a garota que eu gosto?" Aparecem várias opções de colares, ursos, cosméticos e até mesmo uma caixinha de música. Coisas que outras garotas provavelmente gostariam, mas não me parecem um presente sincero.

Quero algo que seja real.

Não que as outras coisas não sejam reais, o que estou dizendo?

Sou surpreendido pela mensagem de Sam:



Levanto-me e a observo acenando pela janela.

Um sorriso de orelha a orelha se forma involuntariamente em meu rosto. Sinto uma energia vibrante no corpo, dos pés até as pontas dos dedos das mãos.

Que sentimento é este que me faz querer tanto ficar ao lado dela?

CAPITULO 09

SAM

Yeonjun me diz apenas algumas poucas palavras, mas aquilo conforta meu coração de uma maneira que nem eu mesma posso prever. Hoje, acabei descontando as frustrações em minha melhor amiga; não é algo do qual eu deveria me orgulhar, os sentimentos sempre acabam prejudicando minhas ações. Poder observá-lo sorrir assim é tão bom. Aceno para o garoto, que está do outro lado da janela.

Até ouvir batidas na porta.

— Venha jantar, Samantha. — É a voz de minha mãe.

Caminho até a cozinha contando quantos passos são necessários para chegar ao meu destino.

Talvez eu esteja um pouco empolgada.

— O que está fazendo? — Alan bate seu ombro em mim propositalmente.

— Ai!!! — exclamo.

— Não grite, não viu que horas são? — mamãe me repreende sem ao menos entender a situação, novamente.

Bufo e sento-me na cadeira de frente para meu irmão mais velho, do lado de Kelvin, que sorri sonolento.

— Samantha, me ajude a arrumar a mesa antes — a senhora de cabelo curto na altura de seu rosto ordena.

Suspiro.

— Porque o Alan não pode ajudar? — acabo reclamando alto sem perceber. Normalmente, não gosto de reclamar das coisas; tudo bem, apenas aceito calada. Hoje, porém, algo estava diferente.

— Ele está cansado, o curso na faculdade está muito desgastante. — Minha mãe se aproxima de seu primogênito e coloca a mão direita sobre seu ombro, massageando carinhosamente.

— Também estou cansada — digo, quase como em um sussurro.

É nítido que todos escutaram mesmo assim, já que papai bate seu punho sobre a mesa de madeira.

— Está cansada? — pergunta papai. Antes que eu possa me defender, ele prossegue: — Deveria prestar atenção em suas palavras.

— Claro, desculpe. — Não consigo encarar seus olhos, que me fuzilam como pequenas farpas.

Não tenho coragem suficiente para ir contra ele. A minha vida toda fiz de tudo para conseguir que um simples elogio saísse de sua boca; desejei tanto seu carinho que comecei a gostar menos de mim. Se repetida várias vezes, a mentira começa a se tornar verdade aos poucos, meio que cria uma manta de ilusão sobre quem a escuta todas essas vezes. Faço tudo como mamãe diz e logo me sento na mesa. Em poucos segundos, todos devoram a comida em seus pratos.

— Seu último ano, já sabe o que irá fazer? — Papai retira seus óculos para me observar enquanto formulo uma resposta.

Talvez para não enxergar meu rosto, que o envergonha?

— Eu...

— Sim?

— Então, bem, eu quero ser…

Como você…

Não consigo dizer isso.

— Desembuche!

— Quero estudar Direito, pai... — Liberei o ar que segurei sem perceber.

— Você? — ironizou.

Sei que ele não confia no potencial que tenho, na verdade nunca ligou para isso. Mas ele é meu pai, cresci vendo seu esforço ao trabalhar: sua personalidade muda completamente, ele se torna sua melhor versão. Aos poucos, comecei a ter este sonho.

“Talvez assim ele possa se orgulhar de mim?”

“Talvez seja divertido estudar um pouco mais sobre isso.”

Foi o que pensei.

— Que ótimo! — Alan está empolgado.

Olho confusa para o rapaz, que suspira, ajeitando-se em sua cadeira como se tirasse uma mochila cheia de pedras das costas.

— “Ótimo”, meu amor? — Minha mãe, assim como todos nós, parece confusa com a ação inesperada do filho predileto.

— Meu pai me obrigou a fazer esse curso — encara o velho, que observa silenciosamente — porque queria que algum filho “seguisse seu caminho”. — O rapaz faz aspas com ambas as mãos.

No momento em que vou falar algo, ouço um som estranho. Noto que Kelvin estava dormindo com a cabeça sobre a mesa.

— Já tem alguém que sonha com isso agora. — Alan se levanta. — Isto não é um pedido, e assim um aviso: trocarei de curso na próxima semana. — O garoto caminha para o seu quarto.

— Olha o que você fez! — Papai se levanta e anda até mim.

— Eu?

— Por que precisou ter esta ideia inútil? — Ele encara a mulher, que se levanta.

— Desculpe, querido, a culpa é minha.

Rio, engasgada com o desconforto que sinto.

— Está achando graça depois de estragar o jantar? — Os olhos do homem estão firmes em mim.

Por que é sempre minha culpa? Afinal, o que eu fiz de tão errado?

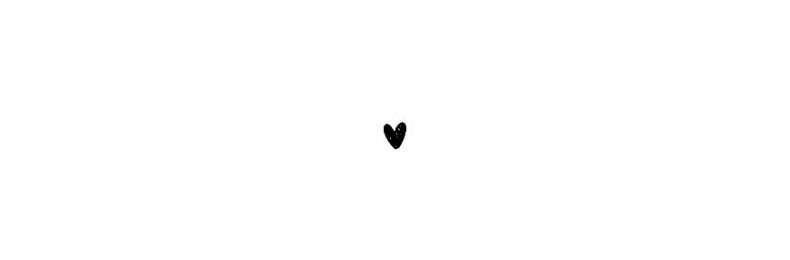
Queria conseguir respondê-lo, mas apenas continuo calada enquanto mexo os dedos entre si, em busca de alguma coragem.

Recebo um tapa no rosto antes que eu possa — consiga — reagir. A mão pesada de papai cai com toda força sobre meu rosto, que queima como nunca. Levanto o olhar em sua direção, buscando qualquer resquício de culpa. Espero por alguns segundos, implorando para que ele reconsidere suas ações, buscando encontrar razões para justificar o que ele acaba de fazer. Contudo, ao contrário das preces, sua expressão permanece intacta, as rugas em seus olhos e testa não se contraem nenhuma vez sequer.

Corro para o quarto às pressas, ignorando as palavras que ele pronuncia e me jogando sobre a cama. Ela está tão gelada quanto o coração dos meus pais.

— Que reação é aquela? Eu deveria ficar grata por ser humilhada? — Rio novamente.

Fecho os olhos por um segundo, buscando a sanidade de volta. Gargalho enquanto lágrimas salgadas inundam o travesseiro.



Acordo como em um pulo, me perguntando em que dia estou. Assim que me enxergo pelo espelho de frente para a cama, noto as olheiras fortes como nunca e os olhos tão inchados quanto bexigas de ar. Então foi assim que aconteceu? Suspiro ao me lembrar de ontem.

Ouço batidas na porta e caminho lentamente para abri-la. Há um pedaço de papel no chão, uma versão minha em Chibi chorando enquanto um boneco masculino me oferece biscoitos pedindo desculpas. Nem acredito que meu primeiro sorriso do dia foi por causa de Alan.

— Poxa, Alan — saio para fora procurando por ele —, aceitaria seu pedido de desculpas se os biscoitos fossem de verdade... — Limpo a garganta.

— Como estes? — O garoto aparece com olhar culpado e o cabelo amarrado em um rabo de cavalo baixo.

Meus olhos brilham.

— Ontem, no jantar, não foi minha intenção deixar tudo sobre você... — O rapaz para por um momento, provavelmente pensando em suas palavras, mas logo prossegue: — Novamente.

Lembro-me de quando ele descobriu o diário e me ameaçou por um mês inteiro. Porém, depois de apenas uma semana sem falar com ele, o garoto veio até mim todo arrependido. Acho que assim são os irmãos: sempre implicam com a gente, mas são a melhor fonte de confiança e carinho. Por mais que eu soubesse que ele nunca divulgaria meu diário, mesmo assim cedia à sua ameaça. Vez ou outra algum de nós exagera, mas, no final do dia, ainda somos irmãos.

— Agora você pode escrever naquele diário como seu irmão é legal — brinca.

— Me livrei dele, ou melhor, o destino fez isso por mim.

— Sua paixonite acabou? — Alan entra no quarto com a bandeja de biscoitos de gotas de creme de morango e se senta na cama como se esperasse por alguma fofoca.

— Sim, agora me entrega. — No momento que vou pegar a bandeja, ele a levanta.

Na verdade, ainda estou tentando...

— O que foi?

— Certeza?

— Sim, por quê? — resmungo, implorando para ter aqueles biscoitos sob minha custódia.

— Jurava que daria um namoro, não acredito que perdi a aposta! — ele se levanta indignado, deixando a bandeja sobre a cama.

— Aposta? Que aposta? — Fuzilo meu irmão com os olhos.

— Coisas de adulto.

— Se não me contar, queimarei sua coleção favorita de mangás importados. — Alan se fez de desentendimento. — Sim, exatamente aqueles que estão escritos em japonês — continuo, com uma voz melodramática —, do lado esquerdo, na terceira tábua da sua estante.

— CHEGA! — o garoto exclama. — A dona Doria e a mamãe falaram que vocês daria um belo casal, aí dei a sugestão de uma aposta. — Dá de ombros.

— Típico de você. — Reviro os olhos. — Pode ir embora. — Empurro o garoto até o lado de fora, batendo a porta na sua cara em seguida.

— OS BISCOITOS VÃO ESFRIAR! — ele grita, batendo repetidamente na porta.

— Irei aproveitá-los muito bem — respondo.

Dou uma pequena mordida em um dos biscoitos; conforme pressiono, o recheio em seu interior transborda para fora. Sorrio sozinha ao sentir o gosto divino e o doce exagerado.

— Sabia que nossos pais saíram hoje cedo? — Alan continua batendo na porta.

— Saíram?

Eles esqueceram? Que dia será depois de amanhã?

Abro a porta.

— Nossos pais precisaram sair correndo por causa de um cliente.

— Quando voltam?

— Parece que em alguns dias... — O rapaz flexiona os ombros.

— E Kelvin?

— Deixaram com o nosso avô.

Suspiro, deixando evidente o desconforto com a situação. Eles realmente esqueceram do meu aniversário. Eu não queria presentes caros e luxuosos, apenas um abraço; talvez ouvir com palavras bonitas: como sou especial e como ele estão gratos por me terem, assim como na TV…

Escutamos a campainha tocar e vamos atendê-la. Lá está minha amiga, aos prantos. Seus olhos doces estavam transbordando de lágrimas e seu nariz avermelhado.

— Ela de novo? — Alan revira os olhos e segue para seu quarto.

— Você precisa vir comigo, agora! — Cleo puxa meus braços com força para fora e me arrasta até o elevador. Sem dizer nada, ela me impede de fazer qualquer reclamação e manda eu entrar no banco de trás do carro de sua mãe assim que saímos do prédio.

— Ainda nem escovei os dentes — choramingo.

— Trouxe duas escovas novas. — Ela as retira de dentro do porta-luvas.

— Percebeu que tô de pijama, né?

O típico pijama rosa-bebê com pequenos morangos espalhados.

— Deveria parar com essa obsessão por morangos.

— Sua mãe sabe que está dirigindo o carro dela? — debocho, me sentido ofendida com

sua última observação.

— Sou maior de idade, claro que ela deixa! — O garota dá de ombros.

— Para onde estamos indo?

— Casamento.

— Vou te conceder três segundos para dar meia-volta — suspiro irritada. — Não quer que eu vá a um casamento assim, né?

Meu rosto ainda está vermelho.

— Calma, vamos a um salão primeiro. — Cleo pisca para o retrovisor. — Eu também não posso ir neste estado.

— Da próxima vez que me sequestrar, me alimente antes — resmungo. — Nem terminei de comer os biscoitos...

— Vou me lembrar disso da próxima vez — minha amiga concorda, empolgada.

Próxima vez?!

CAPITULO 10

YEON

Pego a mochila vermelha, que está no chão, sobre a escrivaninha de madeira bege.

— Mãe, a senhora viu um caderno preto por aqui? — Procuro debaixo dos móveis no quarto.

— Coloquei junto com seus livros na prateleira acima da cômoda. — A mulher aparece escorada na porta, com uma cesta entre as mãos.

Há algo diferente em seu olhar.

— Meu pai ainda está dormindo? — Ontem, ele chegou de madrugada.

— Sim, separe suas roupas sujas e coloque aqui. — Ela deixa a cesta branca sobre a cama. — Buscarei daqui a pouco.

— Certo.

Procuro roupas que pertençam a mim em todos os lugares possíveis e coloco onde ela havia mandado; na verdade, estou criando coragem para pedir as chaves. Estou pensando em devolver aquele diário para Leonard; se ele entregasse para Sam seria menos vergonhoso, mas simplesmente não encontro o caderno em lugar nenhum.

Caminho com a cesta até a lavanderia, do lado direito da cozinha, onde há uma máquina de lavar e uma secadora de roupas. De frente para elas, também existe uma pia e dois cestos enormes, um com roupa suja e outro com roupa limpa.

— Mãe, a senhora está com a chave da casa no litoral? — pergunto devagar, como se não me importasse muito com sua futura resposta.

Mesmo me importando.

— Sim, por quê? — Ao contrário de mim, ela demonstra total interesse no assunto.

— Queríamos comemorar com Sam — coço a garganta —, algo como uma surpresa em

um lugar legal.

Deslizo a mão direita sobre os cabelos e me lembro que não tinha lavado a cabeça no dia anterior.

— Logo será aniversário da Samantha, como eu esqueci? — A expressão em seu rosto é de preocupação — Seus pais foram viajar justamente esta semana?

— Eles foram?

— Sim, a mãe dela me mandou mensagem pedindo que desse uma olhada neles vez ou outra. — Minha mãe coloca as roupas dentro da máquina.

— Entendo...

— Eu farei o bolo. — Sorri empolgada. — Do que ela gosta?

— Algo com morangos.

— Certo. As chaves estão na gaveta da escrivaninha no meu quarto. — Mamãe pensa um pouco. — Assim que seu pai acordar, pode pegá-las.

— Obrigada! — Deposito um beijo em sua bochecha esquerda.

— Que dia irão?

— Amanhã.

No caminho de volta para o quarto, esbarro em papai, que aparentemente tinha acordado há algum tempo. Tendo em vista sua roupa limpa e cheiro de *shampoo* recente, ele acabara de sair do banho.

— Bom dia, planos para hoje?

— Nenhum.

— Vamos a um casamento comigo. — Sorri.

— Não quero, mas obrigada.

— Quer adivinhar o que há na minha mão? — Seu sorriso provocativo cresce no decorrer de suas palavras.

— A chave da minha moto? — Era algo a se esperar, mas eu não cederia mais às suas ameaças chatas. — Pode ficar com elas.

— Realmente? Que triste, pensei que não quisesse que eu a vendesse. — O homem se faz de triste.

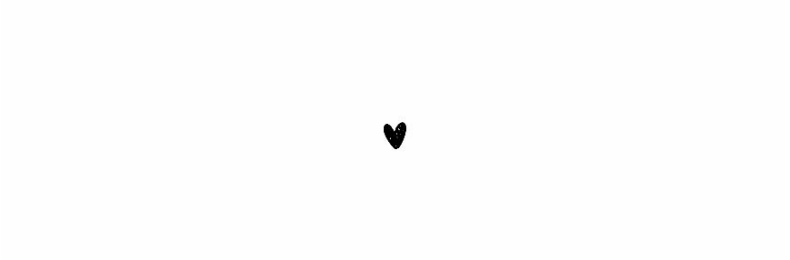
— O senhor acabou de comprá-la — refuto indignado.

— Você só precisa conhecer algumas meninas, são de excelentes famílias.

Sorrio ao perceber sua intenção.

— Deixe-me adivinhar novamente: “excelentes” futuros investidores.

— Como meu filho é inteligente! — Papai dá pequenos tapinhas fracos em meu rosto e caminha para a cozinha. — Saímos em duas horas. — Ele desaparece através do corredor.



Decido ir de moto, porque não aguentava encarar o sorriso cínico do Sr. Lee por mais tempo. Minha mãe está deslumbrante com um vestido longo bege, uma trança no cabelo e, pela primeira vez em muito tempo, um grande sorriso no rosto. Já o senhor Lee usa um terno azul e uma gravata de listras; seu cabelo está lotado de gel. Visto um terno preto, com uma camiseta e tênis branco. Divido a franja, diferentemente do que faço normalmente.

O local do casamento é um dos hotéis do meu pai, e a festa está acontecendo no jardim do terraço. Por esse motivo, precisamos pegar o elevador, por mais que eu não goste muito. Estas coisas sempre parecem que vão cair, e talvez, só talvez, eu tenha um pouco de medo de altura.

Como é de se esperar, a cerimônia está esplêndida: há grama por todo lugar, além de um grande teto de vidro. Estamos em uma estufa? Centralizado no local se localiza um grande anel de flores brancas, com um pequeno balcão solitário no meio. Todos ocupam seus lugares sobre as cadeiras brancas enfileiradas, enquanto os músicos tocam alguma canção não muito conhecida. O doce perfume de rosas é evidente no local.

No momento em que me viro para ver o restante da decoração, um sorriso bobo aparece em meu rosto: Samantha — ou, como sua amiga a chama, “Samy” — está do lado esquerdo das rosas brancas, à direita das mesas com petiscos. A garota sorri enquanto bebe algo em sua taça.

Um vestido longo e preto, rodado, de tecido filó, cobre todo seu corpo, exceto o colo e os ombros. Com isso, sua clavícula evidente fica à mostra. O tomara que caia do vestido tem a forma de dois triângulos na parte da frente, mas mal dá para perceber isso por conta do tecido filó que o esconde. Junto há um cinto preto que divide o tecido ao meio e conta com pequenos enfeites de pérolas. O cabelo da garota está diferente: ela aparece com um coque repleto de pequenas pérolas, e sua franja de sempre está encantadora.

Lentamente, meu coração acelera enquanto eu a observo; nem consigo descobrir quando ele começou a palpitar desta forma.

— Você por aqui? — Cleo abre um grande sorriso.

Diferente de Sam, sua amiga está com um macacão longo e branco com apenas uma alça, o que a deixa social e deslumbrante.

— Fui obrigado... — Dou de ombros.

— Viu minha obra de arte? — A menina sorri ao acenar para nossa amiga em comum, que começa a caminhar até nós.

— Sim...

— E o que achou? — provocou.

— Perfeita... — Tento disfarçar o sorriso bobo, mas é quase impossível quando Sam olha daquela maneira para mim.

— Só não pode se apaixonar! — Cleo crava seu cotovelo em meu braço esquerdo, e eu apenas concordo, não escutando mais nenhuma das palavras que ela continua a pronunciar.

Talvez eu esteja apaixonado pela minha melhor amiga.

— Yeon? Como? — Sam parece confusa com minha presença aqui.

— Papai me obrigou... — Levanto ambas as mãos, mostrando que sou inocente.

— É mesmo, este é o hotel do seu pai — Sam diz, pensativa. — Sabe de quem é o casamento? — Cleo e ela trocam olhares.

Indico que não com a cabeça.

— Do meu pai. — Cleo flexiona os ombros.

— Que mundo pequeno! — Coço a nuca envergonhado.

— Nem eu sabia, fui sequestrada esta manhã. — Os olhos de Sam fuzilam Cleo, que se encolhe atrás de mim. — E ela ainda me obrigou a vestir isso, não está muito exagerado? — Desta vez, ela me examina enquanto busca adivinhar a resposta.

Antes que meu cérebro consiga raciocinar, respondo à sua pergunta:

— Está linda, mais do que qualquer outra garota aqui.

Gostaria de ter escondido a cabeça; por que eu tinha de falar isso, dessa maneira?

— Minha nossa! Seu rosto está vermelho, Samy — A garota de rabo de cavalo alto ri —, mas nem se compara à ponta das orelhas do Yeon. — Cleo gargalha. — Vocês são uma graça! — completa satisfeita.

— Está frio.

— Está calor.

Samantha e eu dizemos ao mesmo tempo.

♥

A cerimônia iniciou logo após; não vejo papai desde que chegamos, nem mesmo mamãe. Demora quase trinta minutos até os noivos trocarem seus votos. De vez em quando, eu olho para as garotas, que parecem estar em um funeral: Cléo está tristonha como nunca, e Sam aparenta

consolar a amiga como a uma criança que acaba de perder o pai.

Enquanto todos se posicionam para pegar o buquê da noiva, sento em minha cadeira, esperando que tudo isso chegue ao fim e eu possa deitar na cama para dormir. No entanto, diferente do que eu esperava, a noiva tem o oposto de boa mira: sua coordenação motora é tão horrível que a gravidade ri da sua jogada. Ao invés de ir para trás, o buquê foi para frente, caindo exatamente no meu colo. Meu rosto queima de vergonha no momento em que todos me encaram e assoviam. Para me livrar do presente indesejado, entrego-o lentamente para Samantha, que está próxima a mim.

E só percebo depois o que tinha feito, quando todos gritam.

A menina sussurra:

— Eu sei que você só queria se livrar...

Respiro aliviado ao descobrir que ela me entende.

Observo lentamente seus olhos e sorrio assim como Sam. Nesse meio segundo é como se o mundo todo parasse e estivéssemos apenas ela e eu aqui.

Queria conseguir encontrar todos adjetivos que definissem sua beleza, dizer à garota todas as vezes em que meu coração acelerou apenas por tê-la perto mim.

— Sorriam.

Splash!

Cleo tira uma foto nossa enquanto ainda estamos segurando o buquê.

— Precisava registrar este momento.

Sorrio enquanto a garota, que para mim era a mais bela, repreende sua amiga.

— Yeon, você pode levar a Sam? Minha mãe resolveu dar carona para alguns parentes chatos... — Cleo revira os olhos.

— Sem problemas — assinto.

Como sou grato à mãe de Cleo neste momento, por me permitir passar mais algum tempo com Sam.

— Quase como um príncipe — nossa amiga ironiza.

— Desculpe não ter um cavalo branco — debocho.

— Você está com a moto? — Samantha pula empolgada.

Cleo e eu nos encaramos e rimos juntos.

CAPITULO II

SAM

Observo atentamente o garoto perto de mim enquanto esperamos o elevador subir até o terraço. Sorrio quando paro para perceber que ele não cede àqueles ternos de pinguins que seu pai provavelmente escolheria. Esse *blazer* preto cai perfeitamente em seus ombros largos, e a camiseta branca realça sua pele. É irônico notar que a roupa não precisa de uma gravata para ser um terno.

— Do que está rindo? — Yeon me encara desconfiado enquanto aperta o botão do elevador repetidamente.

— Vai acabar quebrando... — Encarei-o pelo canto dos olhos.

— É do meu pai mesmo. — Dou de ombros.

— Idiota.

Entramos no instante em que o elevador chega. Suspiramos aliviados. Assim que o casamento acabou, fui ao banheiro correndo e, quando voltei, todos já tinham saído. Inacreditavelmente, éramos os últimos.

— Você ainda tem medo? — Rio ao vê-lo segurando o apoio do elevador com ambas as mãos.

— Um pouco apenas... — O garoto respira fundo.

— Mas você usa todos os dias — me refiro ao elevador do seu prédio.

— Sempre me apoio bem — Yeon assente, desconfiando.

— Estamos quase lá. — Observo que nos encontramos no terceiro andar pelo placar eletrônico acima da porta.

Tudo escurece.

— O que aconteceu? — Yeonjun se posiciona de frente para mim.

— Provavelmente uma falha elétrica — encolho os ombros —, mas não se preocupe. Afinal, é do seu pai — debocho.

Eu não conseguiria enxergar o rosto do menino se não fosse pela lanterna do celular, que desligou três segundos após eu ligá-la.

— Tá de brincadeira — suspiro frustrada. — O meu telefone descarregou, cadê o seu?

— Uma história muito interessante, sabe: eu meio que esqueci em casa.

Procuro o botão vermelho de ajuda; porém, por mais que eu aperte, não há resposta.

— Alô, oiê, heye! Alguém?

— Eles não trabalham, não? — Yeon bufa decepcionado. — Preciso sair — ele pronuncia com dificuldade depois de se sentar de frente para a porta do elevador.

Algo está errado em seu tom de voz. Aproximo-me do garoto apenas para conferir, mas ele agarra fortemente meu braço esquerdo com sua mão direita. Antes que eu possa dizer alguma coisa, percebo como suas mãos tremem. Por preocupação, coloco minha mão direita sobre sua testa: Yeon não está com febre, mas sua como nunca.

— Tente respirar mais devagar... — A respiração do garoto está rápida e acelerada.

Eu simplesmente não sei como ajudá-lo.

Uma vez, ouvi que o melhor jeito de acalmar uma pessoa em um estado como esse é ajudando-a a controlar sua respiração. Mas como eu poderia fazer isso?

— Está tudo bem, logo esta porta se abrirá — seguro seu rosto com ambas as mãos —, consegue me escutar?

— Sim...

— Okay! Agora feche os olhos — falo calmamente — e conte comigo — começamos a contar lentamente —: um, dois, três, quatro… cinco, seis, sete...

No dez, as luzes se acendem e nós escutamos um estrondo antes de o elevador voltar a funcionar.

— Você está bem? — Noto a respiração de Yeon normalizando aos poucos. É quando percebo que eu estava segurando a minha também.

— Bem melhor, mas ainda preciso sair daqui. — Ele ri sem graça.

Como estou grata por ele estar bem!

— Estou tão aliviada! — exclamo euforicamente após me jogar sobre Yeonjun para um abraço.

Acho que não deveria ter feito isso.

Consigo sentir seu coração ainda acelerado e sua respiração pesada em minha nuca enquanto pronuncia:

— Obrigada... — Lentamente, suas mãos seguram as minhas. O que está acontecendo? Por que meu coração acelerou por causa de uma simples palavra dita por todos, exatamente todos os

dias?

— O QUE É ISSO?! — exclama a senhora de idade assim que o elevador abre suas portas, fazendo com que Yeon, escorado na porta, caia para trás. Eu, que estou abraçando o menino, caio em cima dele, lhe dando um selinho acidental.

Seus lábios são realmente macios como pêssegos, assim como imaginei.

O que estou pensando?

Também gostaria de saber o que é isso; por que, de todos os momentos em que esta situação poderia acontecer, tinha que ser justo agora, quando eu estava tentando superar Yeon?!

Levantamos completamente envergonhados e sem muitas palavras para nos explicar. A senhora de cabelos grisalhos também não está disposta a nos escutar.

— Esses jovens de hoje — a senhora xinga a cada fim de frase —, não sou obrigada a ver essa… — Yeon segura minha mão e começa a correr. — Esse garoto saindo suado do elevador!!! — a velha senhora grita xingamentos diversos enquanto corremos para fora.

♥

Sentamo-nos sobre a ponte que fica no parque público ao lado do hotel. Acho que nunca tinha vindo aqui antes. Há um rio enorme, rodeado por algumas árvores; a terra do solo parece coberta por um piso de madeira e existem vários vendedores ambulantes por todo o local.

— Isso foi constrangedor... — Yeon desliza sua mão sobre o cabelo encharcado de suor, mexendo a cabeça em negação.

— Você precisa de um banho! — Rio da sua situação, tentando esquecer do que estávamos fugindo poucos segundos atrás.

Retiro os sapatos e molho os pés sobre a água, já que a ponte é rasa.

— Acho que não pode fazer isso aqui — Yeon ri.

— Agora já era... — Dou de ombros.

Vivo me protegendo o tempo todo, mas, ao lado dele, me permito ser mais humana.

— Realmente, sou má influência — O garoto me analisa dos pés à cabeça.

Queria poder gritar como este vestido está desconfortável!

— Não sei se devo falar isso… — gargalho.

— O quê?

Aponto para seu rosto. Qual é a melhor forma de dizer algo assim sem que a frase saia

extremamente estranha e vergonhosa?

— Você está com meu batom — sussurro.

— Hã?

— Meu batom... — Sorrio sem graça.

— Como assim?

— SEUS LÁBIOS ESTÃO SUJOS DO MEU BATOM! — grito, já sem paciência, me arrependendo em seguida. — Desculpe.

Yeonjun limpa a boca com o *blazer*.

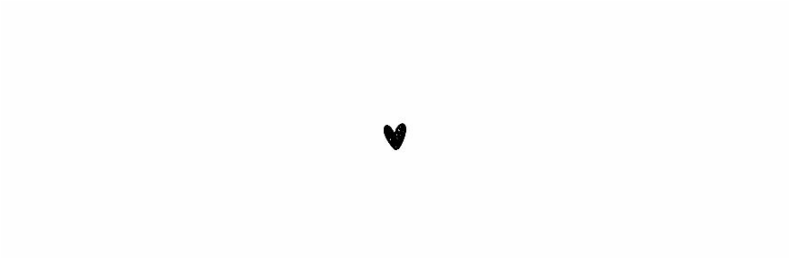
— Que gosto horrível. — Ele faz careta. — Por que não usa aqueles que têm gostinho de fruta? — resmunga.

Como ele sabe que há alguns assim? É algo comum?

— Quem está usando sou eu... Bom, estava. — Encolho os ombros.

Balanço as pernas sobre a água como se aquilo carregasse minha energia. Algum tempo depois, Yeon tira seu tênis e sobe a calça até o joelho, molhando os pés assim como eu. Não estávamos falando muito, mas sempre que os olhares se cruzavam um sorriso aparecia em nossos rostos. Por poucos minutos, sentimos alegria e emoção, ao mesmo tempo em que tudo à nossa volta congela.

A cena me faz pensar: se isso fosse uma comédia romântica, a situação atual poderia ser considerada um final feliz?



O restante do dia passa tão rápido que mal consigo notar; e aqui estou eu mais uma vez, espalhada na cama, relembrando como tudo aconteceu, finalmente sem aquele vestido que Cleo me fez usar. Aliás, estou com tanta fome! O único barulho que escuto é o do meu estômago revirando a cada vez que imagino algo calórico e totalmente gostoso.

Caminho até o quarto de Alan e bato em sua porta como se minha vida dependesse disso.

— O que foi? — O garoto sonolento abre a porta.

— Vamos pedir algo para comer? — Sorrio maliciosa.

— Quem paga? — Ele me analisa da cabeça aos pés.

— O adulto da casa! — Arqueio as sobrancelhas. Não era óbvio que seria ele?

Alan pede uma pizza e deixa bem claro que eu teria de ir lá receber. Ele entrega para mim

o cartão e a senha, e demora um pouco mais de uma hora e meia para a comida chegar. Meu estômago está pronto para criar um buraco negro de tão vazio, mas finalmente há vitória.

Assim que abro a porta, fico confusa ao ver Leo, que aparentemente expressa a mesma reação. Quebro o gelo que se estende por alguns segundos:

— Não sabia que estava trabalhando... — Analiso sua camiseta de uniforme vermelho com um boneco de pizza dando “joinha” desenhado.

— Tinha esquecido que você morava aqui... — O menino coça a cabeça preocupado.

— O Yeonjun sabe? — Provavelmente, se ele soubesse, encomendaria todos os dias para ajudar o amigo. Sei que trabalhar deveria ser algo normal, mas vê-lo assim sem qualquer aviso deixa as circunstâncias um pouco esquisitas.

— Não conta para ele. — Leo respira fundo. — Preciso comprar remédios para minha avó, mas não quero que o Yeon me dê dinheiro. — O garoto fecha os olhos, quase implorando para que eu mantenha seu segredo.

— Ele com certeza te obrigaria a receber — digo o óbvio.

— Poderia, por favor, não contar? — Leo segura minhas mãos.

— Tudo bem, mas posso visitá-la? — Retribuo o gesto.

— Claro!

— Então logo, logo irei passar lá, certo? — garanto, sincera. — Mas, quando der, fale com Yeon, você sabe como ele é.

Não tem nada mais importante para ele do que confiança, é como se fosse seu calcanhar de Aquiles.

— Eu sei, mas tenho meus próprios motivos.

Os segredos são tão cruéis quanto uma adaga; dependendo de quem os segura, eles podem ser lentos, mas mortais. Ou rápidos e doloridos.

— Não contarei a ele. — Sorrio amigavelmente.

Não importa quais sejam os motivos, é a vida de Leonard, e suas escolhas dizem respeito apenas a ele próprio. Por mais que queira, não posso revelar um segredo que não me pertence à outra pessoa. No entanto, advirto:

— Mas converse com ele assim que possível, certo?

CAPITULO 12

YEON

A garota empolgada de cabelos longos, blusa preta, com uma saia e um *blazer* bege, caminha até mim com Alan. O rapaz está com uma calça jeans clara, uma camiseta cinza e uma blusa de frio listrada.

— Cadê ela? — pergunto, buscando a protagonista do motivo de termos acordado tão cedo sem aula.

— Está dormindo. — Cleo revira os olhos. — Chamei o Alan, já que o Leo cancelou de última hora. — A menina dá de ombros.

— Fui segunda opção? — Encaro a garota ao seu lado indignado.

— Claro que não seria a primeira — ela debocha.

— Por que simplesmente não acordaram a Sam? — pergunto o óbvio.

— Não tive coragem; ela estava dormindo tão profundamente e, sabe, é o aniversário dela, como poderia acordá-la? — Cleo completa, cabisbaixa.

— Fui puxar ela da cama, mas essa doida aqui não deixou. — Alan analisa Cleo por inteiro.

— Se não formos agora, não vamos conseguir pegar os alimentos que encomendei — minto. Tinha outra coisa que havia pedido para que levassem até aquela casa; se eu trouxesse, Sam provavelmente descobriria a surpresa.

— E agora? — Cleo coça a cabeça preocupada.

— Tive uma ideia, está tudo no carro? — Encaro o porta-malas lotado.

— Peguei as malas dela que estavam prontas no quarto, tá tudo aí — Cleo assente.

— Vamos!

— Onde? — A garota parece confusa.

— Pegá-la!

Subimos até o apartamento de Samantha no quinto andar e caminhamos em passos rápidos até seu quarto. Não consigo evitar o riso: a garota que ontem parecia uma princesa, hoje estava jogada em sua cama com um pijama rosa de morangos, e seu cabelo solto cobria completamente seu rosto.

Aproximo-me de sua cama, colocando a mão direita por baixo de suas costas e a esquerda abaixo de seus joelhos, erguendo-a com os braços. Por um momento, Sam abre os olhos, mas logo eles se fecham novamente e, inconsciente, a menina ajeita seu rosto sobre meu peito.

Seu corpo está quente.

Repreendo-me mentalmente por tocá-la com minhas mãos geladas.

— Quer que eu jogue água na cara dela? — Alan sussurra, rindo. Ele desejava que eu concordasse com sua ideia.

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, Cleo dá uma pisada no pé de Alan, que precisa cobrir a boca para não gritar. Aquela botinha preta de salto fino deve ter doído.

Descemos pelo elevador mesmo. Apesar de eu não estar confiante depois de ontem, acho que não aguentaria descer as escadas com a garota no colo.

Coloco Samantha no meio do carro e sento ao seu lado logo após travar o cinto de segurança. Cleo ajeita-se no banco do motorista, e Alan se acomoda ao seu lado. Ambos vão na frente, ficamos apenas Sam e eu aqui atrás. No decorrer da viagem, a cabeça da garota perto de mim começa a descer lentamente; em algumas horas, ela vai do ombro para meu colo.

— Não acredito que até agora ela não acordou! — Cleo ri ao ver sua amiga pelo retrovisor, deitada, ocupando dois bancos de trás e usando minhas pernas como travesseiro.

— Falta muito? — Alan pergunta assim que tira os fones de ouvido.

— O GPS está bem ao seu lado. — Cleo mostra o celular.

— GPS uma ova! Me traga um milk-shake dourado! — Sam grita, absolutamente do nada.

Torna-se impossível mantermo-nos em silêncio depois de suas palavras totalmente sem nexo durante o sono: caímos na gargalhada, e a menina com a franja espetada senta-se assustada.

— Por que vocês estão no meu sonho? — Sam resmunga, ainda dormindo.

Cruzo os braços enquanto observo.

— Você não está sonhando, Samy — Cléo diz, rindo.

— Por que outro motivo minha cama estaria flutuando? — A garota coça seu braço e boceja em seguida.

Ela pisca algumas vezes, olha para ambos os lados e depois arregala seus olhos surpresa.

— O que está acontecendo? — pergunta Sam, na defensiva.

— Estamos viajando! — Cleo responde, ainda concentrada no volante.

— Despertou, gatinha? — pergunto, arqueando a sobrancelha direita.

— Por que não me acordaram? Estou de pijama!

— Acho que todos notaram isso... — Alan debocha enquanto sorri cinicamente para a irmã.

Sam olha furiosa para mim e para Alan.

— A Cleo não deixou ninguém te acordar — defendo-me.

— O Yeon te carregou até o carro — Cleo refuta.

Reviro os olhos.

Aquela traidora!

— Peraí! — Sam olha para os lados como se procurasse alguma coisa. — Cadê o Leo?

— Ele me mandou mensagem dizendo que não ia ontem à noite — explico.

— E por que o Alan tá aqui? — Antes que pudéssemos responder, a própria Samantha fala: — Esse aí não perde uma oportunidade para comer de graça!

— Diz a garota que não fica sem comer nem um segundo!

— Você!

O restante das quatro horas de viagem foi tranquilo: Alan e eu dividimos o volante com Cleo para que ela pudesse dormir. Observo a paisagem, compartilhando um fone com a Sam durante todo este tempo; colocamos todas as suas coisas no porta-malas e esquecemos seu celular em sua cama, pelo que parece.

Acordo assustado, não me recordo de quando peguei no sono. Olho pela janela a areia branca da praia e a quantidade imensa de água. Abro o vidro, sentindo o frescor e o cheiro da maresia do mar invadindo o carro e fazendo com que todos os jovens no carro respirem profundamente. Estávamos aliviados e um pouco eufóricos com a presença uns dos outros, com expectativas para um ótimo dia. Só de imaginar poder pisar descalço na areia, sentindo os pequenos grãos e escutando os sons das ondas...

— Chegamos! — Alan se pronuncia após estacionar ao lado da casa de praia de meus pais.

— Já? — Cleo boceja, e Sam a acompanha.

— Vamos, tô doido para dormir um pouco. — Desço do carro e caminho em direção à porta para abri-la.

— Aqui está tão limpinho, vocês vêm sempre? — Alan pergunta, curioso.

— Na verdade, não, mas acho que minha mãe mandou alguém limpar. — Dou de ombros.

— São quantos quartos? — Cleo sorri empolgada enquanto sobe as escadas para o segundo andar.

— Dois — respondo.

— Um para as meninas e outro para os meninos — Sam sussurra.

— O que acha da ideia de passar seu aniversário aqui, gatinha? — Sorrio.

— Interessante, vocês são muito exagerados... — Sam ri enquanto admira a casa com parede branca, o chão de madeira clara e as grandes janelas de vidros. — Um bolinho em casa já estava bom.

— O bolo chegou antes mesmo de nós! — Rio. — Minha mãe fez e mandou para cá quando ainda estávamos no casamento.

A garota de pijama de morangos abre a boca, espantada.

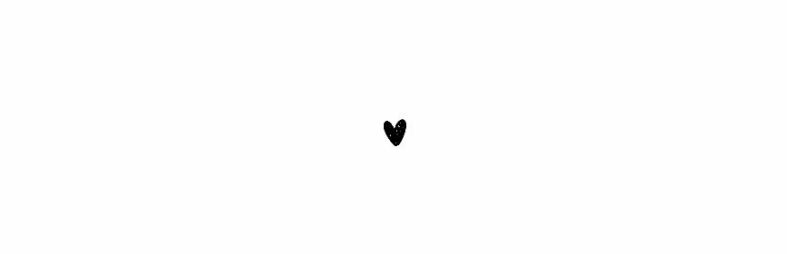
— Por que parece que estou esquecendo de alguma coisa importante? — Samantha coloca sua mão no queixo como se estivesse pensando profundamente em algo.

— Talvez um banho, ou sei lá... — aponto para sua roupa — ...trocar de roupas, ou pode ser escovar os dentes — completo, irônico.

— Oh, minha nossa! — A garota sopra o ar em sua mão direita, fazendo careta em seguida.

— Acho que você sabe o que precisa ser feito... — Rio.

Sam pega sua bolsa e sobe às pressas pela escada.



De frente para a entrada, fica a escada, que se divide em duas para o segundo andar; abaixo dela, ainda no primeiro andar, do lado direito, existe uma sala, a cozinha e a sala de jantar. As meninas ficam com o quarto acima da sala e nós ocupamos o quarto de frente para elas. Caminho até a sala, bem iluminada por causa das janelas de vidro, em direção ao sofá marrom; ele parecia estar me chamando. Jogo-me sobre o móvel e escoro o rosto em algumas das almofadas.

De repente, me lembro da última vez em que estive aqui — faz um tempinho. Acho que eu tinha pouco mais de dezesseis anos e viemos aqui para o aniversário da minha mãe; estávamos tão contentes. Queria poder recuperar todas as memórias felizes da infância e transformá-las em

vídeos em 4k, para poder vê-las sempre que quisesse. Porém, ao tentar me lembrar delas... do Sr. Lee me ensinando a andar de bicicleta pela primeira vez, de mamãe me abraçando durante a noite por causa dos trovões, da Samantha brincando comigo de pique-esconde... só me vêm borrões à mente.

Desde aquela data, minha mãe diz que esta casa é o símbolo do amor dela com meu pai. Se eu quiser ver um grande sorriso em seu rosto, só preciso perguntar como foi aquele dia que ela rapidamente se ajeita onde estiver sentada; se estiver em pé, a mulher sentará em algum canto e me olhará nos olhos com ternura enquanto conta como o Sr. Lee preparou o jantar — sim, papai sabe cozinhar — e a convidou para dançar descalço na areia.

— O que está pensando para sorrir assim tão calmamente? — Sam senta ao meu lado. Pelo cabelo molhado, a blusa de gola alta cinza, a saia preta e o *blazer* listrado azul-marinho, posso decifrar que acabara de sair do banho.

— Meus pais... — Sorrio.

— Quando foi que vieram aqui pela última vez?

— Um pouco antes daquele rolo com papai — falo baixo. Não é algo de que falamos sempre; na verdade, é quase um assunto proibido, e todos sabem disso.

— Sua mãe é tão forte... — a garota se aproxima de mim o bastante para afundar seus pequenos dedos em meu cabelo — ...e você também.

— Sou mesmo, né?

Ajeito-me sobre o sofá.

Fecho os olhos, sentindo o cafuné que Samantha faz em minha cabeça.

— É nítido como você se esforça para cuidar dela... — A menina sorri.

CAPITULO 13

SAM

Estamos todos na cozinha, cada um preparando alguma coisa — até o Alan, ainda estou impressionada. Enquanto Cleo lava a louça, Yeon e eu estamos fazendo o almoço e Alan prepara a salada.

— Onde tem sal? — Abro todos os armários ao mesmo tempo, apavorada porque deixei o óleo no fogo.

— Do seu lado, na gaveta de baixo — Yeon responde enquanto mexe seu molho.

— Obrigada.

— Gente, tem algum problema lavar as vasilhas com o lado verde da bucha? — Cleo pergunta, pensativa.

— São da minha mãe, ela vai ter um treco se você fizer isso. — Alan ri.

— Verdade — concordo.

— Imaginei — confirma a garota, vitoriosa.

Todos param no momento em que ouvimos a campainha ressoar bem alto.

— Quem é?! — pergunto curiosa, pois ninguém mora aqui.

— Vai lá atender — Alan resmunga.

— Tá bom! — Quando estou a caminho, Yeon me ultrapassa.

— Pode deixar que eu vou. — Ele coça a garganta.

— Samy, seu arroz está queimando! — Cleo exclama.

Saio correndo novamente até o fogão e desligo a panela. Mas agora estou bem curiosa pela forma como Yeon agiu: ele literalmente saiu correndo em busca do que estaria do lado de fora daquela porta.

Assim que terminamos nosso almoço, a campainha toca novamente; desta vez, Yeon não

se importou muito. Eram algumas coisas que ele encomendara para a noite: salgados, docinhos e bebidas. É mesmo, tinha até esquecido que hoje é meu aniversário. Todos eles juntaram dinheiro e separaram seu tempo para ficar um pouco mais comigo, para tornar este dia incrível. Vê-los assim aquece qualquer coração; sou tão grata por ter todos eles comigo, pelas risadas e pelos choros compartilhados.

Observo Yeon deitado novamente no sofá, enquanto Cleo sobe as escadas praticamente gritando meu nome. Alan, que está sentado no outro sofá, resmunga por causa do escândalo da menina. Agora, parando para pensar, é muito egoísmo da minha parte gostar de Yeon; ele é um ótimo amigo, e talvez seja melhor sermos somente isso: uma amizade de anos. Por mais que a decisão me entristeça um pouco, acho que agora estou completamente pronta para abrir mão desta paixonite adolescente.

Subo as escadas.

Todas as vezes que fez meu coração palpitar, o garoto estava apenas agindo como um amigo. Qual é o tamanho da minha loucura para pensar nele daquela forma? Ainda bem que o diário desapareceu para sempre.

— O que aconteceu para você estar gritando meu nome? — Adentro o quarto, onde Cleo está sentada sobre a cama, examinando a mala.

Não há muitas coisas do quarto: além da cama de casal de madeira, existe uma pequena cômoda e a porta do banheiro.

— Vamos para a praia! — A menina sorri empolgadíssima.

— Agora?

— Sim!

— E os meninos? Não vamos chamá-los?

— Para quê?

— A gente volta quando estiver anoitecendo.

— Ok! — Balanço os ombros.

— Veste este, é parecido com o meu. — Cleo joga um biquíni rosa na minha cara e pega um verde do mesmo modelo.

— Que infantil! — Rio.

Cléo sacode as mãos.

Coloco um vestido branco bordado por cima, enquanto minha amiga apenas veste um *short* jeans. Descemos as escadas como se fôssemos cometer um crime: bem devagar e cuidadosas. Passamos pela sala, mas, no momento em que abrimos a porta para sair, Yeon aparece do nada na nossa frente.

— Que susto! — Cleo coloca a mão no coração.

— Onde vão?

— À praia — respondo.

— Vou também — Alan grita da sala e corre até a porta.

Seguimos em direção a algumas rochas ao leste da casa em que estávamos hospedados. Caminhamos por mais ou menos vinte minutos apenas, mas Alan irmão já tinha resmungando umas trezentas vezes; não sabia se ria dele ou da reação da garota com todas as reclamações.

— Uma pedra me machucou! — O rapaz pula em um pé só por alguns segundos.

— Ela me fez um favor. — Cleo sorri após estender sua toalha lilás sobre a areia branca, a poucos metros do mar.

— Olha, acho que este lugar já está ocupado... — Noto uma toalha vermelha e outra branca penduradas acima de uma prancha a poucos metros de onde estávamos.

— Acho que não é nada demais. Não marcam lugar na praia, ou marcam? — Cleo parece confusa, mas os pontos de interrogação que se formam em sua cabeça logo mudam para exclamações quando Alan a levanta em seu colo. Gargalho com sua reação, como uma hiena boba, e dou um grito agudo assim que me sinto sendo levantada da mesma forma. Ambas somos jogadas na água gelada. Meu movimento automaticamente trava com o susto e o impacto do gelo que camufla o corpo quente.

Olho séria para Yeon, que dá dois passos receosos para trás. Caminho lentamente até o garoto de bermudão e um sorriso travesso.

Ele precisava de uma lição.

Conforme me aproximo, o menino recua para trás, até que tropeça em uma pequena pedra e cai de bunda no chão.

Junto todas as minhas forças e corro para cima dele assim que ele se levanta. Prendo suas costas, com os braços enrolados em seu pescoço e as pernas sobre seu corpo.

— Você realmente me jogou naquela água gelada? — pergunto, analisando o culpado.

— O que vai fazer? — Mesmo não vendo seu rosto direito, sinto o sorriso que se forma.

Antes que eu pense em uma solução, o garoto sai correndo como se eu nem estivesse em suas costas e entra no mar mais uma vez. Gargalhamos juntos, até que paro para prestar atenção em minha amiga. Aparentemente, ela teve a mesma ideia que eu, mas o resultado foi diferente. Cleo estava com ambas as pernas presas em volta de Alan e usava suas mãos para puxar o cabelo do garoto, que gritava e corria em nossa direção.

Foi muito divertido, mas rapidamente anoiteceu e tivemos que voltar. Pouco depois, estamos montando uma fogueira na praia, mais perto da casa. O cheiro da madeira queimando me lembra dos acampamentos em família; papai ama. Desde os meus três anos, nunca deixamos de aparecer. Cleo coloca música no carro e deixa passar uma *playlist* no aleatório. Na lista, todos nós colocamos nossas músicas favoritas; são gostos completamente diferentes, agora mesclados entre si.

— Está rindo aí sozinha por quê? — Cleo se aproxima de mim.

— Nem percebi.

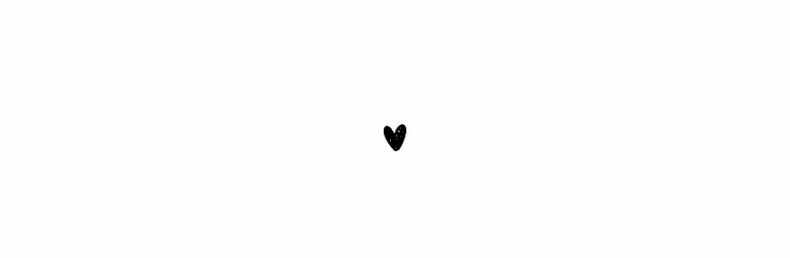
— Sei bem no que você está pensando, ou melhor, em quem. — Ela ri provocativa.

— Você está muito enganada — digo o óbvio.

— Para de ser boba, sério! Você deve estar no seu paraíso agora. — Minha amiga mostra Yeon mexendo na churrasqueira.

— Já superei, estou pronta para outra. — Sorrio orgulhosa, amparando o rosto com as costas da mão esquerda e mandando uma piscadela para Cleo.

Começo a caminhar até Yeonjun e, antes que pudéssemos ficar completamente longe uma da outra, posso ouvi-la sussurrando: Não acredito.



Sentamos todos ao redor na fogueira, nos lençóis que jogamos no chão. Se eles pegassem fogo, Cleo disse que assumiria a responsabilidade. Ninguém levou o pronunciamento a sério, achamos a ideia ridícula. No entanto, fizemos mesmo assim, e até agora não deu errado.

Comemos muito e conversamos sobre vários assuntos completamente aleatórios. Cleo fala sobre como ela planeja que será sua vida, e Alan discorda de todos os seus pontos: não importa o que ela diga, ele acha algo para reclamar. Yeon fala muito sobre seu sonho de cursar Física, sobre como pretende realizá-lo.

Foi quando percebi: todos eles estão pensando em seu futuro, enquanto eu ainda estou presa no presente, sem conseguir ter expectativas do que pode vir. Sei o que quero no futuro, mas não estou pronta para planejá-lo; tudo em que consigo pensar é como quero curtir este momento com eles, a escola e tudo à minha volta. Estou errada por não conseguir alcançá-los?

— Aqui o bolo. — Cleo chega segurando um bolo redondo, coberto por *chantilly* branco e rosa, com alguns morangos em cima.

— Ele tem cheirinho de baunilha e de morangos frescos — pulo empolgada —, tão doce.

— Assim como você... — Yeon coloca seu dedo indicador na ponta do meu nariz.

Sinto-me estranhamente confortável com seu toque inesperado.

Ele fecha os olhos por alguns instantes enquanto faz uma careta fofa.

— Vamos cantar o parabéns?! — Cleo convida e, em seguida, entoa a tão conhecida canção de aniversário. Olho para cada um deles enquanto seguem a melodia.

Sobre as estrelas e com um sorriso no rosto, antes que eu percebesse, sinto lágrimas descerem do rosto. Todos me abraçam, apagando qualquer sentimento ruim que eu pudesse vir a ter neste momento.

— Obrigada — seco as lágrimas —, devo estar parecendo uma boba chorando assim.

— Você vai chorar mais ainda quando vir o meu presente! — Cleo sai correndo em direção à casa, e os outros dois a seguem, deixando o bolo em cima da mesinha que havíamos tirado da cozinha.

De repente, estou sozinha, e o clima se torna mais frio.

Contudo, a noite rapidamente fica quente de novo, como se aquele vento gélido nunca tivesse passado por aqui: lá estão todos os meus amigos caminhando animados até mim.

— Gente, para que presentes? — Levanto-me, encarando-os com cara feia.

— Você tem que aceitar, que pena, porque não tem devolução. — Cleo me entrega uma caixa retangular branca. Assim que abro, vejo um vestido liso rosa pastel, com alguns detalhes bordados em magenta. — Viu? Fui eu que fiz! Minha primeira criação é para você.

Agora é Cleo quem está chorando.

— Ah, não, vou chorar de novo... — Os olhos começam a lacrimejar novamente.

— Que bom que não estamos de maquiagem. — Cleo me abraça.

— Você está com rímel — digo entre lágrimas, e a abraço apertado.

— Minha amiga é incrível! — Ela sorri ao me soltar. — Estou orgulhosa da pessoa que você está se tornando.

Como essa pequena frase pode mexer tanto comigo? É tão gratificante saber que alguém tem orgulho de mim, que essa pessoa acredita no potencial que tenho! Isso me faz querer ser uma pessoa melhor. Nem acredito que, a partir de amanhã, serei considerada adulta.

Não consigo conter os risos que se misturam às lágrimas assim que visualizo seu rosto completamente borrado pelo preto.

— Você está linda! — Alan diz depois de mostrar a câmera do seu celular para ela, rindo horrores. Cleo sai correndo. — Vocês são tão dramáticas! Aqui, pega.

Ele me entrega um papel de caderno rasgado onde está escrito: “Cupom Sorriso da Sam”.

— O que é isso? — Rio.

Meu irmão coça a garganta e me encara sério.

— Com esse cupom especial, você tem direito a três desejos. Eu não posso negar, não importa o que seja — pensa um pouco —, desde que não me mate, é claro. — Ele ri confuso, mas logo outra coisa chama minha atenção.

Escuto um som um tanto quanto estranho, mas não sei se realmente estou ouvindo o barulho ou se é apenas a imaginação.

Ouço novamente, várias vezes seguidas; percebo que o som está vindo de Yeon, ou

melhor, da caixa em suas mãos.

Algo como miados.

— O que é isso? — Encaro o garoto, curiosa.

— Seu presente! — Ele sorri de lado, me estendendo uma caixa quadrada e branca, com tampa florida. Retiro a tampa, o que me permite ver alguns furos nela. Porém, o mais impressionante é o pequeno filhote de gato que está deitado dentro da caixa enquanto lambe sua própria barriga. Pego o bichano, sentindo seu pelinho branco macio, e reparo em seus grandes olhinhos azuis, meio castanhos. Ele mia novamente.

— É meu????? — Por favor, diz que sim.

— Sim, essa é a gatinha número dois — diz Yeon.

— Aaaaaah, não acredito!

— É ela.

— Ela é tão fofa! — Coloco-a no meu colo, fazendo carinho em sua cabecinha tão pequena.

— Assim como você. — O menino sorri, mas logo tenta disfarçar.

— Você é o melhor amigo do mundo! Ahhh! — Entrego-lhe um grande abraço e um beijo na bochecha, com cuidado para não apertar a gatinha nos braços.

Agora eu aceito que você é apenas um amigo.

CAPITULO 14

YEON

Melhor amigo do mundo? Melhor amigo? Ela nunca me chamou assim! Ouvir aquilo me incomodou muito mais do que imaginei. Primeiro porque jamais pensei que ouviria isso. Segundo: por que Sam me chamou disso? Sério? Eu dou meu carinho para ela, isso não significa nada?

— Não vai tomar café da manhã, não? — Alan sai do banheiro com uma toalha na cintura e uma escova de dentes preta na boca.

— Não. — Viro-me de lado, cobrindo a cabeça com o edredom vermelho.

— Odeio ser o mais velho aqui.

Posso ouvir seus passos pesados sobre o piso de madeira, provavelmente estressado por alguma coisa.

Levanto de uma vez quando ouço um grito agudo. Saio correndo para fora do quarto, mas a única coisa que consigo fazer é rir. Deslizo a mão direita sobre o rosto, por fim cobrindo minha boca ao ver Cleo sentada no chão, tapando os olhos com a toalha de Alan, enquanto o garoto só de cueca tenta puxá-la de volta para si.

— O que aconteceu? — Samantha sai do seu quarto ainda sonolenta, com uma pantufa de coelho em um pé e o outro descalço. Seu pijama é o mesmo rosa de morangos, e o cabelo parece embaraçado. Logo atrás dela, a gatinha deita em seu pé enquanto coça suas pequenas orelhas.

— Se alguém visse essa cena, diria que foi roteirizado para uma série de comédia. — Rio.

— Não se preocupe, você não seria o principal. — Alan larga a toalha fazendo com que Cleo caia para trás. Contudo, antes que a mesma caísse completamente, sua amiga a segura, depois de despertar completamente.

O garoto com cabelo encharcado corre para o quarto, se escondendo logo ao lado da porta.

— Vai lá pedir a elas uma pasta de dente, esqueci de trazer. Aquela doida criou essa confusão! — sussurra Alan.

— Sam, seu irmão tá pedindo pasta de dente — digo.

— Peraí... — Samantha deixa a amiga sentada, corre para dentro do quarto e logo sai, me entregando a pasta, que eu dou para Alan.

— Samy, eu fui beber água. Aí, quando estava entrando no quarto, seu irmão trombou em mim, deixando a toalha dele cair — choraminga Cleo no colo da amiga. — Aquele idiota!

Samantha está feita com uma amiga tão dramática como a que tem!

Eu estava para descer as escadas quando me lembro que não pretendia sair do quarto tão cedo. O motivo por trás da decisão? Não sei, mas, ao meu ver, é melhor assim; se ela me chamar de melhor amigo novamente, posso acabar enlouquecendo.

Entro novamente no cômodo, sussurrando baixo:

— Melhor amigo... — Bato a porta e pulo sobre a cama.

— Claro que é melhor amigo, o cargo de irmão já está ocupado. — Alan aparece novamente, e obviamente escuta o que eu tinha falado.

— Não quero esse. — Cubro o rosto com o travesseiro.

— Quer qual então: irmã? — Sua voz se torna mais baixa ao pronunciar minuciosamente: — Namorado?

Levanto de uma vez.

— Não diga besteiras! — exclamo.

— Eu nunca aprovaria, de qualquer forma. — O rapaz dá de ombros após vestir uma camisa branca.

— Se eu quisesse, não precisaria da sua aprovação — digo, sério.

— Então há um “se” nesta história. — O garoto arqueia as sobrancelhas depois de algumas risadinhas irônicas.

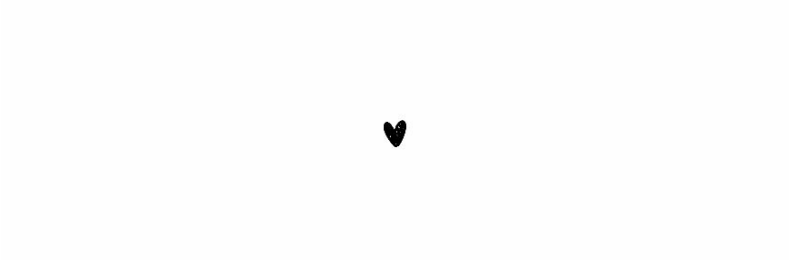
— Vou dormir! — Deito novamente, ignorando completamente sua existência até que ele resolva sair do quarto.

♥

Eu e Alan crescemos juntos também, quase como irmãos; porém, fiquei mais tempo com a Samantha, porque sempre estivemos na mesma turma. Ele é o pior de nós três quando se trata de

infantilidade. Mesmo sendo o mais velho, era mais como uma criança, enquanto Sam, ainda pequena, já se portava como adulta. É incrível como ela desenvolveu maturidade tão cedo, antes mesmo de mim.

Quando brincávamos pelo condomínio, ela nos vigiava, ficava com um pé atrás sobre tudo o que íamos fazer. Quando nos machucávamos, ela corria até algum adulto próximo, sempre tão proativa que irritava seu irmão. Para pirraçar, o garoto sempre sugeria brincadeiras mais físicas.



Acordo sentindo algo por baixo da coberta, andando pelas minhas costas: pequenas garras fofas caminham lentamente. Durmo e, quando desperto novamente, sinto meu cabelo da nuca sendo puxado; depois, percebo pequenas mordidas, até que uma crava bem fundo, fazendo com que eu me levante de uma só vez.

— O que é isso? — pergunto assustado, ainda sonolento.

— Escolhi um nome para ela. — Noto Sam acomodada próximo a mim.

— Mas eu chamo ela de gatinha número dois... — Ajeito-me sobre a cama, me acomodando ao seu lado.

— Larga de ser chato! Bem… o nome deste neném aqui é Meow — completa, convicta.

Eu falo para ela que o nome é esquisito ou deixo ela feliz sem falar nada?

— Que tipo de nome é este?

— Não gostou?

— Mesma coisa que chamar ela de gatinha. — Pego a filhotinha na cama e coloco no meu colo.

— Não é não, assim parece que estamos falando a língua dela — Sam explica o que só faz sentido em sua cabeça enquanto gesticula com as mãos.

— Sua mamãe é louca, Meow. — Faço carinho nas orelhinhas do animalzinho.

— Viu? Fica legal! Meow, Meow! — A garota sorri eufórica.

Samantha é tão fofa, queria abraçá-la apenas por um momento...

— Alan saiu para comprar algumas coisas, e Cleo está deitada. Aí a Meow e eu estávamos entediadas.

— O mais interessante seria me acordar? — pergunto, irônico.

— Queria te agradecer pela Meow, e por isso. — Sam mostra a corrente prata com um pequeno pingente de morango em seu pescoço; eu a tinha deixado dentro da caixa com a gatinha.

O colar com que eu pretendia confessar.

— Você achou?

— Obrigada...

Sam se aproxima de mim. Consigo sentir seu perfume doce de morangos frescos enquanto ela me envolve em um abraço, tão apertado quanto o da noite anterior. Por um momento, fico sem reação; algo está estranho em suas ações, é como se fosse uma despedida…

Sinto um aperto no coração: ela não pode desistir de mim, não ainda. Sei que meus sentimentos estão confusos, mas não posso viver bem sabendo que a deixei ir. No momento em que a menina está para me soltar, envolvo Sam nos braços, apertando-a sobre o peito. A única coisa que consigo sentir é a sua respiração suave nos ouvidos.

— Não vá ainda, apenas mais um pouco; fique comigo. — Fecho os olhos, perguntando a mim mesmo como posso ter sido tão idiota de não ter me apaixonado por ela antes.

— Yeon? — Sua voz doce soa confusa.

— Desculpe ter demorado tanto para perceber... — Ainda abraçados, posso ouvir suas batidas aceleradas.

Ela escapa dos abraços.

— Perceber?

Espero que não seja tarde demais para eu dizer.

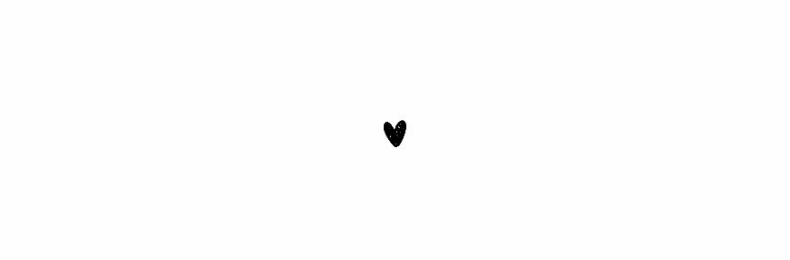
— Que talvez eu goste de você mais do que apenas como amiga — digo, com o coração na mão.

— Como? — Sam se afasta de mim, ainda confusa. Ela procura meu olhar.

Estes sentimentos conflituosos que sinto, a irritação frequente.

— Talvez seja amor.

Antes que ela consiga pronunciar qualquer palavra — por medo de a garota me rejeitar — seguro sua nuca com a mão direita e sua cintura com a outra, aproximando-a novamente de mim. Permito-me sentir seu corpo quente sobre o meu, mas desta vez a puxo para um beijo, que ela retribui no mesmo instante. Isso faz com que meu coração bata a mil por hora. Durante nosso beijo, carinhosamente retiro os fios de cabelo do seu rosto, colocando atrás de sua orelha, e ela se arrepia a cada toque.



— Vai desistir de mim, gatinha? — pergunto, ainda anestesiado pelo que acaba de acontecer.

— Agora, neste momento, “talvez” não. — Sam dá de ombros com pequenos sorrisos bobos.

Ajeito-me na cama e a puxo para perto de mim, colocando a gatinha no travesseiro, no meio. Sam deita sobre meu braço, acomodando sua cabeça em meu peito. Eu realmente consigo ouvir sua respiração suave e sentir sua mão delicada segurar a minha com tanto apreço enquanto Meow deita-se escorada em minha cabeça.

Talvez isso tudo seja um sonho?

— Eu estou sonhando? — Sam sussurra.

— Estamos?

— Posso te perguntar uma coisa? — Seu tom de voz fraqueja por um momento.

— O quê?

— O que você gosta em mim?

— Seu sorriso, sua personalidade espontânea, seu jeitinho de ser e seu amor por morangos. Basicamente, tudo.

— Gente! — Cleo abre a porta de uma vez.

Sam se levanta rapidamente, me empurrando para o chão frio fora da cama. Por pouco minha cabeça não foi partida ao meio pela quina da escrivaninha. Eu só queria abraçá-la por mais um tempo...

— Oi? — Samantha faz cara de paisagem, a mais falsa que eu poderia imaginar.

— Vocês dois estão aprontando alguma coisa, eu conheço muito bem as figuras. — A garota encara atentamente cada detalhe do quarto, como se estivesse procurando o lugar certo para colocar a peça do quebra-cabeça.

— O que houve? — Levanto-me, limpando a roupa e juntando o cobertor do chão.

— Estou ouvindo barulhos lá embaixo — diz Cleo, pensativa.

— Deve ser o Alan. — Dou de ombros.

— Não, o Alan saiu de casa a pé, e eu ouvi um carro estacionando. Vocês escutaram? — Assim que ela fala, ouvimos algo estranho: a porta da frente sendo destrancada.

— Fiquem aqui, vou ver o que é. — Saio em direção à sala principal, descendo as escadas

bem devagar. Paro no instante em que vejo papai agarrando sua secretária escorada sobre o balcão. — P-Pai?

— Yeonjun! — Ele se vira para mim assustado, e tenho certeza de que, pela surpresa em seu olhar, ele pensou que não teria ninguém aqui.

— Por que ela está aqui? — pergunto sobre a moça descabelada de blusa polo e saia preta.

Senti o mesmo perfume no carro dele naquele dia.

— Tínhamos que checar algo nesta região e pensamos em ficar na casa — diz o Sr. Lee, gaguejando.

— Checar algo na boca dela? — Rio de forma sarcástica.

— Não se faça de idiota, o que você está fazendo aqui?! — Meu pai altera seu tom de voz. Provavelmente nervoso por ser pego em flagrante.

— Minha mãe, aliás, sua esposa, me deu as chaves — digo, indiferente.

CAPITULO 15

SAM

— O que aconteceu aqui? — Cléo continua checando cada parte do quarto, ainda curiosa pela situação.

— O que poderia ter acontecido? — respondo, ainda com cara de paisagem, a mais verdadeira possível.

Como posso falar se eu mesma não acredito? Isso ainda pode ser apenas um sonho, entusiasmar-me com a situação só me deixará mais triste quando despertar.

— Não sei, me diz você com esse cabelo todo arrepiado — debocha minha amiga.

— Estava deitada. — Ajeito o cabelo.

A gatinha mia para Cléo, que sorri satisfeita.

— Então agora vocês têm um elo, não disse que tinha superado ele? — Ela ri.

— Isso foi ontem. — Coço a garganta e me levanto da cama, buscando um motivo para desviarmos da conversa. — Ele está demorando demais, vamos lá ver?

Cleo sorri empolgada, assentindo com a cabeça, e começa a guiar a trilha até a sala, andando calmamente na minha frente. Nada poderia superar a curiosidade da garota.

Bato a cabeça nela após a menina parar de repente, cobrindo a boca, surpresa. Para conseguir olhar também, seguro em seu ombro e coloco a cabeça do lado esquerdo, esticando o pescoço para ver o que ela viu.

Lá está uma moça de mais ou menos 1,69m, escorada no balcão, atrás do pai de Yeon. Este tinha uma manche de batom na camiseta branca do seu terno azul. É bem fácil adivinhar o que está acontecendo apenas por estes pequenos detalhes: o pai de Yeon está traindo sua mãe novamente. Da primeira vez, há mais ou menos dois anos, ele estava saindo com uma garçonete de bar; porém, quando a tia descobriu e foi pedir o divórcio, o homem jurou não faria mais isso e

pediu desculpas milhões de vezes — pelo visto eram desculpas vazias. Todos no condomínio sabem disso, pois a briga deles aconteceu na rua, de frente para ambos os prédios. Desde então, a mãe de Yeon nunca mais foi a mesma.

— Quem são essas? — O Sr. Lee nota nossa presença. — É a filha do advogado. — Ele continua: — Meninas, por favor, arrumem suas coisas.

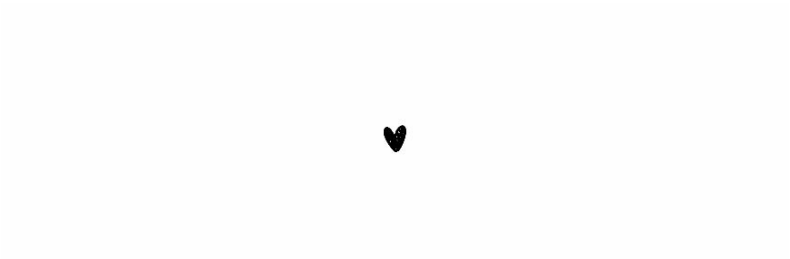
— Quem você é para expulsar minhas visitas? — Yeon se coloca entre ele e a gente. Cleo me olha confusa e eu retribuo com o mesmo olhar.

— O dono desta casa, e seu pai — diz o homem, firme.

— Primeiro que esta casa está no nome da minha mãe — debocha Yeon. Em seguida, provoca: — Que irônico o lugar que você escolheu! — O garoto levanta o rosto, que até agora estava cabisbaixo, e prossegue: — Segundo, a partir deste momento, deixei de considerá-lo meu pai — continua, indiferente: — Você nem merece ser chamado de pai ou marido.

Queria poder saber o que está passando na cabeça de Yeon neste momento: todas as frustrações que está sentido, como isso pode estar sendo difícil para ele. No entanto, mesmo tentando, eu nunca poderia imaginar como a situação está machucando Yeon.

— Acho melhor a gente subir — sussurro para Cleo, que confirma. Seguimos na pontinha dos pés enquanto os dois homens se matam entre olhares.



— O que diabos está acontecendo lá embaixo? — Cleo fecha a porta do nosso quarto e escora seu ouvido direito na madeira para tentar escutar, mesmo que seja quase impossível que um deles grite.

— Vou ligar para o Alan. — Começo a procurar o celular na bolsa. É bom falar para ele não chegar por agora.

— Esquecemos seu celular, lembra? — A garota diz.

Na verdade, tinha esquecido.

Vou para o lado da cama onde minha amiga está dormindo e pego seu aparelho debaixo do travesseiro com fronha branca.

— Não tenho o número do seu irmão. — A menina, agachada de frente para a porta, revira os olhos.

— Não tem problema, eu sei de cor. — Desbloqueio o celular.

— O meu também? — Ela se refere ao número.

— Claro, sei o número de todos vocês.

— Mal sei o meu, só decorei o da minha mãe. — Cléo comenta, impressionada, fazendo "joinha" com ambas as mãos e parando de prestar atenção na porta. É neste momento que ouço o toque dele e a porta se abre, fazendo com que a garota caia de bunda no chão.

— O que está fazendo aqui?

Vou para cima de Alan, mas Cleo me ultrapassa e agarra o braço direito do rapaz.

— Como está lá embaixo, a gente vai embora agora? — indaga, preocupada.

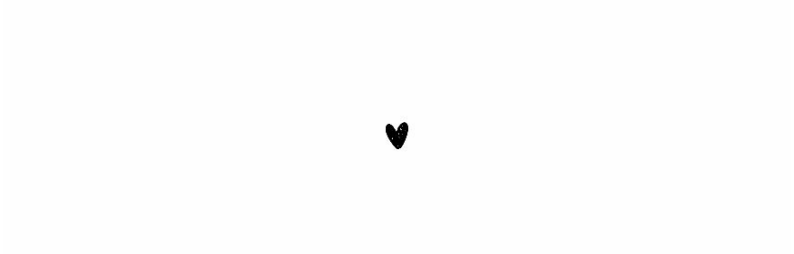
— O quê? Não tem nada lá embaixo. — O garoto, com uma camiseta branca e uma calça jeans com rasgos no joelho, encara Cleo e eu, tentando entender sobre o que estávamos falando.

Saio correndo, descendo as escadas novamente. Só que desta vez não encontro ninguém; algo deve ter acontecido, ou melhor, está acontecendo.

Vejo Alan e Cleo descendo as escadas, mas o semblante de Alan se mostra preocupado. Provavelmente minha amiga contou tudo para ele.

— Acho melhor arrumamos nossas coisas — engulo em seco — e irmos embora. — completo, pensativa.

— Concordo — Alan confirma enquanto Cléo faz cara feia, provavelmente chateada por ir embora sem ter aproveitado quase nada da viagem que ela tanto planejou.



A viagem de volta é muito mais rápida do que a de ida. Cleo estava mal-humorada e não deixa Alan dirigir nem um momento sequer. Por fim, meu irmão cansa de insistir e começa a prestar atenção no jogo do seu celular. Enquanto eu, sozinha no banco de trás, sentada ao lado da janela, ainda continuo pensativa durante toda a viagem. Fico imaginando todas as hipóteses possíveis do que aconteceu, talvez buscando uma resposta que não parta o coração de ninguém.

Como Yeon deve estar? Ele já foi para casa? Já mandei dezenas de mensagens perguntando as mesmas coisas.

— Mamãe me ligou, disse que voltarão apenas daqui três dias. — Alan para de frente para mim, atrapalhando minha vista da TV.

— Certo — confirmo, e balanço as mãos, indicando que ele saia logo de onde está.

— Não deveria ir atrás do seu "melhor amigo" — Alan faz aspas com ambas as mãos —

ao invés de ficar aqui sentada no sofá de pernas para cima?

— É assunto dele. Se não quiser falar comigo, não posso obrigá-lo. — Dou de ombros.

Na verdade, estou me sentindo horrível; jurava que tinha acontecido algo legal entre a gente mais cedo e, depois daquilo, provavelmente estaríamos entrando em algum tipo de relacionamento. Mas Yeon não responde às minhas mensagens e ignora as ligações. Mesmo com o que aconteceu, sei que ele não me deve explicações da sua vida, mas podia ao menos ter algum tipo de consideração comigo. Por que ele é sempre assim?

— Cansei de assistir, pode ficar. — Entrego o controle remoto na mão do meu irmão. — Vou estudar, logo as provas chegarão.

— Estudar? — ele indaga, pasmo.

— Preciso colocar a matéria em dia.

Ou melhor, preciso achar outra coisa para pensar.

Alan segura meu ombro, impedindo que eu dê continuidade ao caminho.

— Você está agindo muito estranho, alguma coisa aconteceu? — pergunta preocupado.

— O que poderia ter acontecido? — Solto sua mão e saio em passos largos até o quarto, fechando a porta. Logo depois, me sento ao lado da cama, que permanecia igual à quando fui dormir duas noites atrás.

Meow sobe no meu colo e começa sua batalha ao tentar pegar os fios de cabelo, que estavam altos — nos ombros — demais para que a gatinha alcançasse. Sem ao menos perceber, duas lágrimas fujonas escapam de meus olhos e deslizam pelas bochechas, caindo sobre a boca. Seu gosto amargo desencadeia frustrações que eu estou tentando esconder.

Seguro o choro para não chamar a atenção de Alan; não poderia me dar ao luxo de ficar abalada por causa disso. Yeon deve estar passando por mais do que eu; ele deve estar se sentindo horrível. Como eu poderia comparar minha dor à dele? Acabo adormecendo no chão, mas acordo sobre minha cama ao amanhecer. Hoje não tem aula, o que eu posso fazer?

Visto uma calça lisa preta e coloco uma blusa de frio cinza. Pelo clima nublado da janela, poderia muito bem chover agora, mas isso não atrapalha os planos de visitar Cleo; ela praticamente me intimou a ir.

Minha amiga tem muitos *hobbies*: ela gosta de pintar — tanto que a maioria dos quadros no seu quarto foram feitos por ela mesma; também gosta de costurar — como mostra o vestido que me deu no aniversário; e curte ler, geralmente poemas ou livros antigos. Costumo sempre falar que ela provavelmente nasceu no século errado. Mas logo mudo de opinião quando penso em sua personalidade a frente de qualquer tempo.

Já eu gosto de escrever — acho que foi um dos motivos pelos quais comecei com meu diário — e de ouvir músicas em quase todos os momentos. Tenho poucos *hobbies*, mas sempre experimento todos os que Cleo pratica, mesmo não sendo muito boa neles.

— O que acha desta? — A menina me mostra uma cor de tecido de um verde-capim na sua apostila.

— Acho que sim — afirmo.

— Me dê uma resposta com mais convicção, não estou segura com o que você diz. — Cleo cerra os olhos para mim.

— Onde você vai usá-lo? — pergunto pensativa, vendo o desenho do vestido em uma folha de papel acima da cama.

— Na peça de teatro que teremos no próximo bimestre, vou garantir o papel principal — diz, confiante.

— Nem sabe se vai ficar com o papel ou qual será a história, mas já está fazendo o figurino? — indago, incrédula.

— Por que não? — Cleo franze as sobrancelhas.

CAPITULO 16

YEON

Simplesmente não consigo pensar em nada, só em como alguém poderia ser assim. Mamãe amava cabelo curto, mas, por causa de papai, decidiu deixá-los crescer; ela gostava de ir ao *shopping* com as amigas e adorava trabalhar como diretora na empresa, mas desistiu de tudo para ficar em casa há cinco anos, quando o Sr. Lee começou a questioná-la sobre como deveria se portar. Eu era pequeno, porém ainda consigo me lembrar de como era o sorriso da minha mãe diariamente. Depois que ela começou a obedecê-lo, meu pai se cansou facilmente: começou a ignorar as mensagens e as ligações, a chegar tarde ou dormir fora, e aí aconteceu o escândalo com a amante.

— Aonde você vai? — Papai pergunta no momento em que ignoro sua presença e caminho em direção à porta da frente.

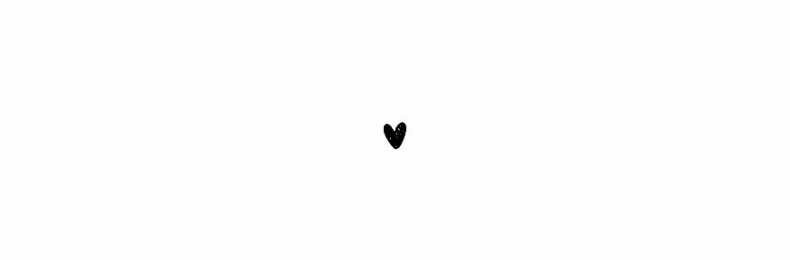
— Contar para minha mãe. — Em outras circunstâncias, a frase soaria infantil, mas ela é a pessoa que mais precisa saber sobre tudo. Esconder isso de mamãe seria como guardar algo afiado debaixo de seu colchão; eu nunca conseguiria esconder algo assim.

— Não seja infantil! — O Sr. Lee ri. — O que acha que pode acontecer? — Ele segura meu ombro e completa de forma arrogante: — Ela não vive sem mim.

— Vamos ver. — Retiro a força da mão dele em mim e saio para fora. Ele me segue, e atrás dele vem a moça, que debocha silenciosamente.

— E seus “convidados”? — o homem pergunta, ajeitando o terno.

— Não se preocupe, eles são bem mais responsáveis do que você.



O Sr. Lee manda a garota embora e exige que eu entre no carro. Sem muita opção, faço o que ele ordenou. Durante toda a viagem, só consigo pensar em como devo contar à mamãe, como consolá-la diante da situação.

Toda vez que ouvia sua respiração ao meu lado, minha cabeça pulsava, ainda mais quando ele tentava dizer alguma coisa para mim. Para ser sincero, não conseguia escutar nada do que papai falava até o momento em que chegamos à cidade novamente.

— Limpe sua mente, não tem por que preocupar sua mãe com isso — o Sr. Lee suspira —, esta foi a última vez, eu realmente não iria encontrar ela de novo.

— Se esta foi a última vez, com quem seria a próxima? — pergunto, sério. Inexpressivo.

— Não fale assim, sabe como eu sou — meu pai afina sua voz, e eu fecho os olhos por alguns segundos, buscando palavras para mascarar suas ações — apaixonado pela sua mãe.

Ele estaciona o carro.

— Esta é a sua forma de amar? — Ele realmente não nota os próprios erros?!

— Você é… será como eu — Sorri. — Daqui há alguns anos, irá me entender.

— Nunca serei como você. Jamais machucaria alguém desta forma ou trairia uma pessoa que eu gosto, como você faz. — Cuspo tais palavras querendo acreditar nelas. É como se a frase dele corresse minhas veias; o medo de ser como ele me deixa abismado.

Meu celular toca. É Sam. No momento que vou atender, o Sr. Lee tira o aparelho à força de minhas mãos, uma tentativa falha de me calar.

— Obrigado pelo celular e pelas chaves da moto. — Sorri provocativo.

Como pode uma pessoa usar de tantas feições diferentes na mesma hora?

— Aliás, preciso fazer uma ligação.

Com seu celular, ele digita alguns números que parecem um pouco familiares. Em alguns segundos, um cara com voz firme atende.

É o pai da Samantha.

— Sr. Queiroz? Sim, sim aqui é o Sr. Lee. — Gargalha. — O prazer é meu, claro.

Ele me encara por um instante.

— O que está fazendo? — Enfrento-o sério.

Um sorriso diabólico se forma em seu rosto amargo.

— Soube que sua filha passou a noite fora, me preocupo em como as imagens de nossas

crianças possam refletir em nossos trabalhos. — Tento tomar o telefone dele, mas o home segura com força meu pulso. — Deve ser difícil criar uma criança tão problemática. Não, não, claro, ok.

Assim que o celular desliga, ele me encara como se esperasse algo de mim, palavras ou ações. Papai queria ter certeza de que eu tinha cedido às suas ameaças.

O que eu poderia fazer? De que forma isso poderia machucar Sam? Contudo, uma coisa é certa: ele realmente sabe o que estava fazendo.

— Sinto nojo de ser seu filho — cuspo a indignação e abro a tranca da porta —, de ter o seu sangue. — Fecho a porta com toda força.

A culpa foi minha. Eu mostrei que me importava com Samantha, e ele descobriu uma brecha para me machucar, já que os brinquedinhos que dava não tinham o mesmo resultado de antes. Agora, a Sam pagará pelo que falei e questionei.

Eu simplesmente não sei o que fazer; não consigo sair do quarto, pois terei de olhar para mamãe. Eu simplesmente não poderei disfarçar. Estou sem celular e, para piorar, minha cabeça está doendo como nunca, tudo está girando.

Pego o diário de Sam. Sei que não deveria lê-lo, mas fazer isso é como se eu estivesse ouvindo sua voz em minha mente. Assim eu posso sentir que a menina está, de alguma forma, me dando apoio, assim como eu queria estar apoiando ela agora.

"Hoje, Yeon sorriu tanto que pensei que vomitaria arco-íris. Mas não foi para mim, e sim para Mary, que continuou elogiando sua grande jogada de xadrez na celebração da escola antes. Pergunto-me se ele gosta dela da mesma forma como eu gosto dele."

"Em momentos difíceis, apenas escutar Yeon dizendo meu nome faz tudo melhorar: minha vida se torna mais fácil, e o mundo começa a se colorir em tons pastéis. Sou grata por somente tê-lo ao meu lado."

Desculpe, desta vez fui eu quem te colocou em problemas, Sam. Mas este último trecho me dá uma ideia de como consolar a garota, como transmitir meu apoio e meu carinho, lhe emprestando um pouco da minha força. Pego algumas folhas brancas e escrevo em letras grandes:



Mesmo uma promessa vazia pode valer alguma coisa; não sei se ajudaria em alguma coisa, mas posso emprestar um pouco da minha força para Sam se necessário, nem que sejam apenas algumas palavras coladas na janela.

♥

O dia amanhece tão devagar... A noite foi lenta e amarga novamente. Observo todo o quarto, buscando encontrar minhas memórias e recapitular o que aconteceu durante o final de semana em que não saí do quarto. Como estou esta manhã, como vou para a escola? Caminho em passos lentos até a porta da frente e saio antes que qualquer um dos meus pais acorde. Papai — que está me vigiando — dorme em casa após aquele incidente.

Desço pelo elevador um pouco feliz, pois conseguirei ver Sam hoje. Escoro-me na grade de ferro na frente do seu prédio, mas, para minha surpresa, a pessoa que sai não é Sam, e sim seu irmão.

— Yeon? — Ele se aproxima de mim.

— Cadê a Sam? — indago confuso.

— Ela não irá para a escola hoje.

— Por que você está aqui?

— Mudei de turno e de curso, agora as aulas são de manhã. — Alan dá de ombros.

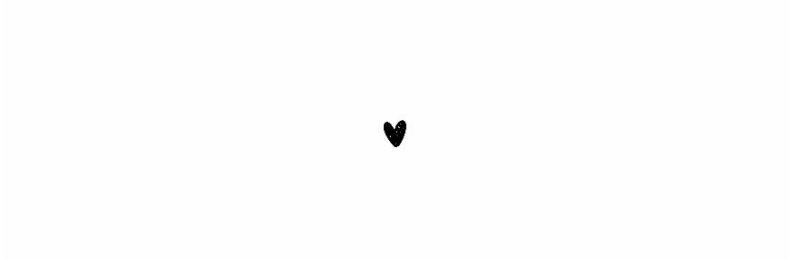
— Mas… ela está bem, não está? — pergunto com receio, morrendo de medo da resposta. Faz três dias que não falo com a garota.

Da mesma forma que sinto sua falta, estou preocupado e confuso com o que poderia ter acontecido: como ela poderia estar, o que está fazendo, irá amanhã para a escola?

— Está, sim — Alan se entristece por um segundo. — Sam é realmente forte — completa, orgulhoso.

E sai andando despreocupado.

Ela é, mas não queria que carregasse todo o peso que cai sobre ela sozinha.



A manhã na escola é bem calma e chata. É diferente quando uma pessoa que nunca falta de repente não vai: tudo muda, todos os humores ficam preocupados e ansiosos, como se uma coisa que não deveria acontecer estivesse acontecendo.

— Estou com tanta saudade da minha Samy — Cleo choraminga enquanto deita seu rosto sobre a mesa.

— Por que ela não veio hoje? — indaga Leo, pensativo e um tanto curioso.

— Ela está de castigo — suspiro.

— Por causa da nossa viagem — completa Cléo.

— Você falou com ela? — pergunto.

— Alan me contou por mensagem e disse para eu não aparecer por lá por enquanto. Você está sem celular também, né? — A menina levanta de uma vez. — Foi por causa do que houve…? — Ela arregala os olhos.

— Foi minha culpa, eu não deveria ter levado vocês lá — bufo —, e agora Sam está de castigo.

— Nós é que insistimos. Na verdade, praticamente te obrigamos — diz Cleo, pensativa. — Mas o pai dela descobriu? Como?

Suspiro.

— Meu pai ligou para o pai dela. Foi uma das formas dele de fazer eu não contar para a mamãe. — Desta vez, sou eu quem deita sobre a mesa.

— Não contou para ela? — Indico que não com a cabeça. — Não cai nas teias do seu pai; conta para a sua mãe, o pior já foi feito.

Tenho medo de que isso não tenha sido a pior coisa que ele pode fazer…

Mas…

— Acho que poderia me arriscar um pouco mais... — Preciso dizer isso à minha mãe, de uma vez por todas.

— Mas por que esta sala fica tão chata sem minha Samy? — choraminga Cléo novamente, mudando completamente de assunto.

Bem que eu poderia zoar o comportamento exagerado de Cleo, mas não consigo fazer isso, já que estava sentindo falta da garota de cabelos pretos ondulados que sempre estava aqui conosco. Eu sinto tanta falta dela me acordando e perturbando durante a aula que mal consigo pregar os olhos durante um período sequer.

CAPITULO 17

SAM

Mesmo voltando para casa às pressas, não consigo chegar antes de meus pais, que, por algum motivo, resolveram voltar mais cedo. Alan me liga assim que acaba de falar com minha mãe pelo telefone. Diz que ele estava em um posto perto da cidade e que, de alguma forma, tinha descoberto a viagem que fizemos sem permissão.

Meu coração gela.

— Onde vocês foram? — Papai está com o rosto semelhante a um pimentão, e sua esposa tão pálida quanto a parede.

— Ao litoral — respondo cabisbaixa.

— E nem ligaram para perguntar? — O senhor retira seus óculos enquanto esfrega os olhos simultaneamente. — Por que precisei ficar sabendo por outra pessoa?

“Porque seus próprios filhos não têm coragem suficiente para dizer frente a frente.”

Queria dizer isso, mas…

— Por que criei filhos tão ingratos? — O homem devolve os óculos ao rosto enquanto analisa Alan e eu. — Alan, pode ir para o seu quarto. Você irá fazer o almoço e a janta durante a próxima semana.

A culpa sempre é da criança, nunca do adulto quando se trata de coisas assim. Como eles não conseguem perceber o próprio erro e notar que são os verdadeiros culpados pelas ações de seus filhos?

Alan suspira aliviado e caminha para seu quarto, seguindo as ordens de seu pai. Pai este que também é o meu, mas não é o que demonstra quando seus olhos voltam para mim novamente.

— Samantha...

— Sim.

Minha mãe sai de fininho atrás de seu filho para consolá-lo, deixando papai e eu a sós.

Ambas as janelas estão abertas, e o sol já tinha desaparecido por completo, dando lugar à lua. Provavelmente por isso o clima se tornou mais gélido. Meus dedos, que aperto sobre a palma das mãos, já estão completamente brancos pela força que uso.

Estou nervosa.

Seu olhar me dá medo.

Calafrios, na verdade.

Consigo ouvir sua respiração rouca mesmo a alguns metros de distância.

— De quem foi a ideia? — pergunta, mantendo seu tom de voz inexpressivo.

Se eu dissesse que foi Cleo, papai me proibiria de vê-la por muito tempo; não poderia fazer tal coisa.

— Minha. — Engulo toda a saliva, em uma tentativa fútil de reunir coragem para responder. — Como era o meu…

"Aniversário".

Antes que eu possa completar minha defesa, ele joga seu punho contra a mesa da cozinha com tanta força que os copos de vidro que estão em cima dela dançam em um barulho agonizante.

— Tinha que ter sido! Por sua culpa, recebi uma ligação em meio a uma reunião importante e perdi um cliente valioso. — O homem se aproxima de mim, segurando o rosto com suas mãos geladas, como que pressionando o maxilar. — Tem ideia do que fez?

— Sinto… muito…

Papai dá um tapa em meu rosto, o que faz a bochecha queimar e pinicar ao mesmo tempo.

— Me entregue seu celular. — Ele retira o aparelho das minhas mãos à força e continua: — Uma semana de castigo.

Lágrimas descem da face lentamente, uma após outra. Minhas mãos tremem conforme eu pressiono cada vez mais o punho. O coração pulsa como nunca. Não é um sentimento bom, e sim totalmente desconfortável, como se, de alguma forma, algo estivesse a ponto de transbordar.

Ele nem se lembra que, na noite anterior… que na noite anterior… foi meu aniversário.

— O senhor… sabe, pelo menos, que dia foi ontem? — gaguejo por conta das lágrimas salgadas que transbordam pelo rosto úmido e adentram sem permissão para o interior da boca.

Papai pensa um pouco antes de responder, talvez estivesse procurando uma maneira de ter razão.

— Foi o meu aniversário — falo após fechar os olhos, reunindo coragem suficiente —, mas o senhor não se importa com isso, né? É apenas um dia como os outros, algo descartável, que não vale nenhum esforço. — Cuspo as palavras como se a pessoa que está à minha frente

não fosse a que mais tenho medo.

Relaxa. Se te repreenderem, você pode gritar de volta. Os adultos nem sempre estão certos, da mesma forma que nem sempre estão errados.

Talvez a coragem que eu precisava tenha vindo lentamente até mim.

— Não seria no próximo mês?

Meu coração aperta quando o olhar de papai se adquire um tom de culpa, algo que vi apenas duas vezes em seu rosto: quando Alan se machucou em um jogo de vôlei do qual ele o obrigara a participar e quando Kel caiu de sua bicicleta após papai jurar que estava a segurando.

Esta é a primeira vez que ele olha assim para mim.

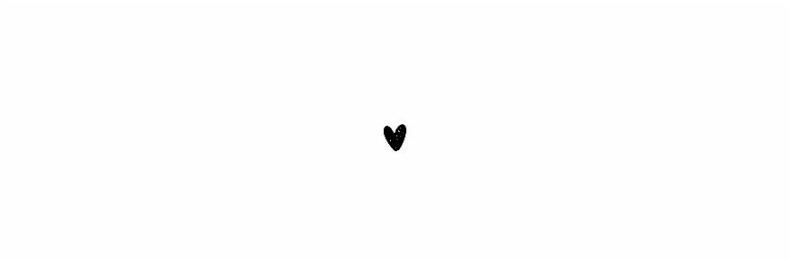
— E o senhor se importa? Todos os anos em que fizeram festa no meu aniversário elas aconteceram apenas porque Alan falava sobre a ocasião. Tudo que preparavam... Não se importavam um segundo em perguntar para mim, sabe? Sei que vocês provavelmente já esqueceram — levanto os olhos até que eles fiquem frente a frente com os dele —, mas sou sua filha também. Tenho o mesmo sangue dos meus irmãos. O que fiz... Que culpa tenho para me tratarem assim?! — exclamo, levantando o tom de voz como nunca tinha feito para ele.

Antes que pudesse ser repreendida novamente, ignoro — ainda em lágrimas — qualquer ação que ele possa fazer contra mim e saio em direção ao quarto. Tranco a porta e me escoro nela, pois perdi as forças das pernas.



As palavras que vejo do outro lado da janela são as que me confortam. Ela me envolvem em um abraço quente que eu tanto preciso. Desmorono sobre o chão, abraçando meus próprios joelhos e chorando como nunca. Estou ferida. Não fisicamente, mas o coração dói como nunca.

De todas as nossas brigas, esta foi a que mais me destruiu.



A noite passa lentamente como nunca. Permaneço sem sair do quarto — saio apenas para ir ao banheiro — durante todo o tempo. Acho que nunca fiquei tanto tempo sem falar com alguém; só converso com a Meow, mas ela não entende muito bem minhas palavras. Não tenho celular, e Alan também se tranca em seu quarto.

O rapaz está se preparando, não posso culpá-lo. Sei que vai mudar de curso essa semana e, em breve, terá de falar isso para meus pais. Eles não aceitaram de boa vontade a escolha de Alan.

Observando o horário no relógio de ponteiro no pulso, que achei em uma das gavetas da escrivaninha, vejo que são quase três da tarde. E ainda estou deitada.

A cama está quente, já que vivi nela durante este tempo invernando como um urso. Meu rosto está inchado de tanto chorar. Acho que precisava limpar o coração, e minhas lágrimas foram as salvadoras nesse quesito. Por que me sinto tão leve e pesada ao mesmo tempo?

Toc, toc.

Ouço batidas tranquilas na porta.

— Sou eu. — É a voz da mamãe. Seu tom suave ecoa por todo o quarto. — Posso entrar? — ela indaga, com o rosto em uma brecha da porta que acaba de abrir.

— Já entrou... — Assinto com a cabeça, e a mulher com olhos semelhantes aos meus se aproxima de mim.

Ajeito o corpo sobre a cama.

— Desculpe por seu pai e eu esquecermos seu aniversário. — Mamãe coça a garganta. — Comprei um bolo para você, o que acha de comer um pedaço?

É minha mãe, como sempre, pedindo desculpas e tentando me consolar com alguma coisa. Porém, também como sempre, sei que, em alguns dias, ela estará agindo como em todas as ocasiões. Mas não sou capaz de negar; quando ela age assim, sinto tanto carinho em suas palavras, o carinho que gostaria de receber todos os dias.

Sentamos todos na sala de jantar, como se nada tivesse acontecido: eu fico de frente para Alan, que acaba de correr para o banheiro; e mamãe se posiciona em frente a Kel e ao lado de papai, diante da grande mesa de madeira — que era da avó da minha mãe.

No centro da mesa, está um bolo redondo e pequeno, coberto por *chantilly*, em um tom amarelo pastel, com um “Feliz Aniversário” em cima. Eles tinham comprado no mercado,

enquanto a tia Doria preparara um para mim.

Mas tenho que considerar a intenção.

Eu preciso.

A mulher, com suas mãos delicadas, com unhas francesinha recém-feitas, entrega um pedaço para cada um na mesa. Assim que coloco o meu diante de mim, sinto o cheiro forte.

— É de abacaxi? — pergunto, com o coração na mão. Ele bate tanto que poderia pular para fora a qualquer momento.

— Eu amo abacaxi-i-i-i — Kel cantarola empolgado.

— Não gostou? Você nem provou e já está reclamando. — Minha mãe franze as sobrancelhas.

Minhas mãos tremem quando levo o garfo com um pedaço à boca. Mastigo lentamente, sentindo o sabor agridoce do abacaxi e da massa de bolo dançarem na boca. Ao mesmo tempo, observo o sorriso doce da mulher que eu chamo de mãe. Depois deste pedaço, engulo outro após outro, apenas para vê-la sorrir para mim.

Seu sorriso é tão lindo!

E, desta vez, é para mim.

Ela está realmente sorrindo para mim.

— Por que está chorando, filha? — A senhora com grandes olhos preocupados se aproxima, secando as bochechas com seus polegares.

Sorrio mesmo entre as lágrimas.

Está doce; não só o bolo, mas seu olhar.

— Por… que estou muito feliz — digo, ainda com boca cheia.

Meu nariz começa a latejar e sinto como se um espinho crescesse no interior da garganta.

— Está bom? — papai pergunta.

— Muito… bom… — respondi com dificuldade.

O último gosto que experimento antes de ficar difícil respirar é das lágrimas salgadas que corroem o sabor do abacaxi. É quando vejo Alan correndo e afastando o bolo de mim.

Ele grita, e grita para todos, mas eu não consigo mais ouvir.

Porque estava me esforçando muito para conseguir respirar e me manter sã.

CAPITULO 18

YEON

Não consigo parar de pensar em como Sam está. Faz muito tempo que não a vejo, preciso muito ver seu rosto para reunir coragem antes de falar com minha mãe. Todas as vezes em que a procurava pela janela, ela não estava lá, ou a janela estava fechada.

No momento em que cruzo a portaria do prédio, ouço o som agudo de uma sirene e vejo duas pessoas correndo para dentro do prédio de Sam. Assim como todos que estavam andando por ali, me aproximo curioso para saber o que estava acontecendo. Mesmo estando no bolso, minhas mãos gelam quando noto Samantha sair do prédio no colo de Alan, com um respirador. Eles estão sendo seguidos pelos dois caras que tinham entrado antes.

Sem pensar duas vezes, saio correndo até eles e invado a ambulância. Meu coração dói quando vejo os olhos de Sam, que lacrimejam enquanto ela busca encontrar seu ar novamente.

♥

Entro correndo no quarto branco, mesmo atordoado com o cheiro de hospital — que realmente detesto. Sam está com o cabelo amarrado; abaixo de seus olhos, havia enormes olheiras; e em seu pulso direito podia-se ver uma pequena pulseira azul do hospital, seguida por alguns fios nas costas de suas mãos.

— Yeon! — A garota sorri mesmo nesse estado.

— Como você está, gatinha? — pergunto, preocupado, me aproximando dela.

— Estou ótima, não foi nada demais. — Sam lança um sorriso amarelo. — Alan é exagerado e chamou uma ambulância. — A menina encolhe os ombros.

— O que o médico disse?

— Tive uma crise alérgica por causa do bolo de abacaxi que comi.

— O que passa pela sua cabeça? Por que foi comer se sabe que é alérgica? — Elevo o tom de voz sem perceber, mas ela ainda continua pensativa.

— É mesmo, né? Por que fiz isso? — Sam ri como se lembrasse de alguma piada antiga ou buscasse respostas em suas memórias.

Mesmo assim, seus olhos parecem tristes, vagando por algum lugar. Suspiro fundo.

Cubro-a com meus braços em um gesto cheio de carinho, transmitindo toda a saudade que senti durante o tempo em que não a vi. Sam retribui o abraço. Posso sentir seu coração bater, é algo mágico tê-la tão perto de mim. A menina consegue sentir as batidas do meu coração como eu sinto as dela?

— Acho que já chega. — Alan enfia suas mãos entre nós, nos afastando.

O garoto com o cabelo recém-cortado — mas ainda longo —, uma calça preta e uma camiseta xadrez vermelha por cima de uma blusa branca examina sua irmã. Ela está com um macacão do hospital azul-bebê. O rapaz suspira aliviado.

— Aqui... — Entrega a Sam uma sacola de papel marrom que está em suas mãos, e a garota abre um sorriso assim que vê o conteúdo no interior.

— Em duas horas, você termina de tomar o soro e poderá ir. Quem mandou ficar sem comer durante esse final de semana? — pergunta indignado.

— Eu estava sem fome... — Sam desvia o olhar.

Estou aliviado por realmente não ter sido nada demais. Mas ainda sigo curioso sobre o que a levou a comer abacaxi mesmo sabendo que é algo quase mortal para si mesma.

♥

Queria levá-la para ver algo legal, mas esta foi a única coisa em que consegui pensar estando em um hospital.

— Eu reclamei de volta, você é realmente uma má influência. — A garota, agora com cabelos soltos, pressiona com força o cabo que está segurando seu soro e observa tudo ao nosso redor atentamente, como se nunca tivesse visto antes.

— Hã?

— Você me disse que os adultos nem sempre estão certos, que não tem problema reclamar. — Ela se aproxima mais da proteção feita de arame do terraço. — Naquele dia, fiz isso.

Sam parece pensativa como nunca. Seu rosto pálido já tinha recuperado metade do tom original; seus lábios estão secos e enrugados como se ela tivesse esquecido de se hidratar. Vê-la dessa forma apenas me deixa mais preocupado.

Eu devia tê-la protegido melhor.

Ainda assim, Sam tem a coragem que me falta, e eu estou orgulhoso por ela ter conseguido se expressar — algo com o qual ela realmente tem dificuldade.

— Então você logo estará bem. Ter conversas difíceis é necessário para que a ferida possa se curar em vez de deixar cicatrizes dolorosas.

Deslizo as mãos sobre sua cabeça, colocando seus fios rebeldes atrás da orelha. Digo a Sam o que eu precisava ouvir, as palavras das quais estive fugindo durante todo esse tempo.

— Você é tão legal... — Sam sorri de lado, meio envergonhada, e volta a olhar para o céu. Ele está em um tom *rosé*, mesclado a um azul tão claro e sereno que a faz suspirar. Enquanto encaro seu rosto pensativo, sou capaz de ver todas as demais cores que completam o pôr do sol; todas em apenas em um único lugar: seu olhar.

— O sol está indo embora. — A garota franze as sobrancelhas quando os tons pastéis do céu se transmutam lentamente em um azul sereno.

— Se pôs diante dos nossos olhos, foi mais rápido do que imaginei que seria. — Escondo-me no pequeno muro à nossa frente, passando a mão pela grande enquanto acompanho a despedida da grande estrela.

— Como foi com sua mãe? — Sam estala a língua.

— Não sei o que fazer, como dizer ou o que devo falar — confesso.

— Vamos fazer uma promessa? — Ela encara atentamente meu rosto com um sorriso singelo.

— Promessa?

— Devemos nos importar mais com nós mesmo do que com as outras pessoas. — A menina pensa um pouco. — Entendo que pode soar egoísta, mas sei bem como machuca quando tentamos agradar todos a todo custo. Se você se dedica muito à outra pessoa, pode acabar ferido. — Ela ri ao coçar seu próprio nariz. — Meu coração dói porque estou muito preocupada com você, pois me importo, mas o seu deve estar a ponto de sangrar, algo assim…

Meu coração está machucado. No entanto, mesmo passando por toda esta situação, Sam tenta me consolar. Ela procura cuidar de outra pessoa enquanto sua ferida está corroendo-a de dentro para fora.

— Algo assim… pode infeccionar e me ferir ainda mais — completo suas palavras.

Em resumo, eu deveria simplesmente falar para minha mãe, pois guardar isso para mim pode acabar me machucando.

— É bom se importar com os outros, mas, antes de fazer algo, pare e pense: estou bem com isso? Aí então você pode continuar. — A garota vira seu rosto em direção à lua, que brilha intensamente, e completa quase em um sussurro: — Também tentaria fazer isso.

Neste momento, diante da noite que acaba de surgir e da pessoa que acalma meu coração, tudo parece certo. Mesmo com todos os nossos problemas, mesmo com nossas casas de pernas para o ar e todas as nossas angústias e medos, também há um sentimento indestrutível que cresce em nós.

— Ao invés de prometer isso, acho que seria melhor outra coisa. — Presto atenção em cada detalhe do seu rosto, analiso cada linha de expressão que se forma na face de Sam. — Vamos prometer que seremos o *band-aid* um do outro. Não para tapar a ferida, mas para ajudá-la a sarar.

Levanto a mão direita em direção a ela, fechando os três dedos na palma da minha mão e apontando o dedinho para ela e o polegar para mim.

— Prometo! — Sinto suas mãos geladas quando ela faz o mesmo, colocando seu dedinho contra o meu.

Selamos a promessa encostando os polegares um contra o outro. Antes que Samantha possa afastar a mão de mim, puxo-a para o bolso quente do moletom.

— Está frio, acho melhor entrarmos. — Conduzo-a para longe da grade.

Sam puxa sua mão de volta, mas é inútil.

— E se alguém nos ver assim? — ela pergunta quando entramos no elevador.

— Qual é o problema? Não vejo nada de errado em segurar a mão da minha namorada. — Dou de ombros.

— N-namorada?! — exclama.

Olho um momento para seu rosto, que estava pálido até pouco tempo. No entanto, suas bochechas se encontram rosadas como um tomate. Rio sozinho ao perceber que tenho a garota mais inteligente, bonita e divertida ao meu lado.

É quase como um sonho.

Assim que voltamos para o quarto, encontramos Alan jogado no sofá bege de frente para a janela. Ele conversa no celular e ri como se escutasse a melhor piada que já ouvira. Um pouco depois, fomos embora no carro do pai de Sam. Só não entendo ainda por que tive de ir atrás sozinho. Cerro os olhos para o garoto, que dirige atentamente. Não sei por qual motivo, mas suas ações estão suspeitas.

Assim que chegamos, vou direto para casa, mas não há ninguém. Existem cacos de pratos

quebrados por toda a cozinha, e a TV está ligada tão alta que penso que realmente tinha uma pessoa aqui.

Aconteceu alguma coisa. Entretanto, por mais que eu tente ligar para a mamãe, sempre cai na caixa postal. No caso de papai, o telefone nem chama. Minha cabeça dói como nunca quando sento, jogando todo o corpo sobre o chão. O interior dos meus olhos queima e tudo pulsa; eu não sabia o que tinha acontecido, e o medo me corrói de dentro para fora.

Por que eu não estava aqui para protegê-la?

CAPITULO 19

SAM

Todos temos pesadelos que podem nos amedrontar mesmo quando estamos acordados. Por mais que me belisque — repetidas vezes —, não consigo acordar. Isto não é um dos meus pesadelos, e sim a vida. Em algum momento, eu teria de enfrentar o medo de que eles me odeiem.

Diante da grande porta de metal, observo atentamente enquanto Alan coloca a senha na fechadura digital da porta. Perco as contas de quantas vezes fecho os olhos, pedindo mentalmente para que ele erre o máximo de tentativas possível.

São inúteis todos os suplícios.

Adentramos nossa casa, que estranhamente estava mais limpa do que nunca; o cheiro de lavanda do produto de limpeza voa sem rumo pelos cômodos. Caminho atrás de Alan, economizando meus passos, lenta como uma lesma. Estou ansiosa — não de uma forma boa — pelo o que está me esperando.

— Vá para o seu quarto primeiro — Alan engole em seco e fala de uma forma firme —, preciso conversar com a mamãe.

Ele nunca agiu assim, “como um adulto”, me dando ordens ou me olhando tão sério. Enquanto sigo até o quarto, olho-o de escanteio, curiosa. Fico tão desatenta que quase bato a testa na porta do cômodo.

A janela está aberta e o vento frio passa pelos meus cabelos, arrepiando os pelos da nuca. A luz do quarto de Yeojun permanece apagada. Ele ainda não entrou? O celular está sobre a colcha branca na cama. Ao lado dele, logo estaria Meow, se eu não estivesse sentindo as pernas sendo arranhadas pela gatinha mais fofa.

— Como você esteve? Se divertiu sem mim? — Acaricio sua barriga enquanto a pirracenta

tenta a todo custo morder meu dedo.

A grande almofada de veludo azul que coloco para ela ainda está limpa, a vasilha de ração e água que comprei no mercadinho quando cheguei de viagem está cheia de suplementos.

— Alguém andou cuidando de você?

Faço carinho em sua pequena cabecinha.

— Alan estava estranho — confesso para Meow, que mia como se estivesse realmente entendendo o que eu estou falando.

— Acho que ele ficou muito preocupado comigo. — Pego o celular. — Tentarei ser menos grossa com ele — completo.

Mas tarde, quando estou prestes a ceder ao sono, sou surpreendida por um corpo caindo sobre mim — e roubando todo meu ar.

Com os braços sobre a cama, levanto o ombro e a cabeça com dificuldade, ainda sonolenta.

— Eu estava tão preocupada! — Cleo me aperta como se quisesse roubar todo o meu ar.

— Quando você chegou? — Bocejo.

— Agora mesmo, vim assim que Alan me disse que você estava em casa — diz, orgulhosa.

Sorrio: mesmo morrendo de sono — e dor no corpo —, vê-la é tão bom!

— Você disse que não tinha o número do meu irmão — interrogo a garota de pijama listrado, com o cabelo preso por uma caneta aparentemente vermelha.

— Você ligou para ele da outra vez, aí eu salvei. — Ela desvia o olhar.

— O que é aquilo? — Observo a bolsa cinza ao lado da mochila de Cleo.

— Esqueci de avisar: vou dormir aqui. — Minha amiga dá pequenas batidinhas na cama enquanto afirma com um sorriso.

Bem que eu poderia perguntar quem a convidou, mas a resposta é tão óbvia quanto seu sorriso descarado. Ela se ajeita ao meu lado e entra debaixo da coberta.

— Estou aliviada por você estar bem, Samy— diz Cleo.

— Estou namorando — falo antes que ela possa mudar para o assunto que me fez ir até o hospital.

— Claro, você está namorando... — A garota vira para o lado após repetir minhas palavras ainda sem prestar atenção. — Você está namorando?! — exclama tão alto que preciso tapar sua boca.

— Pois é, nem eu mesma sabia. — Rio sozinha.

— Yeon? Por quê? Como? — Sua anteninha de curiosidade liga tão rápido que me assusto.

— Por nada, apenas acabou acontecendo.

Não vejo nada de errado em segurar a mão da minha namorada.

Coro ao me lembrar do que Yeon disse para mim no elevador mais cedo.

Naquele momento, foi como se o mundo inteiro congelasse e apenas ele e eu pudéssemos nos mover. Tudo à nossa volta embaçou, e eu só conseguia vê-lo. Milhares de mariposas cantaram e festejaram no meu estômago, foi como magia.

Como um sonho.

— Acho que está feliz, já que tem esse sorriso bobo orelha à orelha no seu rosto. — Cleo ri sozinha e me abraça. — Parabéns, Samy, por conquistar sua paixão de quase quatro anos — debocha.

Coloco ambas as mãos sobre o coração, sentindo as batidas descontroladas e me perguntando se Yeon já estaria dormindo neste momento.

— Vou levar sua conquista em consideração, e não vou desistir também — diz Cleo, fechando os olhos e abrindo um sorriso singelo.

— O que você quis dizer? — Levanto de uma vez, com uma pulga atrás da orelha.

— Amanhã eu te conto. — Ela vira para o lado, ignorando minha curiosidade, que só cresce.

— Pode me contar agora. — Levantei-a de uma vez, sacudindo seus ombros como se as palavras fossem cair para fora.

— Tem alguém que eu gosto, mas não tenho paciência — suspira — para viver um amor platônico por tanto tempo como você.

Cleo respira fundo e diz, confiante:

— Vou me tornar realmente incrível, e ele se arrependerá por não ter se apaixonado por mim.

— E quem é? Fala, vai, por favor. — Sacudo minha amiga novamente, mas ela apenas desvia seu olhar.

— Não tenho coragem para dizer... — Engole em seco.

Largo-a e me jogo na cama, emburrada.

Após alguns minutos, apago por completo, já que estava exausta pela forma como o dia foi mais lento. Como é possível acontecerem tantas coisas em apenas um dia? Acordo com o alarme do celular, que não ouvia há algum tempo, e perco quinze minutos da manhã acordando Cleo, que dorme feito uma pedra de frente para a correnteza.

Quando chegamos na escola — atrasadas —, todos já estão na sala e conseguimos entrar somente um minuto antes de o sinal tocar. Agradeço mentalmente por entrarmos desta vez. A aula nem tinha começado, mas Yeon já está dormindo sobre sua carteira, tranquilo e sereno. Coloco a mochila sobre a cadeira, me esforçando para não acordá-lo. Deito na classe também, olhando para o garoto, que dorme calmamente. Posso sentir sua respiração profunda de cansaço.

Seus lábios são tão perfeitamente desenhados, delicados como pêssegos, como se fossem feitos sob medida para os meus.

O que estou pensando?! Logo pela manhã!

Samantha, se controla!

— Por que está tão vermelha? — Desperto dos pensamentos pelos seus toques delicados em minha bochecha. — Está com febre?

— E-estou com um pouco de frio. — Além dele, tento convencer a mim mesma com essas palavras vazias. — Nada demais... — Mexo a cabeça em negação.

Yeon sorri, fazendo com que flores brotem ao meu redor e auréolas brilhem sobre sua cabeça. Como ele pode me deixar tão aérea logo pela manhã? O garoto boceja ao se endireitar na cadeira; lentamente, tira seu moletom cinza e o veste em mim, deslizando a roupa pela cabeça até me cobrir por completo, deixando meus braços imobilizados. O moletom tem o cheiro dele, algo tão único que mal consigo identificar de que exatamente é a fragrância: é tão “Yeon”. E agora está em mim.

Deslizo as mãos para fora através das mangas compridas. Elas são enormes — poderiam caber duas de mim dentro deste moletom —, provavelmente por causa de como Yeon e eu temos tamanhos e larguras diferentes: o garoto tem costas, braços e costas largas, e eu sou o total inverso dele com meus bracinhos.

— Mas e você, não está com frio?

— Não, mas quando eu estiver, posso simplesmente fazer isso. — Ele me abraça.

— Ei! — resmungo, envergonhada.

O menino volta a deitar sobre a carteira novamente.

Cleo, que senta à frente de mim, se vira para me mostrar “joinhas” com ambas as mãos e um sorriso animado, indicando que estava ouvindo tudo.

Meu primeiro amor foi alcançado.

Isso é tão distante da minha realidade que estou com dificuldades para acreditar que seja real. Durante tantos longos dias, precisei esconder como me sentia — porque tinha medo. Mas agora todos os motivos que inventei parecem tão fúteis!

O dia passa tão rápido que mal percebo. Na hora de ir embora, sou agarrada por Cleo com tanta força que quase deixo minha alma na carteira onde estava sentada. Ela me leva para a biblioteca do colégio, pois temos dois dias para estudar para as provas finais deste bimestre — que eu havia esquecido completamente. Cleo e eu temos um jeito nosso de estudar, que ajuda a pegar mais rápido as matérias e deixa tudo mais divertido.

Ambas lemos os conteúdos em voz alta uma para outra enquanto anotamos perguntas sobre a matéria: uma lê, a outra anota, e assim vice-versa. Após terminarmos, fazemos as perguntas e só paramos quando conseguimos responder a todas. Fazemos isso há tanto tempo

que nem me lembro de onde surgiu a ideia.

Por fim, fomos para casa às sete da noite — desta vez, Cleo vai para sua casa. Assim que chego, vejo que está tudo limpo como quando saí, o que é bastante estranho. Geralmente, quando entro em casa, parece que a residência tinha sido revirada por ladrões.

— Podemos conversar? — Assusto-me ao sentir a mão quente da minha mãe sobre meu ombro.

CAPITULO 20

YEON

Na noite passada, se alguém me perguntasse, nem saberia dizer o que é dormir tranquilamente: acordei tantas vezes, assustado por qualquer minúsculo barulho. Não sei se era o sofá estava mais duro do que nunca ou era apenas uma insônia desconfortável causada pela minha preocupação. Talvez estresse.

Quando desperto por completo, o sol ainda nem tinha nascido. O clima que visualizo pela janela parece nebuloso. Observo atentamente cada detalhe que é possível ver pela janela da sala: é de embrulhar o estômago como aquilo se assemelha a um cenário de filme de terror.

Apenas três carros aparecem espalhados pela rua terrivelmente limpa. Um é vermelho e está estacionado logo ao lado da lixeira de resíduos descartáveis. Há um cinza também, que se encontra logo atrás do vermelho. Porém, entre eles, o veículo que me chama atenção é o preto, que brilha mais intensamente do que todos ali. Aquele é o carro do Sr. Lee, estacionado diante do nosso condomínio desde ontem quando cheguei.

Arrumo-me e vou para escola como de costume. Afinal, não tem muito que eu poderia fazer; preciso recarregar as energias — ver Samantha.

Aliás, Sam está tão alegre quanto em outros dias, como se nada tivesse acontecido. Ela sorri contente sempre que conversa com alguém. Mesmo com seu pequeno casaco de lã *rosé* por cima do uniforme, a garota está vermelha pelo frio. Suas bochechas parecem rosadas sempre que me viro para apreciar sua presença perto de mim; quando pergunto algo, Sam pisca algumas vezes antes de responder, roubando sorrisos do meu rosto preocupado sem permissão.

Na escola, o tempo passa tão rápido... Diferente da noite anterior, que se estende por muito tempo…

No entanto, o que prensa meu coração sobre o peito é a mensagem que recebo da minha

mãe no momento em que o último sinal de liberação ressoa pelo colégio. Mamãe, durante toda noite e toda manhã, estava com o celular desligado.



Qual é o significado destas palavras? Ela sabe de algo, o que pode ter acontecido na noite anterior?

São essas as perguntas que ficam indo e vindo na minha cabeça, como bumerangues, durante toda a caminhada até em casa — ainda estou sem moto, mas o celular apareceu no balcão da cozinha quando cheguei do hospital ontem.

Entro em casa como de costume; tiro os sapatos e coloco as chaves sobre o porta-chaves pendurado ao lado da porta. Sigo em direção ao quarto — não encontro nenhum dos meus pais pelo caminho — e troco o uniforme por algo mais confortável após jogar a mochila em cima da cama.

Toc, *toc*, *toc*.

Batidas delicadas na porta e, logo depois, ouço a voz da minha mãe:

— Venha para a sala de jantar.

Assim, vou até a cozinha, onde meus pais estão. Mamãe sorri como sempre, sentada no banco de madeira de frente para o balcão — que também é uma mesa —, segurando alguns papéis. Papai segura uma caneta preta em uma das mãos e me encara sério.

Minha barriga gela.

Meu coração para.

— Sente-se, filho. — A mulher indica o banco ao lado do Sr. Lee, que fica diante dela.

Ajeito-me com as mãos trêmulas, suando frio.

— Seu pai e eu temos um assunto importante para discutir com você, mas primeiro: sinto muito. — A doce senhora Doria continua, com lágrimas: — Me desculpe por fazer você carregar todo esse peso sozinho, por ter que conviver com as frustrações e os medos por nossa causa. Uma mãe não deveria jogar seu fardo no filho, e me arrependo muito. — Ela desliza as mãos macias sobre o próprio rosto para limpar suas lágrimas. — Você cresceu tão rápido que mal percebi quando joguei tudo sobre você, descontando a frustração de seu pai não estar sempre aqui. Você responsabilizou a si mesmo por ficar comigo, cuidar de mim.

— Não há problema nenhum em cuidar da senhora. — Seguro suas mãos úmidas.

O Sr. Lee ainda não disse nenhuma palavra: ele está preso em sua própria mente, tão pensativo...

— O problema é que esqueci de cuidar de você. Eu não sou uma criança; deveria cuidar de meus próprios problemas, não chorar em um canto ou despejar minhas preocupações sobre você.

— A senhora não faz isso...

— Faço sim, e você sabe bem. Agora vou resolver meus problemas como uma adulta, para que eu possa cuidar e amar você da melhor forma. Mesmo que seja tarde, eu precisava aprender isso em algum momento.

Mas o que é ser adulto?

— Sua mãe e eu estamos nos divorciando — papai finalmente fala alto. No entanto, isso não é algo que eu imaginava que pudesse sair de sua boca.

— Tivemos uma pequena discussão ontem. — Minha mãe engole em seco. — Depois da secretária de seu pai vir aqui ontem, a mesma com a qual ele se encontrava na casa do litoral. Descobri meio por acaso, quando liguei para você naquele dia. Acho que seu celular estava no bolso e acabei ouvindo tudo.

Mamãe fica séria como nunca. Suas lágrimas cessam e ela olha firmemente para mim antes de prosseguir:

— Primeiro, achei melhor agir como se não soubesse. O que os olhos não veem, o coração não sente, né? — A mulher dá uma risada fraca. — Mas notei a angústia em seus olhos, o medo de falar e me magoar e a vontade de me proteger. — Ela se levanta e caminha até mim, envolvendo-me sobre seus braços protetores. — Eu preciso cuidar de você, e não o contrário.

Lágrimas transbordam do meu rosto como uma tempestade; aquelas palavras são um baque tão forte que me deixam sem reação, apenas consigo chorar. Minha mãe está bem. Muito melhor do que eu poderia imaginar.

— Aqui estão os papéis já assinados. — O Sr. Lee se levanta. — Irei ao cartório amanhã, então cumpra sua palavra.

— Cumprir o quê? — indago preocupado.

— Você não precisa se preocupar, é coisa de adulto.

É quando eu percebo…

Ter dezoito anos não torna ninguém adulto. O que faz isso é a responsabilidade de lidar com as próprias emoções de forma honesta.

Noto que mamãe é a adulta que eu mais admiro, o exemplo que quero seguir no futuro. Ela levou seu tempo para sofrer e lidar com a própria tristeza dentro de sua mente e, no fim, conseguiu encarar a situação honestamente e lidar de forma madura com tudo.

Depois que meu pai foi embora — minha mãe fez suas malas enquanto eu estava na

escola, para que não houvesse desculpa —, sentamos no sofá da sala e assistimos um pouco.

Havia algo diferente crescendo no olhar da Sra. Doria.

E eu estou orgulhoso.

Ela diz que os dois se separaram dividindo os bens, que eu posso escolher com quem ficar — óbvio que eu disse que ficaria com ela — e que, desta vez, tentaria algo diferente, que fosse divertido para ela. Então dou a ideia de abrir uma confeitaria, e ela parece gostar da sugestão.

Não são nem onze horas, mas mamãe já está dormindo tão tranquilamente quanto se tivesse tirado um peso de suas costas — sua insônia frequente tinha ido embora.

Assim que volto para o quarto, converso em chamada de vídeo com Sam até cair no sono. Nem sei dizer o momento em que dormi ou se ela disse algo importante, mas poder ouvir sua voz enquanto descanso faz com que eu tenha uma ótima noite de sono, a melhor que já tive.

♥

Observo atentamente o papel branco cheio de perguntas sobre a carteira. Não estudei, e muito menos me lembrava que faríamos exame nesta semana. No entanto, as questões parecem fáceis demais. Talvez eu esteja errado, não consigo confiar plenamente nas respostas. A vontade de apagar e trocar por outra é grande, mas a quantidade de tempo restante é limitada. Curiosamente, olho para Cleo, que fica repetindo as respostas enquanto mexe os lábios, liberando som algum. Ela bate seu lápis sobre a cabeça. Leo está puxando seu próprio cabelo. Enquanto isso, Sam lê e responde tudo sem mexer a cabeça ou expressar qualquer reação.

Ela fica tão linda quando está concentrada!

O professor recolhe as provas de quem já havia terminado, liberando os alunos para sair. Depois de quatro horas de prova, estávamos livres.

— Vamos no karaokê de que falamos no outro dia? — Cleo pergunta animada enquanto cruzamos o portão de entrada da escola.

— Não vou poder ir — diz Leo.

Sam olha de uma forma estranha para ele, e depois para mim. O que eles podem estar escondendo?

— Vamos! — Sam exclama, abraçando a amiga.

— Eu posso ir — digo sem reação, curioso pelos olhares trocados.

Cleo para de andar e encara sua amiga.

— Não vai ter graça! Não quero ficar de vela. — Faz birra.

— Então vocês duas podem ir sem mim. — Dou de ombros, fingindo não me importar.

Sam faz bico e franze as sobrancelhas.

— Mas… — Desta vez, é a garota de franja que parece choramingar.

— Muito bem, temos que estabelecer prioridades. — Cleo puxa a amiga para longe, virando uma esquina qualquer e sumindo da nossa vista.

— O que vai fazer? — pergunto para Leo, que anda pensativo.

— Preciso ir trabalhar... — Ele se encolhe.

Agarro seus ombros antes de perguntar novamente:

— O quê?

— Trabalhar... — Suspira.

— Está trabalhando agora? — Encaro-o confuso.

— Alguém precisa. Minha avó está piorando, e os remédios estão cada vez mais caros. — Sinto o peso em sua voz. — Não queria falar para você. Quando Samantha descobriu… fiquei com medo de que ela tivesse te contado.

— Ela não revelaria um segredo que não é dela. — Diferente de Leo, que entregou os segredos da garota em minhas mãos. — Mas eu posso ajudar em alguma coisa? — pergunto, proativo.

— Não. A vida poderia ser como nos filmes, seria tão fácil... — murmura o rapaz.

— Depende de qual filme você está falando... — concluo aterrorizado, com uma voz melodramática, tirando um sorriso do rosto do meu amigo exausto.

CAPITULO 21

SAM

As últimas palavras antes de eu entrar em um transe são: “podemos conversar?”. Essa mesma frase fica se repetindo enquanto eu a sigo caminhando até a sala, onde minha mãe senta em seu sofá.

— Desculpe pelo último dia… esquecer seu aniversário… e…— ela fecha os olhos ao buscar as palavras certas. — Eu não sabia que você era alérgica.

— Não tem problema, não é como se todos os pais soubessem tudo sobre os filhos.

Procuro convencer a mim mesma de que devo perdoá-los, que eu os amo e, apesar de tudo que fazem, eu continuo sendo filha deles. Porque ela é minha mãe, e aquele é meu pai.

Mas estou apenas mentindo.

— Você também deve desculpas ao seu pai — mamãe segura em meu ombro direito com sua mão quente —, pela forma como o respondeu no outro dia.

E, mais uma vez, estou errada.

Pelo menos ela tinha pedido desculpas.

Esperava que tivesse sido sincera.

— Eu estava errada…? — questiono, quase suplicando por seu apoio e amor.

— E ainda pergunta? — ela me interrompe, inexpressiva.

Por sua culpa, recebi uma ligação no meio de uma reunião importante e perdi um cliente valioso. Tem ideia do que fez?

Eu estou errada por querer o amor dos meus pais? Por me revoltar e pedir um pouco de carinho? Papai se importa mais com um cliente perdido do que com mandar uma mensagem ou dar um abraço em sua filha no seu aniversário.

— A senhora realmente acredita nisso — concluo.

Meus olhos queimam, não por estarem lacrimejando, mas sim pelas lágrimas que não conseguem descer.

— Ouviu muito bem o que eu disse, não me faça ficar mais chateada por sua causa — Mamãe se levanta.

— Eu… sou uma boa filha exatamente todos os dias — levanto também —, me esforço ao máximo para agradar e ser aceita por vocês. — Rio da minha própria dor, pois é a última coisa que me resta fazer. — E a senhora não consegue ficar do meu lado uma única vez?

— Ser uma boa filha…. não é mais do que sua obrigação, Samantha. — Seu humor se modifica. — Queria ganhar um presente sempre que faz algo aqui ou para nós? Nós… seus pais, que damos a você comida e roupa nova, que limpamos sua fralda…

Não quero presentes, apenas um abraço de vez em quando, um sorriso ao me ver e talvez disposição para me ouvir falar ou me dizer palavras como eu te amo, tenho orgulho de você, você é especial, quem apenas um obrigada... Interrompo seu discurso:

— A senhora pode me dar um abraço? — Estou triste; o peito está sendo corroído de dentro para fora, mas não consigo chorar, por mais que queira.

Minhas lágrimas tinham chegado ao limite.

— Para quê? Me atacar pelas costas? Desde pequena foi assim: ingrata. Estou te dando uma bronca, não elogios, Samantha. Olhe no espelho só uma vez e perceba que fazemos muito por você; o mínimo que nos deve é respeito. Peça desculpas ao seu pai assim que ele chegar do trabalho.

Ela está do meu lado, mas não posso alcançá-la.

— Isso é tão injusto! — Cerro os punhos.

— Não me faça perder a paciência, eu realmente só queria me desculpar com você. No entanto, você sempre gosta de exagerar. — Ela se afasta. — Minha cabeça está começando a doer. — A mulher caminha para longe, virando no corredor, provavelmente em direção ao seu quarto, oposto ao meu.

Assim como ela, vou para o quarto. Eu simplesmente quero ficar sozinha e pensar um pouco sobre tudo. Decido tomar um banho para esfriar a cabeça. Assim que entro no banheiro, faço como ela disse.

Olhe no espelho só uma vez e perceba que fazemos muito por você.

Estou realmente sendo ingrata? Talvez apenas não merecesse o carinho deles, eu precisava fazer mais ou…

Pela primeira vez, não gosto do que vejo diante do espelho. Aqueles olhos — meus —, que são exatamente como os dela, se tornam a lembrança de uma memória ruim. Uma que eu desejo esquecer.

O celular toca; é Cleo.

— O que está fazendo?

— Nada.

— Que voz de choro é essa?

— Tive uma discussão com a minha mãe. Sabe, Cleo, pela primeira vez, fiquei com raiva do que vi no espelho — conto para a garota.

— Samy, presta bem atenção no que vou dizer: a única pessoa que pode definir seu valor é você. Então não fique triste ou se sinta horrível por uma discussão, pois, como você mesma me disse, em algum momento, a dor vai passar.

— Eu estava mentindo... — confesso.

— Mas eu não estou. Chore um pouco e sinta sua dor, depois espere o tempo curar da sua própria forma.

— Obrigada.

— Minha mãe tá me chamando, *bye*.

Desliga.

Sento embaixo do chuveiro, sobre a cerâmica fria do banheiro, enquanto a água gelada escorre pelo meu rosto e se mistura com as lágrimas. Elas criaram coragem para sair de seu esconderijo.

♥

Quase uma semana se passou, e estou exausta por sorrir todos os dias, cansada de prosseguir com a atuação. Mas não posso simplesmente contar os problemas que carrego aos outros; eles têm seus próprios conflitos e seria muito egoísta.

— Gatinhaaaaaa — Yeon cantarola enquanto tenta me despertar dos meus pensamentos.

— Desculpe, o que você disse? — Sorrio para ele.

— Minha mãe te convidou para jantar lá em casa esta noite — comenta empolgado.

Estamos sentados no gramado do colégio — no horário do almoço. Nossas mochilas estão à nossa frente, encostadas uma à outra, enquanto Yeon e eu nos escoramos no grande pé de ipê.

— Vou, sim.

— Aqui — Yeon abre a garrafinha d'água verde e me entrega —, precisa se hidratar.

Desde que foi me visitar no hospital, ele sempre está me dando água ou bronca para comer as refeições regularmente. Eu gosto de tê-lo ao meu lado, mas, de uns dias para cá, começo a

pensar que talvez eu não mereça seu amor.

— Eu bebi não tem nem vinte minutos. — Recuso-me, e ele empurra a garrafa. — Tudo em excesso faz mal, não sabia disso?

Enquanto o admiro, noto uma pequena folha seca cair lentamente sobre seu cabelo bagunçado.

— Só estou prevenindo. — Yeon cruza os braços.

Involuntariamente, me esquivo, de frente para ele, e pego a pequena folha que caiu alguns segundos atrás. Porém, antes que eu consiga me afastar dele, Yeon gentilmente segura meu pulso e me puxa sobre si mesmo, sorrindo de lado.

— O que está fazendo?! — exclamo, tentando me soltar, mesmo não querendo.

— Eu quero te beijar!

O garoto me puxa mais ainda enquanto esconde meu braço atrás de suas costas, ao ponto de eu conseguir sentir sua respiração forte no rosto e seu hálito quente nos lábios. Ele me olha fixamente, sem piscar; seus olhos penetram nos meus. Coro no mesmo instante.

— Estou brincando, gatinha. — Sorri gentilmente ao me soltar.

Escoro-me na árvore novamente, mas, desta vez, para tentar recuperar o ar que tinha pedido.

Meu coração parece querer saltar do peito a qualquer instante. Vejo-me decepcionada quando viro para vê-lo novamente, e Yeon está relaxado enquanto fecha os olhos para sentir a brisa.

— Acho que hoje vai chover — comenta.

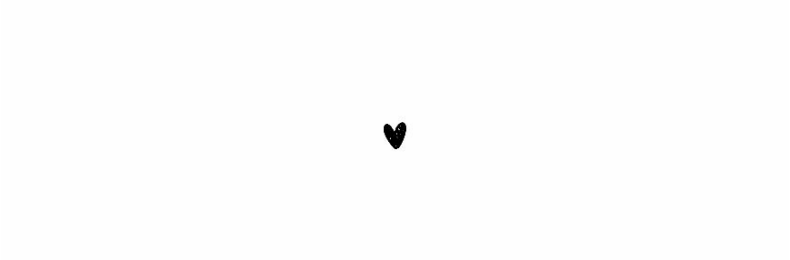
Como ele pode estar tão calmo depois do que acabou de fazer comigo? De quase ter me feito ter um ataque do coração?

Bufo.

— Está decepcionada... — O menino sorri de lado, sem mostrar os dentes, ainda de olhos fechados.

— Eu… por que estaria? — Cruzo os braços e ajeito minha posição para ficar mais confortável.

Logo o sinal toca e temos que voltar para a sala. As últimas três aulas da tarde passam tão rápido que mal consigo entender. Eu ainda estou confusa pela forma como Leo e Yeon estão se evitando; algo tinha acontecido, mas nenhum deles quer falar sobre. Os dois estão há quase uma semana sem olhar na cara um do outro, e hoje não é diferente.



Deixo os sapatos na entrada, mesmo que a dona Doria brigue comigo por causa disso repetidas vezes. A casa está tão limpa que parece um pecado pisar com meus calçados de sola suja.

— Yeon me contou que começaram a namorar. — Ela me entrega um abraço quente.

A casa está diferente do que de costume: parece, de certa forma, mais viva, algo bom.

Yeon me fala sobre o divórcio recente de seus pais, e fico surpresa de primeira. Mas é de se esperar depois do que houve na casa do litoral. Um casamento de dezoito anos, sem estrutura ou felicidade, deu à luz a um garoto doce e protetor.

— O que teremos para o jantar? — O menino, ainda de uniforme, sorri ao abraçar a mãe por trás logo depois de ela caminhar para a cozinha.

O carinho deles é invejável.

E sou detestável por ter inveja de uma coisa dessas.

— Surpresa!

— Posso ajudar em alguma coisa? — prontifico-me.

— Já disse milhares de vezes que não, e agora muito menos — nega a mulher, e logo depois sussurra: — Não quero ser uma sogra rabugenta.

Yeon coça a nuca enquanto olha para baixo, envergonhado. E eu seguro um riso bobo.

O garoto com cabelo desalinhado, que parece charmoso até com o uniforme escolar, me puxa para o seu quarto antes que eu possa dizer qualquer coisa à sua mãe.

— Acho que já faz tempo desde a última vez que veio aqui. — Seus olhos desviam dos meus, e suas orelhas estão vermelhas como um pimentão. Nem parece o garoto que me pirraçou mais cedo com um beijo.

— Mas continua a mesma coisa... — Sento-me sobre sua cama.

— Uma coisa está diferente. — Ele se aproxima de mim, se acomodando.

— O quê?

— Você e eu, nosso relacionamento. — Yeon sorri provocativo.

No momento em que ele me puxa para um beijo, noto algo que definitivamente não deveria estar aqui. Afasto-me e pego o diário sobre alguns livros na prateleira; eu o reconheceria em qualquer lugar.

Mas por que esta coisa estava aqui? No quarto dele?

— Por que você tem o meu diário? — indago.

CAPITULO 22

YEON

Imaginei muitas vezes como e quando Samantha descobriria sobre seu diário em minhas mãos, como seria sua reação, mas nunca pensei qual poderia ser a melhor forma de reagir, o que eu deveria dizer ou fazer.

— Por que você tem o meu diário? — pergunta a garota ainda de uniforme, aquela que não podia descobrir que eu sabia sobre seu diário. — Você pegou no dia do incidente e não me disse nada? — Seus olhos mudam de tom conforme seu humor.

— Não, não é assim. — Levanto para me explicar.

Sam fecha os olhos e suspira fundo.

— Você leu, tudo? — Suas palavras quase falham.

— Desculpa, mas…

— Eu sabia que, se caísse em suas mãos, você não conseguiria segurar sua curiosidade — diz.

— O Leo, lembra que eu disse que estava na lanchonete antes de aquilo acontecer? Ele estava comigo e pegou na rua — tento argumentar com a verdade.

— Por que ele não me entregou? — Sam se aproxima de mim lentamente, em pequenos passos.

— Perguntei a mesma coisa. — Dou de ombros. — Porém, depois que ele me entregou, fiquei com medo de lhe devolver, que soubesse que li, que ficasse com raiva de mim como está agora.

— Não estou com raiva, apenas assustada — a garota sorri de lado, deixando toda aquela tensão que havia se formado entre nós ir embora — e um pouco envergonhada.

— Não está brava?

— O que esperava que eu fizesse? Desse uma crise e saísse batendo os pés como nos filmes que Leo te coloca para assistir? — debocha Sam, tapando o próprio rosto com seu bloco de notas de capa dura.

Acho que queria, sim, que ela tivesse alguma reação, falasse que estava com raiva ou chateada, mas Sam nunca me mostra este seu lado.

— Às vezes, você é tão madura — comento, e puxo-a para mim, contendo a menina nos braços. Sam encosta sua cabeça em meu ombro. — Não me importaria se desse uma crise ou se saísse batendo os pés. Mesmo que ficasse com raiva de mim, eu iria até você e te reconquistaria novamente.

— Não sou tão fácil assim... — Ela se afasta e me olha de cara feia; eu apenas aperto-a novamente em meus abraços.

— Não, não é.

Nós estamos bem. Pensei que isso pudesse nos afetar de alguma forma, mas, de certa maneira, nos aproximou mais. Sou grato àquele diário, porque foi por causa dele que eu consegui descobrir meus próprios sentimentos.

— Eu vou levá-lo, mas nunca mais toque no assunto novamente. Sério, eu realmente vou ficar com raiva. — Sam cora, provavelmente lembrando das coisas que escreveu, sabendo que as li.

Sorrio para a garota mais linda do mundo.

Deslizo por suas bochechas rosadas com os polegares, sentindo a textura e o calor de sua pele.

— Sam... — examino cada detalhe da garota diante de mim: seus ondulados cabelos negros que, mesmo com a luz da lâmpada, parecem brilhar; seus olhos, que me olham fixamente; seu nariz, que mantém uma respiração desequilibrada; e, por fim, seus lábios: eles parecem tão doces que eu gostaria de prová-los.

— O quê?

— Eu acho que, a cada dia, me apaixono mais por você — digo por entre um sorriso espontâneo.

— Não diga coisas assim... — Ela me afasta, cobrindo o rosto com um travesseiro.

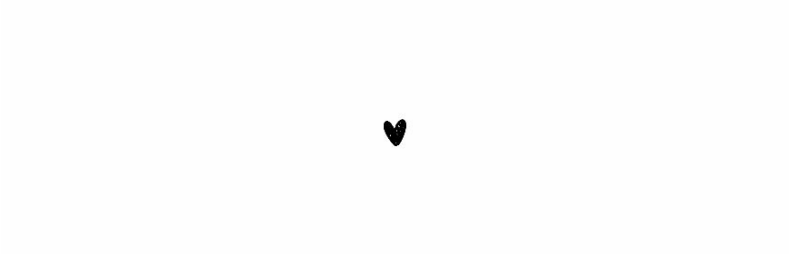
— Por quê? Deixe-me vê-la — provoco, correndo atrás dela para retirar o objeto do seu rosto.

Toc, toc, toc.

— Venham comer! — A voz da minha mãe faz com que Sam abaixe o travesseiro e levante.

Assim como eu, mamãe gosta de ter Samantha por aqui. Após jantarmos, levo-a até a portaria de seu prédio e, em meio a todo este turbilhão de sentimentos, o que me domina naquele

momento é a saudade.



Caminho sem rumo pelos corredores da escola, desviando daqueles que correm desesperados. Tudo está uma bagunça: em duas semanas, teremos um festival da escola aberto para o público, no qual ganharemos pontos por participação. Todos os alunos, de alguma forma, entram em algum projeto ou apresentação. Depois do horário de almoço, as aulas são reservadas para a preparação do grande evento e, por causa disso, não há nada para fazer além de caminhar à toa.

— Yeon, estava te procurando. — Mary se aproxima de mim e puxa meu braço para longe, mesmo que eu diga para me soltar.

Entramos em uma das salas de clubes onde também estão Samantha e Cleo, que sorriem e acenam quando me veem.

— Você ainda não faz parte de nada, não é, Yeon? — Mary pergunta eufórica, mas prossegue antes que eu invente uma desculpa: — Dei seu nome para a professora, então bem-vindo ao nosso clube de teatro — cantarola ainda sem soltar meu braço.

Eu estava correndo desse tipo de coisa, e involuntariamente sou convocado.

— Você pode ser o protagonista? — Um outro aluno, provavelmente de outra turma, se aproxima. — Acho que, com sua aparência, daria para encher a plateia. — Ele me dá uma cotovelada amigável e segue seu caminho.

— Que peça vocês apresentarão? — pergunto. Não há como fugir, pois já tinham me nomeado como integrante. Além disso, como Sam também está aqui, tudo bem me esforçar para fazer isso dar certo.

— Um musical de *Bela e a Fera*, vou te apresentar ao elenco. — Mary enfia seu braço em volta do meu e me puxa em direção aos outros.

Ela sempre me toca dessa maneira; sei que é da personalidade dela, mas me incomoda um pouco. Contudo, não é algo que eu consiga dizer na cara dela.

— Cleo fará a protagonista. — Aponta para a garota de cabelos soltos e um olhar ameaçador em mim. — O Carlos fará o pai; o André, o Gaston; e os demais farão o restante.

— O que você vai fazer, Sam? — pergunto diante de todos.

— Nada, vou ficar no som. — Ela dá de ombros.

— Eu vou ser a diretora e estou organizando tudo — Mary se pronuncia, chamando a atenção de todos.

— Porque falhou como protagonista. — Cleo sorri, provocando a colega, que bufa furiosa.

— Então, vamos ensaiar de segunda a sexta após o almoço. Começaremos o primeiro ensaio agora. — A garota prende seus cabelos em um rabo de cavalo alto e pega algumas folhas. Elas estão sobre uma das caixas de som que ficam no interior da sala de música.

Permanecemos lendo e relendo o roteiro durante todo o tempo. Isso me faz perceber que odeio muito, muito, muito e muito o teatro; não é algo que faria por desejo pessoal, como Cleo, que repete cada fala com emoção e sempre sorri de orelha a orelha enquanto discute sobre a peça, analisa como ficaria melhor ou começa a falar sobre a atuação. Sam está todo o tempo ao lado de sua amiga e fala poucas vezes comigo, diferente de Mary, que permanece grudada em mim. Quando eu fujo para um canto, a menina me segue; quando volto para onde estão os outros, ela vai junto.

Já estou frustrado com a situação.

— Pensei que estava namorando com Sam — Cleo sussurra enquanto sua amiga está longe.

Estamos ensaiando a dança do baile.

— E estou — afirmo.

— Então por que fica se enroscando com sua amiguinha na frente dela? — Cleo me encara séria.

— Juro que não fiz nada — murmuro de volta.

— Este é o problema. — Ela franze as sobrancelhas. — Presta atenção: da próxima vez, se fizer ela chorar, eu faço picadinho de v-o-c-ê — Cleo soletra a última palavra e, logo depois, dá uma pisada forte no meu pé direito, fazendo com que eu grite sem perceber.

— O que aconteceu? — Sam corre até a gente.

— Nada, não, Samy. Pisei no pé dele, sabe como sou desastrada — Cléo mente na cara dura, e ainda dá um sorriso para a amiga.

Uma atriz nata, só não aplaudo porque me daria mal.

— Mas você sabe dançar muito bem. — Sam examina a garota dos pés à cabeça e, depois, direciona sua atenção para mim. — Machucou? Quer parar por um instante?

— Não se preocupe, ela apenas errou um passo. — Dou continuidade à mentira de Cleo, e Sam vai para longe, já que estava mexendo em alguns fios.

— Te conheço há muito tempo, por que nunca vi este lado seu? — indago curioso.

— Você nunca foi namorado dela antes. — Cleo sacode os ombros.

Cleo e Samantha sempre estiveram juntas, e eu sempre estive com ambas. Pela primeira vez, entretanto, percebo que elas se tratam como família: não somente como irmãs, mas também

como uma mãe ou um pai; que estariam dispostas a tudo para proteger uma à outra. Acho que as duas meninas têm uma amizade muito mais forte do que é possível descrever. Uma relação na qual nem sempre são necessárias palavras, pois elas conseguem sentir quando uma não está bem mesmo quando estão distantes. Nunca tinha parado para pensar em como Sam precisava da Cleo e vice-versa, em como eu meio que estou atrapalhando desde sempre.

Muito bem, temos que estabelecer prioridades.

Há alguns dias, Cléo tinha falado isso enquanto afastava Sam de mim. Agora, não sei por que, estou com um certo receio de que, em algum momento, Samantha precise escolher entre nós dois. Acho que ficaria triste se ela não me escolhesse, já que, em todo caso, a garota sempre seria minha primeira opção. No entanto, espero que uma situação assim nunca ocorra.

Quando o ensaio terminou, somos liberados. Desta vez, vamos ao karaokê, todos juntos, passeio que estamos adiando a um mês.

— Finalmente! — Cleo comenta, animada.

— Sim! — exclama Sam, sorrindo e pulando euforicamente com a amiga. Leo e eu caminhamos lentamente atrás delas.

CAPITULO 23

SAM

Sento-me no grande sofá de couro rubi que rodeia metade da pequena salinha onde tínhamos entrado. Dentro do cômodo, o teto é diferente do piso de madeira escura: é composto por algum material de textura mesclada de preto e branco, cada um em seu quadrado, como um tabuleiro de xadrez.

A parede à nossa volta é lisa, de tom rosado, com exceção da porta. Esta tem uma cor escura, não tão preta; me lembra o céu a noite. Escoro-me sobre o sofá, pegando um aparelho digital semelhante a um *tablet* que estava sobre a mesinha de vidro entre o sofá e a grande TV pregada na parede.

Pergunto-me como Cleo descobriu este lugar; acho que era novo. Geralmente, vamos no karaokê que fica perto do condomínio, mas o lugar é um pouco mais longe. Cleo ainda insistiu para que viéssemos — acho que valeu a pena, pensando na climatização e no ambiente escuro que deixa tudo mais divertido.

— Eu escolho primeiro — Cleo se prontifica, e logo me puxa, retirando-me do meu lugar confortável ao lado de Yeon. — Vamos cantar juntas.

O som alto invade a pequena sala, assim como nossos ouvidos, e uma emoção toma conta de mim quando noto que música minha amiga tinha colocado*: Love Scenario*, do **iKON**. Este é o grupo que Cleo ama mais do que tudo; ela sempre me obriga a escutar a banda e, por causa disso, acabei decorando a música. Mesmo que, com toda certeza, estivéssemos cantando errado, porque a canção era em outro idioma, ainda gritamos; berramos em cada refrão e vibramos enquanto sofríamos por uma música da qual apenas Cleo conhecia — mais ou menos — a tradução. Ao mesmo tempo em que os garotos bebem e conversam, sentados de qualquer jeito no sofá, Cleo e eu pulamos elétricas.

Minhas semanas foram bem tensas depois do meu aniversário, e acho que Cleo percebeu. Neste momento, mesmo não conseguindo respirar, consigo relaxar a cabeça, como se todas as memórias e pensamentos ruins desaparecessem. A raiva que eu sentia de Yeon por ficar abraçando outra garota diante de mim, dos meus pais por não conversarem comigo e me ignorarem... tudo se vai.

Fecho os olhos aliviada.

— 100 Pontos!!! — Cleo pula animada, me puxando com ela, para o céu além das nuvens.

— Conseguimos! — exclamo junto dela, e ambas sorrimos, liberando um grande ar que tínhamos contido. É como se tivéssemos feito algo realmente incrível.

Este sentimento é tão bom! Lembra-me que ainda sou jovem, como se não carregasse todos os pesos que estão sobre minhas costas.

Algumas horas depois, cansada, deito sobre o sofá de couro, que está gelado. Como já fazia um tempo que estávamos todos em pé, e ninguém deu atenção a ele, me encolho, procurando proteger o corpo do frio que começa a me incomodar. Provavelmente isso acontecia por conta do ar-condicionado que estava ligado na sala.

— Está cansada? — Yeon se aproxima de mim, colocando sua mão sobre meu ombro direito. Antes que ele pudesse prestar atenção em meu rosto, cerro os olhos como reflexo.

Como está tarde, tenho uma ótima desculpa para não falar com ele neste momento. Se eu discutir com Yeon, posso acabar perdendo.

Um pouco antes de o garoto vir até mim, olho no celular: são quase nove da noite, e eu precisava voltar para casa. Porém, estou um pouco aliviada, já que meus pais sairiam para outra viagem naquela manhã.

— Deve estar... — ele conclui antes de me cobrir com seu *blazer*.

— Acho que deveríamos ir embora. — Leo se aproxima de seu amigo bocejando, e Cleo aparece logo atrás, tão cansada quanto.

Decidem, por fim, ir embora. Minha pequena mentirinha — fingir estar dormindo — complica a situação quando me colocam nas costas de Yeon depois de descermos do carro da mãe de Cleo em frente ao nosso condomínio.

O que eu faço? Ele vai me carregar até meu andar, e então até o quarto? O que estou fazendo?

Não é mais fácil apenas fingir acordar? Mas e se eu acordar de uma forma suspeita e deixar a situação ainda mais constrangedora?

As costas dele são largas, e seu cabelo está com o cheiro do condicionador que o menino provavelmente usou essa manhã. Cada passo que Yeon dá me deixa mais ansiosa.

— Sei que não está dormindo...

Não expresso nenhuma reação; permaneço com os olhos fechados, controlando a

respiração.

— Você não quer falar comigo no momento, sabe? — Ele ri. — Já fez isso uma vez.

Já fiz? Quando?

Por que não me lembro? Provavelmente me lembraria de uma ocasião constrangedora assim.

— No seu aniversário, há alguns anos, quando saí no meio da festinha e você ficou com raiva de mim. — Ouço o som do elevador indicando que tinha chegado onde estávamos. — Naquele dia, fui correndo comprar um bolo para você, mas acabei não conseguindo te entregar pessoalmente.

Se não me falha a memória, foi sido meu irmão quem me entregou o bolo.

— Alan tinha me contato da vez que você passou mal na casa da sua avó por causa da alergia a abacaxi… eu… — Yeon permanece em silêncio mesmo quando mexo um pouco a cabeça indicando que ele prossiga, sem revelar que estava acordada.

— Percebi que realmente gostava de você, que a protegeria contra tudo naquele momento. — O elevador para de subir, e o garoto volta a caminhar.

— Mas não tinha notado que havia tantas pessoas para proteger você. — Yeon coça a garganta. — Na minha cabeça, apenas eu estava aqui. Mas não, você tem seu irmão e Cleo, que dariam o mundo por você, e me dói… —A campainha toca.

Em poucos segundos, a porta é destrancada.

— Yeonjun? E… Sam? — Sinto-me sendo examinada pelo meu irmão dos pés à cabeça, mesmo estando com os olhos fechados.

— Ela dormiu no karaokê — explica Yeon. — Posso entrar? — ele indaga, e logo começa a andar novamente.

Em alguns minutos, o garoto me coloca sobre a cama, conversando com Meow ao mesmo tempo em que me cobre e tira meus sapatos.

— Me dói que você nunca consegue dizer nada para mim, como fala para eles. — Yeon suspira. — Espero que realmente esteja dormindo.

É a última coisa que escuto de sua voz antes de a porta bater; são palavras que me deixam confusa.

Eu não tinha contado sobre o que aconteceu na discussão com meus pais, ou o que ocorreu no dia em que fui parar no hospital. Todo esse tempo, Yeon sempre esteve comigo, enquanto eu mantive ele longe. Diferente de Cleo, a quem contei tudo sobre aquela noite quando ela se convidou a dormir aqui, e de Alan, que estava lá e viu tudo.

Mesmo com os olhos abertos, tudo está escuro — o menino tinha apagado as luzes. Sinto um nó se formar em meu estômago. Alguns dias atrás, eu estava pensando que…

Talvez não merecesse seu amor.

Como sempre, eu estou errada, estou sendo guiada pelos sentimentos de repulsa de meus pais: como eles não podiam me amar, talvez eu achasse que não merecia o amor de ninguém. Por causa disso, parei de pensar que era amada.

Você tem seu irmão e Cléo que dariam o mundo para você.

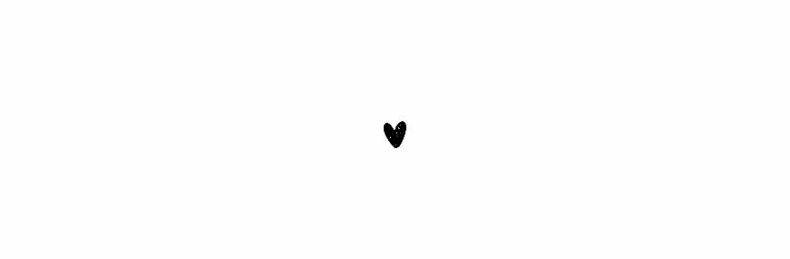
Yeon me lembra disso: há pessoas que me amam, sim, mas eu estou cega pela angústia, e não consigo enxergar o carinho deles por mim.

Nunca estive sozinha.

Sempre existiram pessoas que se importaram comigo.

Vamos prometer que seremos o band-aid um do outro. Não para tapar a ferida, mas para ajudá-la a sarar.

Esse tempo todo, eu tenho quebrado nossa promessa. Estou deixando a porta do meu coração trancada, o que me faz mais amarga e impede que a ferida se cure ou que Yeon possa me ajudar a sarar. Caio no sono depois de me jogar na cama após um banho quente.



Logo que o almoço passou, corro até a sala do clube de música para encontrar Yeon. Preciso falar com ele: depois de pensar muito, estou pronta para ser verdadeira.

A partir de agora, terei em mente que tudo na vida é passageiro, assim como uma pequena folha que cai lentamente de sua árvore, indo de um lado para o outro enquanto é empurrada pelo vento. Aproveitarei com mais fervor os momentos de alergia e aguentarei firme os instantes de fraqueza.

Entro na sala e encaro tudo em volta: as cadeiras empilhadas, o quadro negro e os instrumentos estão todos aqui, menos quem eu procuro.

Ouço algo estranho e caminho até a parte de trás de um armário enorme de ferro, onde estão Mary e Yeon agachados, pegando alguns papéis jogados sobre o chão. Por isso não consigo vê-los de primeira.

Mary não perde uma chance de agarrar as mãos do meu namorado enquanto ele pega os papéis; um toque aqui, outro ali. Sinto a cabeça inchando como um balão de ar.

— O que estão fazendo? — pergunto, expressiva.

— Ele me pediu ajuda para pegar. — Yeon sorri.

Quero conversar com ele, mas agora não é o melhor momento.

— Chegou tão cedo... — Mary levanta, ajeitando a saia listrada do uniforme.

— Gosto de pontualidade. — Sorrio.

— Vem, tenho algo para te mostrar, gatinha. — Yeon me puxa para longe antes que eu cerre os olhos para Mary, que me encara com desdém.

Uma coisa que sempre odiei é a rivalidade feminina. Mesmo vendo isso acontecer todos os dias entre Mary e Cleo, ainda não gostava. Porém, agora ela está provocando a mim, e eu não estou disposta a ceder, muito menos a brigar.

Ela terá que discutir sozinha.

Confio no meu Yeon porque, antes de ser namorado, ele sempre foi meu melhor amigo.

CAPÍTULO 24

YEON

No celular, mostro para a garota de uniforme semelhante ao meu a foto que tiraram de nós no casamento a que fomos alguns dias atrás. Eu pretendo colocar como papel de parede — mas isso não iria dizer. Sam está com o cabelo preto solto e, com apenas alguns centímetros de distância entre nós, consigo sentir o cheiro do seu *shampoo* de baunilha; ela costuma usar sempre o mesmo.

— Estamos assustados — diz Samantha ao notar nossos olhos arregalados pelo susto que Cleo nos dera.

— É mesmo... — Sorrio.

Parece que ela realmente estava dormindo na noite anterior. Sam não tocou no assunto; provavelmente, se tivesse ouvido o que falei, ficaria ainda mais chateada comigo.

— Eu não gosto — comenta.

— Do quê? — pergunto confuso. — Da foto? O que tem de errado, está até…

— Você e Mary juntos. — Sam fala de forma tão calma que preciso olhar em seus olhos, que desviam dos meus. Cleo está certa.

— Não estamos juntos, somos colegas — explico.

— Eu — ela respira fundo — confio em você, mas ainda estou com ciúmes. — Sam enfia ambas as mãos na raiz de sua cabeça e sacode-a, frustrada. — Gosto muito, muito de você, e este sentimento estúpido fica me deixando desconfortável; não por você, e sim por ela.

Sorrio.

— Está rindo? — Seus olhos me apunhalam.

Noto o olhar de Mary sobre nós.

Levo propositalmente a mão direita até o cabelo de Sam, que está bagunçado, e ajeito-o.

Deslizo delicadamente as mãos sobre seus fios desabrigados e, por fim, seguro seu queixo, levantando sua cabeça.

— Se não gosta disso, gatinha, não vou fazer. — Sorrio, singelo.

— Já decorou todas as músicas? — Sam pergunta.

— Ainda não, falta uma. — Dou de ombros.

— Até eu já decorei todas. — Samantha debocha, me esnobando.

— Então pode ser o príncipe no meu lugar.

— Acho que eu daria um bem melhor.

Encaro seu rosto, e ela ri pelo que acaba de falar, provavelmente imaginando como seria.

— O quê? — provoca.

— Acho que você faria um papel da bruxa muito bem — confesso —, com esse seu jeito sério e a forma como fala calmamente certas coisas.

— O que você disse? — A mão da garota, que estava segurando a minha, se afasta e se transforma em um punho. A única coisa que sou capaz de fazer é me levantar e correr para o outro lado da sala.

— Desculpe, gatinha, eu não disse nada — defendo-me após tomar distância.

— Repete, quero ver sua coragem agora. — A garota cerra os dentes e corre até mim.

Para uma baixinha, ela realmente corre muito rápido. Provavelmente por isso sempre participa da corrida no campeonato de esportes que temos na escola. Ou então o espaço para que eu fugisse é curto demais. Sam me alcança em poucos segundos e ambos caímos sobre o chão frio de madeira. Sorrio, provocando a menina enquanto olho em seus olhos. Eles analisam a situação. Como sempre acabamos assim? Esses olhos tranquilos me teletransportam para um outro lugar, onde há apenas nós dois.

— O que vocês estão fazendo? — Cleo entrou na sala, colocou ambas as mãos na cintura e analisou toda a situação.

— Caímos. — Sam se levanta, ajeitando seu uniforme.

♥

Mais tarde, após sairmos da escola, resolvo acompanhar Sam até seu apartamento. O clima está começando a mudar, e eu quero vê-la entrar.

— Não precisa me levar — diz.

— Mas eu quero — refuto.

— Realmente, não precisa. — Ela aperta o botão do elevador, que se abre em poucos segundos.

— Por que não? — pergunto, chateado pela insistência dela.

— Não quero que meus pais vejam você — comenta Sam, cabeça baixa.

— Desde antes do nosso relacionamento, eu frequentava sua casa. Qual é o problema agora? — Encaro seus olhos, que se recusam a me notar.

— Yeon…

— Ontem mesmo eu fui lá, pode não lembrar porque estava dormindo, mas…

— Ontem meus pais não estavam. — Ela engole em seco.

— Qual é o problema com seus pais? Sempre me tratam muito bem! — Acabo levantando a voz sem perceber. Caminho para dentro do elevador. Mesmo que a garota me diga para não ficar irritado, ela nunca me fala nada, age como se eu não fosse capaz de entendê-la.

Sam sempre vai na minha casa, mas, uma vez que quero ir na dela, apenas faz birra. Parando para pensar, o que a deixa tão madura é a infantilidade.

— Não vai embora? — pergunta, inexpressiva.

— Realmente quer que eu vá? — Coloco o pé no meio da porta, impedindo que ela se feche.

— Não, mas… — ela encosta a cabeça na parede de espelho do elevador — ...podemos conversar depois? É que meu pai me ligou, e realmente não dá agora, mas queria muito falar com você.

— Claro! — Saio do elevador, que se fecha em seguida. Observo por alguns minutos, buscando coragem para andar para trás.

Apenas vou para casa. Surpreendo-me ao ver Leo na entrada, com uma sacola branca em sua mão direita. Leo está com uma blusa branca e um moletom azul-escuro. A outra mão aparece no bolso da calça jeans.

— O que faz aqui? — Dou uma batida em seu ombro, e o garoto sorri.

— Noite de filmes... — Mostra a sacola, na qual eu já havia reparado antes.

— Acredita que tinha esquecido? — Rio confuso.

Subimos até meu apartamento e nos ajeitamos sobre o sofá. Minha mãe não está em casa e, como estou com um humor péssimo, acho melhor assim.

Leonard escolhe um dos filmes que tanto gosta e espalha na mesa as besteiras comestíveis que estão dentro da sacola.

Trinta minutos se passam e não consigo me lembrar dos nomes dos personagens ou de qualquer coisa da história. Nada mais está na minha cabeça além das palavras de Sam.

Podemos conversar depois?

Podemos conversar?

Conversar? Sobre o que temos de conversar? Fico tão irritado que não percebo o peso que essas palavras têm sobre mim.

— Yeon, está me escutando? — Noto as mãos do garoto se sacudirem na frente do meu rosto.

— O que você disse?

— O que há com você? Está tenso e distraído... — pergunta curioso.

— Acho que era mais fácil quando éramos apenas amigos. — A frase escapa de meus lábios, algo que eu nunca teria coragem de dizer de frente para a garota.

— Nós somos amigos... — O rapaz com óculos me encara curioso.

— Você, não! A Samantha — explico.

— Complicações no amor... — Leo se ajeita no sofá e estufa o peito. — Pode falar comigo sobre, sou formado em comédias românticas — afirma.

— E no que isso vai me ajudar? — Rio.

— Não vai saber se não tentar... — Meu amigo sacode os ombros. — Mas se não quiser, tudo bem. — Vira sua atenção para a TV novamente.

— Tudo bem! — exclamo, sem prestar atenção no fato de que elevo a voz. Acho que estou um pouco desesperado.

— Pode falar... — Leo sorri de lado.

— A Sam não me conta nada, principalmente sobre seus pais — digo, baixo.

— Das duas, uma: ela não quer oficializar o namoro por achar que seus pais não vão aceitá-lo ou a Sam tem medo de que você descubra um lado dela que pode fazer com que a rejeite — analisa o garoto, calmo.

Coloca um salgadinho de coloração amarela na boca.

A primeira opção não é real, porque sua mãe gosta bastante de mim, então… a segunda, um lado dela que tem medo que eu veja? Não consigo imaginar um outro lado; acho que conheço todas as facetas de Sam, mesmo que superficialmente. O que mais poderia ser?

Samantha é uma garota calma, que gosta de sorrir para aliviar o astral, tem pés no chão e é responsável. Pensando bem, ela poderia ter um lado que não conheço, já que, até pouco tempo atrás, não sabia que gostava de mim.

Qual será a parte da minha namorada que eu desconheço?

— E em qual alternativa você apostaria? — questiono.

— Você conhece ela há mais tempo do que eu; o que acha que combina mais com a personalidade de Sam?

— Ah! Mais cedo, ela também disse que precisava conversar comigo.

— Já era, cara... — Leo fica pensativo. — Ela provavelmente quer terminar, o que você

fez? — indaga, curioso.

O que eu fiz? Não acho que fiz nada para que ela quisesse terminar.

— Você não sabe de nada. — Mexo a cabeça em negação, tentando apagar suas palavras da mente.

Leo gargalha.

— Ou de repente ela só quer conversar mesmo, falar algo importante para você. — O rapaz dá de ombros.

— Não brinca comigo assim! — Levo a mão ao lado esquerdo do peito; meu coração está pulando exageradamente, pelo medo de perdê-la.

— Aliás...

— O quê?

— Por que você chama ela de gatinha? Sempre quis perguntar. — Leo sorri, curioso. — Ela é bonita, mas, se for analisar, seu rosto tem os traços de um cachorro, sabe: os olhos delas são amendoados, ligeiramente caídos para baixo, o rosto é redondo e os contornos são suaves. — O rapaz gesticula enquanto explica. — Você é que tem traços mais felinos, se formos comparar, principalmente por conta dos seus olhos alongados e do rosto compacto e delicado — conclui após sua grande análise.

Rio alto, como se não estivesse agoniado alguns minutos atrás. Quanto mais eu olho para sua expressão confusa, mais eu gargalho.

— É porque, na sexta série, ela passou duas semanas indo para a escola com uma fantasia de gato que ganhou de seu avô — continuo, rindo. — Literalmente todos os dias, durante duas semanas.

— Por que está rindo? — Leo me encara confuso.

— Não sabia que tinha mania de analisar rostos.

— Não tenho, mas é interessante.

— E o pior: ela realmente parece um cachorro, mas ainda se assemelha a um filhote de gato com aqueles olhinhos...

— Agora vai ficar igual a Cleo? Choramingando pela Sam? — Desta vez é ele quem gargalha quando eu me encolho no sofá e abraço a almofada.

O que ela está fazendo agora?

E qual será o assunto sobre o qual gostaria de conversar?

CAPÍTULO 25

SAM

Meu dia está como sempre, até uma coisa que nunca ocorreu acontecer.

Estamos todos sentados no chão de madeira, que agora está quente por conta da quantidade de tempo em que ficamos daquela mesma forma — o lugar já absorveu nosso calor. Sentamos em uma grande roda, e aqueles que participam efetivamente na peça repetem suas falas em pé, no meio do grupo.

A cada fala errada, há suspiros nervosos e muitos risos reconfortantes, além de incentivos como “você está indo bem”, “da próxima vez fará melhor”. Essas frases ecoam através das pessoas na roda em direção àqueles com coragem para se apresentar. É nítido como todos estão nervosos e agoniados — mesmo que ainda falte quase duas semanas para a estreia — porque o grande dia está chegando.

Graciosamente, minha melhor amiga e meu namorado cantam uma das músicas mais aclamadas do musical. Não gosto de admitir, mas Mary e Cleo fizeram um ótimo trabalho nesta adaptação de *A Bela e a Fera*: elas misturaram as canções da animação com um enredo mais curto. Existem pouquíssimas falas, pois os elementos mais importantes nesta peça eram a música e a interpretação de cada cena.

Como agora: a garota com vestido amarelo — de um tecido diferente daquele que me mostrou no outro dia — dança rodopiando em volta de mim. Ela está acompanhada de seu príncipe, que acaba de se tornar um humano, e não era mais uma grande fera — essa parte as meninas também adaptaram, pois não havia como fazer uma fantasia de fera. Por isso, apenas colocamos uma máscara de metal dourada com a aparência um pouco deformada no rosto de Yeon. A máscara é de um dos alunos presentes, e cobre todo o rosto do meu namorado. No entanto, ainda é possível enxergar seus olhos, aqueles pelos quais me apaixono todas as vezes

que se encontram com os meus.

Neste momento, me recordo do dia anterior, em que Cleo foi embora enquanto cantarolava as canções e me disse que estava dando tudo dela na atuação; mesmo que fosse apenas uma peça da escola, minha amiga mostraria todo o seu talento. Como ela mesma diz, está pronta para brilhar. Fico feliz de apenas participar e acompanhar sua alegria, que levanta o ânimo, assim como o de Yeon. Ele também me disse que nunca mais fará isso novamente. Lembro-me apenas de rir da expressão de terror em seus olhos: o garoto estava exausto, assim como Cleo; porém, diferente dele, a garota mantinha sua personalidade animada enquanto era encorajada por seus colegas.

Sinto o celular vibrar, saio de fininho da sala para não atrapalhar ninguém e me encosto na parede do corredor do lado de fora, mantendo apenas um pé no chão. O outro, erguido, está encostado na parede também.

— Olá? — atendo com a voz baixa.

A coisa que nunca me ocorreu foi papai ligar em horário de aula. A simples ação de atender o telefone forma um nó em minha barriga.

— Esses dias você tem voltado tarde, hoje venha mais cedo, tenho um assunto que quero discutir com você. — Sua voz soa calma, mas posso notar algumas poucas alterações em seu timbre. Ele está nervoso, ou talvez ansioso, por alguma razão.

— Claro... — Eu também preciso pedir desculpas a ele.

Desde aquele dia, sempre que chego em casa e está tudo em perfeito estado, apenas lavo a louça ou passo um pano úmido no chão, nada como era antes. Algo está mudando; mesmo devagar, está acontecendo. Então, eu logo ficarei bem. Ter conversas difíceis é necessário para que a ferida possa se curar em vez de deixar cicatrizes dolorosas. Yeon está certo: de alguma forma, aquela conversa difícil que tivemos permitiu que nossas feridas começassem a sarar.

— Alan me disse que você não deixou que ele vendesse os livros de Direito... — comenta papai.

— Desculpe, se o senhor não autorizar que eu fique com eles, não ficarei. — Fecho os olhos, cabisbaixa.

— Tudo bem, pode ficar com eles. — Solto o ar que tinha segurado. Levanto o rosto e encaro, confusa, a janela do corredor, de onde dá para ver a quadra do colégio. — No entanto, precisamos conversar primeiro. — Meu pai desliga.

Eu estava planejando conversar com Yeon após a escola, sobre tudo, e dividir um pouco dos problemas assim como ele faz comigo. Entretanto, os planos mudaram totalmente agora: precisava apenas ir para casa. Mesmo com medo, tinha de ouvir sobre o que papai gostaria de discutir comigo.

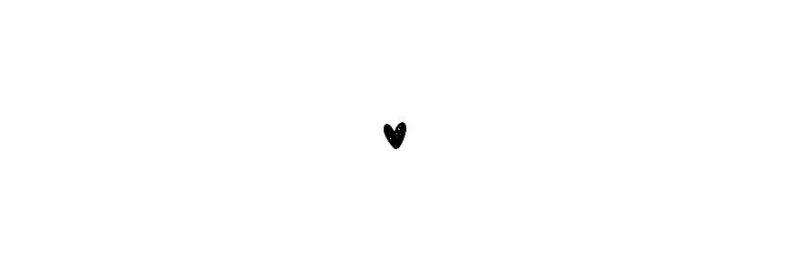
— O que está fazendo aqui? — Cleo sai para fora.

— Meu pai me ligou. — Mostro o celular para ela enquanto balanço o aparelho.

— Milagres acontecem... — A menina encara o telefone em minhas mãos admirada.

— Terminaram? — pergunto ao notar os demais saindo.

Ela assente.



Ando pelo corredor de paredes brancas da entrada. No momento em que cruzo o caminho e fico de frente para a sala, vejo que papai está sentado no sofá branco, com as pernas cruzadas enquanto lê um jornal. Ele está concentrado e, com a mão livre, ajusta seus óculos no rosto.

— Samantha, você chegou! — Papai coloca o jornal na mesa de madeira à sua frente.

— Vou guardar a mochila primeiro — continuo, seguindo meu caminho.

— Não precisa, sente-se aqui.

Apenas assinto, sentada na outra ponta do sofá, mantendo alguma distância.

Samantha, olhe no espelho só uma vez e perceba que fazemos muito por você, e o mínimo que nos deve é respeito. Peça desculpas ao seu pai assim que ele chegar do trabalho.

Desde que minha mãe me disse isso, ignorei meu pai de todas as formas possíveis até que ele fosse em outra viagem de trabalho, mas agora ele está diante de mim. Ao invés de olhar para o espelho, desta vez, encaro seu rosto, buscando perceber tudo o que fizeram por mim. Eu preciso ver algum mínimo carinho em seus olhos. E, pela segunda vez, enxergo culpa através de meu reflexo no interior de sua pupila escura.

— Desculpe pelo outro dia, eu me exaltei — digo, cabisbaixa.

— Sim, você se exaltou — ele repete em seu tom de voz autoritário.

— Desculpe — peço mais uma vez.

Aperto as mãos uma contra a outra, mesmo que não ajude em nada. Isso só me deixa mais nervosa.

— Se você comete um erro, deve estar disposta a se desculpar, porque isso é o certo a se fazer. — Papai descruza suas pernas e se vira para mim. Segura em seu cotovelo com uma mão enquanto gesticula com a outra. — Então, neste caso, eu também te devo desculpas.

Ele flexiona suas mãos.

— Para mim?

— Sempre pensei que estava fazendo o que era certo, que a forma com que eu tratava

você, de alguma forma, te preparava para o mundo lá fora. — Papai desvia seu olhar. — Eu não estava te tratando como filha, pois meu maior medo era que você sofresse pelas mãos de outra pessoa. Mas, ao contrário disso, você sofreu por minha causa. — Ele suspira. — Nossa causa.

O homem volta seus olhos para mim e me encara, examinando cada detalhe do meu rosto, tão confuso quanto antes de ele começar a falar.

— Sinto muito, a pior coisa que fiz foi deixar o coração frio para você, Alan estava certo: eu e sua mãe estávamos passando dos limites e devíamos ter percebido antes. Desculpe também, pelas poucas palavras trocadas e pelos meus gritos frequentes. Não posso garantir que consigo, mas tentarei mudar.

— Alan?

— Há alguns dias, tivemos uma conversa com seu irmão na qual ele disse coisas que precisávamos ouvir. — O homem ri, fraco. — Aquele garoto realmente está crescendo agora — completa orgulhoso.

Não soube como responder nem se conseguia aceitar suas desculpas, apenas assinto em silêncio e vou para o quarto. Realmente, algo havia mudado, e meu irmão imaturo era parte disso, mas eu não conseguia acreditar.

Decido ligar para Alan; preciso saber seu motivo para se comportar assim. Logo ele, que foge de responsabilidade como se fosse uma cobra venenosa.

Chama três vezes até ele atender. Sua voz está cansada, e ele parece não dizer coisa com coisa, em um tom de voz estranho, errando algumas palavras e falando lentamente. A única coisa que consigo entender são as palavras “parque do condomínio”. Um pouco preocupada, visto uma jaqueta de frio e vou até ele.

Lá está Alan, sentado em um dos balanços de ferro, mexendo seus pés sobre a areia no chão. Ele está com uma camiseta preta, uma calça jeans escura e um grande sobretudo marrom.

— O que você está fazendo aqui? — Posso sentir o cheiro forte de álcool que vem dele.

— Olha quem está aqui! Minha irmãzinha... — comenta empolgado, apontando para mim.

— O quanto você bebeu? — Sento no balanço ao seu lado.

— Apenas um pouquinho, bem pouquinho assim... — Alan encosta seu dedo indicador no polegar, mostrando a quantidade pequena.

— E está assim? — Encaro-o incrédula, não deixando de notar suas bochechas avermelhadas.

— Sou fraco para bebida. — Ri.

— Então porque bebeu? — pergunto o óbvio.

— Eu precisava de uma forma de relaxar um pouco — confessa. — Pode não parecer, mas não é só você que tem vários conflitos internos — ele balança.

— E que problemas você teria?

Já que ganha sempre tudo na mão e tem nossos pais para te favorecer.

— Estou cansado de todos tentarem controlar minha vida — soluça —, sabe… você acha que é ruim nossos pais ignorarem você? É pior quando eles colocam expectativas e jogam toda a pressão sobre você. A frustração de nunca conseguir ser o suficiente, o sentimento é corrosivo, mas…

— Você está realmente muito bêbado — concluo.

Em ocasiões normais, ele nunca falaria algo assim para mim.

Acho que Alan talvez tivesse medo que falar de determinada forma me afaste.

— De uma hora para outra, todos me rotularam como adulto. Mas sabe de uma coisa, Sam? — pergunta.

— O quê?

— Eu nunca me senti como um. — Meu irmão dá de ombros.

CAPITULO 26

YEON

Olho atentamente para ambos os vidros com leite de coco diante de mim na prateleira do mercado. Minha mãe pediu que eu comprasse o ingrediente para que ela testasse mais uma de suas receitas. A Sra. Doria está colocando muito tempo neste *hobbie* desde que dei a ideia a ela; talvez ele a ajude a descansar a cabeça dos problemas um pouco. O problema é que não faço a menor ideia de qual devo comprar ou qual das opções seria melhor. Mamãe não citou uma marca específica e, por mais que eu pesquisasse no *Google*, não achava nada que me ajudasse na escolha. Decido comprar as duas alternativas.

— Quanto mais melhor, não é? — falo sozinho enquanto caminho até o caixa.

No caminho, quando estou voltando para casa, vejo Sam, que caminha com dificuldade enquanto tenta arrastar Alan. Ele está escorado em suas costas e ela segura os dois braços do irmão, como se estivesse carregando um saco de lixo. Aproximo-me para entender melhor a situação.

O cheiro de álcool é evidentemente forte.

— Nossa! — reclamo no cheiro. Mexo as mãos na frente do nariz, como se o odor fosse simplesmente desaparecer.

— Yeon? — A garota, que não tinha reparado em mim, sorri aliviada. — Pode me dar uma ajudinha? — choraminga.

— Como? — brinco, apenas para provocá-la.

— Carregando nas costas, sabe, como fez comigo da última vez — diz Sam, sem prestar atenção em suas próprias palavras.

— Então, você estava acordada? — Cerro os olhos para a menina, que desvia deles a todo custo.

Coloco seu irmão em minhas costas e percebo que ele pesa mais do que tudo. Mesmo que as pernas tremam, finjo que não me afeto com a carga e continuo caminhando.

— Ah, que alívio! — ela exclama, e alonga-se.

Olho com cara feia para ela, que logo se encolhe.

— Desculpa — fala —, eu queria fugir, mas aconteceu e acabei ouvindo tudo.

— Você ouviu? — Paro, inexpressivo, me lembrando do que tinha dito à Samantha naquela noite.

Sam assente.

— Sabe, não era minha intenção... — Sorri de lado.

— Aquilo não era importante, apenas finja que não ouviu. — Continuo caminhando.

— Samantha, d-desliga o s-som, está muito-o-o alto — Alan comenta, sonolento. Ele não fala coisa com coisa, assim como sua irmã quando acordou no carro naquele dia.

— É importante, Yeon, e eu pensei muito nisso. — Sam engole toda a saliva em sua boca, provavelmente buscando coragem para prosseguir. — E você tinha razão: manter você longe, mesmo quando está tão perto de mim, é uma forma de descumprir nossa promessa.

— Tudo bem, eu estava fazendo tempestade em copo d'água.

— Uma pessoa importante me disse que, se você comete um erro, deve estar disposto a se desculpar, porque isso é o certo a se fazer. — Sam discursa, com orgulho em seus olhos. — Isso me faz pensar que não ser honesta com você é um erro horrível.

— Não acho que seja um erro.

Não agora.

— Mas é. Às vezes, eu queria ser honesta como meu irmão é; às vezes, sabe né, ele costuma dizer coisas na cara — comenta a menina.

— Verdade... — Rio, ajeitando o garoto que eu estava carregando, que estava babando na jaqueta.

— Recentemente, descobri que ele também não é honesto sempre. Isso me assustou um pouco, pois fez com que eu visse Alan de uma forma diferente — Sorrio. — Neste momento, entendi que, quando se é honesto sobre seus sentimentos com alguém, você mostra uma nova perspectiva de você mesmo a esta pessoa.

Continuo em silêncio, prestando atenção em cada palavra que sai de sua boca.

— Eu quero ser honesta com você, Yeon, quero que você conheça este meu outro lado, que tanto me dediquei para não mostrar. — Sam respira fundo e olha para o céu com poucas estrelas acima de nós. — No entanto, tenho medo que, de alguma forma, isso leve você a gostar menos de mim depois de ver meus defeitos. Posso me tornar mais falha do que o habitual.

Leo estava certo. Aquele idiota realmente tinha razão!

— Nada me faria gostar menos de você — digo.

Paro de frente para o condomínio da menina.

— Mas nem eu sei que tipo de pessoa sou — ela completa quase como em um sussurro, pensando alto.

— Se quiser, posso te ajudar a encontrar o tipo de pessoa que você é — Alan desce de minhas costas —, quando você estiver preparada.

— Você pode fazer isso?

— Sim.

— Como?

— Isso é um segredo. — Afasto sua franja, dando um beijo doce em sua testa quente.

Depois disso, vejo Sam entrando com o irmão, que tinha despertado um pouco mais. Caminho devagar enquanto reflito sobre Samantha: nunca havia pensado que alguém como ela, com tudo organizado à risca e sempre tão responsável, teria esse tipo de pergunta em sua mente, a ponto de ter dúvida de quem é. Se pudesse, eu apenas diria como a vejo, mas isso não seria suficiente. Parando para pensar, não sei muito o que falar além de que Sam é inteligência, esforçada, responsável e divertida; certas vezes, também é carinhosa.

Porém, só o fato de pensar que ela está disposta a se abrir um pouco mais comigo aquece meu coração. É como se estivéssemos subindo algum nível invisível, como se eu estivesse prestes a derrubar uma parede de ferro.

Durante o restante da semana, permanecemos tão ocupados que mal nos falamos pessoalmente. Basicamente, somente trocamos mensagens regulares. Agora, estou em uma ocasião um pouco desconfortável: um jantar com o Sr. Lee. Estamos no restaurante do hotel dele na cidade, e a comida parece agradar meu paladar, mas a presença dele me deixa um pouco incomodado.

— Aqui estão. — O Sr. Lee me entrega as chaves de minha moto.

— Por que está me dando isso? — pergunto, curioso.

— Desde o início, é um presente seu; não faz sentido eu ficar com ela. — Dou de ombros.

— Pensei que gostaria de vender... — Pego as chaves.

— Não diga bobagem; sempre ameacei seus brinquedinhos, mas nunca fiz nada de verdade — diz, sério.

— Você colocou Sam em uma situação delicada. — E não sei se consigo desculpá-lo por isso.

— Aquilo foi um equívoco, perdoe minhas ações grotescas. — Meu pai tosse.

— Perdoar?

— Sua mãe marcou este encontro porque acredita que será melhor para você se nos dermos bem. — Ele dá de ombros.

— Você quer se dar bem comigo? — pergunto, realmente interessado. — Então prove

através de suas ações. — completo.

— Farei isso. — Ele assente.

Encaro o homem, ainda desconfiado por seu comportamento recente.

— Qual foi o acordo que fez com minha mãe? — Isso estava me corroendo desde aquele dia.

— Não é nada, apenas negócios. — O Sr. Lee desconversa.

— Me diga! — Encaro-o.

O cara diante de mim suspira.

— Sua mãe me venderá metade das ações que ela ganhou na separação de bens.

— Por que ela faria isso?

— Foi necessário para eu assinar aquele documento — ele afirma.

Claro que ele não faria nada a menos que ganhasse algo com aquilo. Eu nem estava impressionado ou surpreso.

Minha mãe estava certa: talvez eu tentasse carregar o peso de proteger a todos e esquecesse de pensar um pouco em mim, de aproveitar os momentos. Tudo, de alguma forma, se ajeitou sozinho; com o tempo, cada peça voou para seu lugar. Sinto-me um bobo enrolado em uma teia de aranha, correndo sozinho em uma roleta para *hamster*.

Parando para observar, todos os momentos que passei só se tornaram valiosos após se tornarem memórias, porque não sei como aproveitar o presente.



Agora falta apenas um dia para o tão esperado dia. O tempo passou tão rápido que mal percebi uma semana indo embora. Mais uma vez, estamos na mesma sala de música, mas nesta ocasião estou sentado na roda também. Cleo demonstra sua cena solo mais vezes do que o normal, já que tossiu em todas as cenas. Ela falou que tinha ficado com a boca seca todas as vezes, mas o que parece mesmo é que a menina tinha pegado um resfriado. Mesmo que não admitisse, é nítida a preocupação de Sam com a amiga. Minha namorada está como de costume: de uniforme, cabelos soltos, sentada, com as pernas formando uma borboleta, o *notebook* em seu colo e um fone grande e rosa em sua cabeça. Ela parece concentrada nos efeitos sonoros da apresentação, e eu estou concentrado nela.

— Posso falar com você? — Mary, com o cabelo amarrado em um rabo de cavalo alto,

cutuca meu braço.

Sigo-a até o lado de fora da sala.

— O quê?

— Sabe, andei me aproximando de você e…

— Desculpe, eu já tenho namorada — aviso, deixando clara uma linha entre nós.

A garota ri.

— Queria te pedir um favor apenas. — Ela cobre a boca para rir.

— Um favor?

Tá bom, eu estou bem confuso com a situação.

— Sabe, você é próximo do Leo, não é? Queria falar com ele, mas não tenho coragem.

— Leonard? — pergunto, ainda não acreditando.

— Poderia falar um pouco sobre mim para ele? — Mary sorri.

— Posso, sim, mas por que pedir para mim?

— Não sei, mas não tenho confiança para falar com ele. — A garota que intimida Cleo e que deu um show na organização do grupo era, na verdade, uma adolescente medrosa.

— Acho que vocês se dariam bem.

— Sim! Também acho. Queria te agradecer por ter chamado ele para me ajudar com o roteiro, ele entende muito disso — conta, empolgada.

— Imaginei. — Sorrio.

Acho que todos éramos assim: ninguém fala e age exatamente como pensa. Estamos todos escondidos em máscaras como a da Fera.

CAPITULO 27

SAM

O dia tinha sido cansativo para a menina: seus olhos estão mais para baixo do que tudo. Vê-la desse jeito realmente me deixa preocupada; ela se esforçou demais durante essas duas semanas, e agora está fraca e tossindo.

— Está tomando algum remédio? — pergunto enquanto levo as mãos à água corrente e fria que desce da torneira.

— Minha mãe comprou algumas vitaminas e também um xarope. — Cleo tosse. — Como ela diz: é tiro e queda.

— Espero que sim... — Seco as mãos no ar frio do secador de mãos branco e com sensor do banheiro.

— Relaxa, vai dar tudo certo. Até amanhã, vou estar ótima! — diz minha amiga confiante, segurando meu ombro.

— Então vou mandar mensagem para a mamãe. — Pego o celular, que havia deixado sobre o balcão da pia de mármore.

— Sua mãe? Para quê? — ela pergunta, curiosa.

— Vou dormir na sua casa hoje, tenho que avisá-la. — Encolho os ombros.

— Vai, é?

— Sim, como posso deixar você doente? — questiono.

— Minha mãe está lá. — Desta vez, é Cleo quem dá de ombros.

— Que bom, ela vai amar me receber. — Sorrio, caminhando para fora.

Ela coloca suas mãos em meus ombros e começamos a andar de trenzinho até a sala de música.

— Yeon, adivinha? Sam vai dormir na minha casa. — Cleo mostra a língua para o garoto,

que está olhando em algo no seu celular. — Vou ter ela só para mim — ela me abraça —, você não pode ir.

Reviro os olhos.

Quando exatamente eles começaram a competir por mim?

— Eu vejo ela todos os dias primeiro que você. — Yeon finge não se importar.

— Isso não é justo! — choraminga minha amiga, ainda me abraçando.

— Você vai me passar seu resfriado! — exclamo.

— Não me preocupo com isso, você tem a imunidade muito forte desde pequena. — Ela me afastou e depois me encara. — Sempre brincava comigo, mesmo quando eu estava doente.

Mais um dia normal que eu estou aproveitando da melhor forma possível. Um dia que logo se tornará uma memória passageira, que agora me faz sorrir sozinha.

No futuro, realmente teremos que nos afastar; cada um seguirá com a sua própria vida. Quando as memórias se tornarem embaçadas, ainda poderei sorrir assim com eles? Não consigo imaginar uma vida sem a personalidade dramática e exagerada da Cleo, nem sem o conforto e o carinho de Yeon. Para mim, eles são uma parte central de toda a felicidade rotineira.

Com eles eu descobri quem eu era, quem eu sou.

Gosto da minha versão neste exato momento.

Pergunto-me se a eu do passado estaria ansiosa, e se a eu do futuro estará orgulhosa por esta pessoa que me tornei.

— Por que está sorrindo assim? — Yeon coloca ambos os polegares nas extremidades dos meus lábios, puxando-os para cima, como se estivesse fazendo um sorriso no rosto.

— Porque estou feliz — comento, não me importando com o que ele acabara de fazer.

— Claro que você está feliz, tem a pessoa que mais ama no mundo — diz Cleo, calma, e Yeon abre um sorriso — e o seu namorado do seu lado — completa orgulhosa, fazendo com que o sorriso do garoto à nossa frente se transforme em olhos afiados para minha amiga.

Gargalho como nunca tinha feito antes.

Eu preciso me permitir sentir, para que este momento se torne mais real, e a memória dele seja gravada com força em meu coração.

♥

Como eu tinha dito, dormi na casa de Cleo na noite anterior, e ela tossiu durante toda a

madrugada. Fiquei com medo de que ela tivesse febre, mas felizmente não aconteceu. Isso me aliviou um pouco; espero que o remédio faça efeito, mas não o efeito que teve.

— O q-que eu v-vou fazer? — indaga ela, com dificuldade, ao mesmo tempo em que penteia delicadamente seus longos cabelos castanhos.

— Nós vamos dar um jeito. — O evento seria em menos de cinco horas, e a personagem principalmente está sem voz, falando tudo rasgado.

Sua voz sai sufocada e tremida a cada fala, mas pelo menos a garota não tossia mais. Para o grande dia, está tudo dando errado, tanto que, quando chegamos na escola esta manhã, Yeon ainda não tinha aparecido. Eu não conseguia entrar em contato com ele. Por isso, peço para Alan ir até a casa do meu namorado. Mary parece apavorada, andando de um lado para o outro de nervosismo. Sua testa pálida chega a brilhar pela quantidade de suor que ela transpira sem parar.

Ajudo-a a organizar todo o cenário enquanto Cleo continua tristinha na sala. Montamos tudo no palco de apresentações da escola. O lugar é grande e amplo e há várias cadeiras na plateia, como em um cinema. As diferenças entre os dois espaços são o grande palco de madeira e as cortinas verdes. Além disso, há os elementos do cenário, que tínhamos colocado sobre o palco: cadeiras de madeira, grades que fizemos de papelão colorido, pequenas plantas e outros objetos que todos se esforçaram muito para preparar. No momento em que terminamos, Mary quase desmaiou assim que olhou as horas em seu celular: faltavam apenas trinta minutos para o espetáculo começar; o personagem principal já tinha chegado e vestido seu figurino.

— O que faremos? Não temos uma substituta. — Mary continua andando de um lado para o outro.

— V-você p-pode f-fazer. — Cleo comentou baixo, tão baixo que todos ficam em silêncio para que fosse possível escutá-la.

— Verdade, você queria o papel principal — um aluno comenta.

— Não dá, eu preciso me organizar. Além disso, sou encarregada de ajudar todos a entrarem em cena e trocarem de figurino — explica a menina, quase sem ar.

— A Sam sabe todas as músicas, ela mesma me disse — sugere o garoto próximo a mim.

Piso em seu pé, com toda a força.

Yeon morde os próprios lábios para não gritar.

— Perfeito! Vocês têm o mesmo tamanho. Pode vestir o figurino. Entrando em vinte e cinco minutos. — Mary se permite respirar aliviada.

Volto os olhos para a minha amiga, que está tão tristinha e desconcertada. Eu a vi se esforçando tanto por aquilo, não era justo que o papel fosse simplesmente tirado dela em apenas alguns segundos. Eu nunca faria algo assim com a Cleo.

Alcanço Mary, que caminha para cima do palco.

— Eu posso cantar — olho novamente para a garota —, mas quem atuará é a Cléo, o

público verá será somente ela — afirmo.

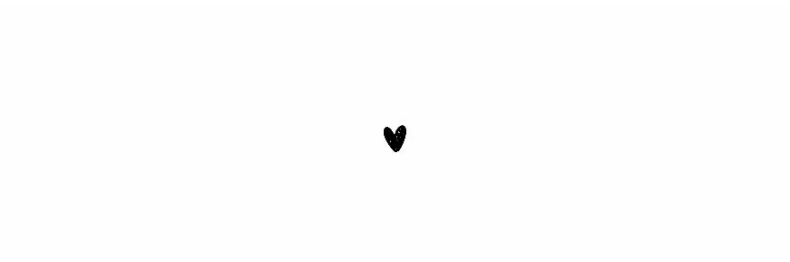
— Como?

— Ficarei do outro lado da terceira cortina, que fica atrás do cenário, e cantarei enquanto ela dubla.

— Tudo bem, mas não estrague tudo, não novamente. — Mary tampa os olhos por alguns segundos, respirando fundo. — Nada mais pode dar errado.

Mary realmente é uma pessoa que não aguenta a pressão. Pergunto-me se este dia será lembrado como um momento bom ou ruim para ela.

Suspiro aliviada.



Todas as cortinas se fecham e, diante de mim, está Cleo com seu enorme vestido rodado de tule amarelo, com alças caídas, assim como o do filme. Ela realmente tinha conseguido recriar o figurino de uma forma incrível! É como se ela tivesse saído de um livro de contos de fadas. Enquanto eu estou vestindo somente uma saia curta branca e uma blusa comprida de tricô rosa-claro, com algumas linhas brancas. Ela é um pouco grande, mas ainda fica bonita se colocada dentro da saia. Minha amiga me dá um abraço apertado e corre para onde devia estar neste momento, por onde entraria no palco.

Logo, o príncipe mais lindo que já vi está diante de mim, com um terno preto justo que define sua silhueta. Por dentro do terno, há uma camisa branca de botões e uma gravata vermelha. Do lado direito do palito, podia-se ver um tecido da mesma cor da gravata. Mas o que o deixa mais charmoso é a máscara dourada em seu rosto. Meu coração explode de emoção apenas por tê-lo perto de mim.

— Acho que estou me apaixonando novamente por você — comento.

— Como minha namorada, tem esse direito. — Yeon sorri.

— Eu realmente estou namorando um príncipe? — pergunto entre risos bobos.

— Isso faz de você minha princesa? — O rapaz coloca sua mão esquerda em minhas costas, puxando meu corpo de uma vez para perto dele. — A mais linda! — Ele cobre toda a maçã do meu rosto com a outra mão. Seu toque é quente e delicado.

No momento em que tiro sua máscara, sou puxada para um beijo doce. Sorrimos, mesmo com nossos lábios grudados um sobre o outro. Apesar das batidas do meu coração se tornarem

mais lentas, desejo que este momento nunca acabe, que ele possa durar para sempre.

Mas logo ele me entrega um beijo na ponta do nariz, depois em minha testa, e corre para longe, sorrindo sem que eu possa dizer nada.

— Poxa... — choramingo sozinha.

— Três minutos — ressoa a voz de Mary pelo alto-falante.

Balanço a cabeça, tentando me concentrar. Ajeito o microfone no rosto e olho para o relógio de pulso. Em poucos segundos, a primeira cortina se abre. Enquanto seguíamos com a peça, é nítida a alegria de Cleo ao atuar: suas ações são delicadas como as de uma princesa; ela age tão naturalmente, como se tivesse nascido para estar diante dos palcos. Consigo assistir a tudo através do *tablet* que está acima da mesa de controle: ele transmite o vídeo nas redes sociais da escola.

Um pouco antes do final, lágrimas correm pelo rosto da princesa que está no palco. Muitos daqueles que estão assistindo podem pensar que é por causa da história, mas eu sei que ela estava orgulhosa de si mesma por fazer um bom trabalho. Da mesma forma, meus olhos também derramam lágrimas, que descem sem parar enquanto eu canto a última canção.

Eu estou orgulhosa por ela.

Sentimentos são
Fáceis de mudar
Mesmo entre quem
Não vê que alguém
Pode ser seu par

Basta um olhar
Que o outro não espera
Para assustar e até perturbar
Mesmo a Bela e a Fera
©Disney

CAPITULO 28

YEON

Seguro a mão da princesa ao meu lado, que está suada e quente. Ela sorri de orelha a orelha e, só pela emoção que transmite, toda a plateia vibra. Respiro fundo, aliviado, e juntos fazemos uma reverência lenta. Seus olhos brilham, provavelmente por causa das lágrimas que derramou no decorrer da trama. Mesmo não conseguindo falar, e provavelmente com dor na garganta, Cleo sorri para todos, como se tudo aquilo fosse seu mundo.

— Você foi perfeita!

Cleo assente com seu sorriso mais sincero.

É como se agradecesse mentalmente.

Assim que saímos do palco, perco o abraço de Sam para Cleo, que corre como um cachorro perdido para os braços da amiga. Minha namorada também está em prantos; ambas choram como se o mundo estivesse acabando e a outra fosse o pedaço que restava.

— Samy, e-eu c-consegui! — Cléo choraminga, e sua amiga a consola, concordando com a garota, mesmo não entendendo nada do que a outra fala.

Depois de quase trinta minutos, consigo a Samantha para mim quando, sem querer querendo, acaba sequestrando-a — agarro sua mão e saio correndo.

O lado de fora está lotado de pessoas, que se aglomeram mais a cada segundo. Há tendas de todos os tamanhos que transmitem pelo ar todos os aromas possíveis.

— O que está fazendo? — a garota pergunta confusa.

— Eu também quero um abraço. — Abracei-a por trás. Por ser mais baixa, Sam é coberta pelo meu corpo como uma capa de chuva.

— Você também atuou muito bem. — Ela me abraça de volta, segurando suas próprias mãos nas minhas costas. — Você é bem pesado — comenta.

— Aguente um pouco, preciso recarregar as energias. — Fecho os olhos.

— E se alguém nos ver assim?

Ignoro sua pergunta e continuo apertando-a.

— Achei vocês! — Cleo encosta em meu ombro, fazendo com que eu dê um pulo para trás de susto.

Ela ainda está com o figurino, provavelmente não tiraria tão cedo.

Incrivelmente, sua voz já está saindo um pouco melhor.

— Você de novo! — Olho de escanteio para ela.

Tenho certeza de que a garota perde o que meu olhar quer lhe dizer.

— Ela e eu — Alan brota do nada, absolutamente do nada —, o que vocês estavam fazendo? — O rapaz olha no fundo da minha alma enquanto me interroga.

Ajeito meu corpo e coço a garganta algumas vezes.

— Apenas um abraço — afirmo.

— Que comportamento é esse? — Sam ri.

— Preciso me comportar diante do seu irmão pelo bem do nosso relacionamento — explico, sensato.

— Muito bem, tá vendo? Esse cara é inteligente desde criança — Alan sorri —, sou totalmente um apoiador de vocês, já que ganhei uma grana por isso.

Gargalha orgulhoso enquanto lança para a irmã um sorriso diabólico, de alguém que aprontou.

— Você vai dividir o dinheiro da aposta comigo! Eu é que estou namorando. — Samantha agarra o braço do irmão.

— Que aposta? — Observo ambos, esperando uma resposta.

No entanto, diferente do que espero, todos começam a andar e me deixam para trás, parado.

Durante o evento na escola, não reparo no tempo passando. Ele vai embora tão rápido que mal consigo acompanhar. Vemos Leo apenas uma vez, com Mary, antes de eles sumirem para longe. Sam e eu vamos em todas as vendas que existem lá, enquanto Cleo e Alan brigam como cão e gato a cada instante, minuto e segundo. Eles se tratam como inimigos mortais; a única coisa que os aproxima é Samantha. Mas, tirando isso, foi ótimo: comemos muitos, nos divertimos, rimos, teve até uma hora em que Sam chorou, pois estava muito feliz. A cada vez que eu olho para a garota, um sentimento cresce dentro de mim; algo realmente muito grande, que eu não sou capaz de carregar.

— Eu preciso dizer uma coisa — falo antes que ela entre em seu prédio.

Sam para e me olha, esperando pelo que eu falaria para ela. Porém, meu coração aperta; ele salta alto em tempos diminutos; o mundo inteiro para, e só há ela na minha frente. Aquela

pequena garota de cabelos pretos como a noite, e olhos castanhos, com as bochechas e os lábios rosados, faz com que eu esqueça de respirar por alguns segundos. De alguma forma, ela tinha se tornado uma parte importante do meu mundo.

Eu amo aquele cheirinho do *shampoo* de baunilha que exala dos fios delicados e meio desalinhados de Samantha e aqueles olhos brilhantes apaixonados sempre que me encaram por acaso.

Adoro esta sensação de que nada mais importa, que somos apenas nós dois; nem menos, nem mais, apenas o suficiente para a forma mais bonita de nosso amor acontecer.

— O que é? — Sam inclina a cabeça um pouco para o lado, curiosa.

— Melhor não... — concluo, pensativo.

— Fala logo!

— Quando você estiver no seu quarto, eu te ligo, mas agora não dá. —Saio correndo sem dar qualquer explicação, porque meu coração não está me permitindo ficar diante dela. Um sentimento estranho, que me deixa sem ar, assume o controle do corpo.

Subo pelo elevador, ansioso por conta da demora em chegar ao andar em que moro; parecem horas.

Mamãe ainda não está em casa. Por isso, entro correndo no quarto e pego o *tablet*. Procuro um aplicativo que passe letras grandes pela tela, e então escrevo minha confissão.

O que eu não consigo dizer frente a frente para Sam.

Aquilo que está preso na ponta da língua.

Ouço o celular tocando.

— O que era? — A voz de Samantha está inquieta.

— Olha pela janela. — Coloco o celular no viva-voz e o deixo em cima da cama. Então, abro as cortinas e dou *play* no *tablet*.

Desculpa não conseguir dizer isso pessoalmente e ser tão imaturo assim, mas ainda estamos na idade onde podemos ser infantis desta forma, então é bom aproveitar.

Quando te vejo, meu coração parece transbordar. Porém, ao mesmo tempo, sinto uma calma que alivia minha mente.

Seu sorriso é lindo, e toda vez que sorri para mim, a única coisa que consigo enxergar é você.

Acho que não gosto de você; ao contrário disso, acho que todo este sentimento que me devora de dentro para fora talvez seja amor.

Acho não, eu sei que amo você, Samantha Queiroz.

Com todas as suas falhas, suas frescuras e seu jeito controlador de ser, continuo amando você.

— Devia dizer isso pessoalmente para mim. — Sam suspira entre risos bobos. — Assim eu poderia abraçá-lo, seu idiota — ela diz pelo celular.

— Acho que isso é uma história para um próximo capítulo — comento, eufórico.

— Outro capítulo?

— Porque acho que, se nossa história fosse um livro, isso poderia ser considerado um final feliz.

— Acho que seria um livro muito chato.

— Não tanto quanto você.

— Ei!

— Eu te amo — digo a ela calmamente —, não se preocupe. A partir de agora, darei um jeito de falar isso todos os dias, de todas as maneiras possíveis.

Quero mostrar para Sam como é fácil ser amada; que todos somos capazes. Mesmo que, às vezes, pareça que ela não tem amor, ele está sempre ao nosso lado.

— Como uma família — você sempre foi parte da minha. Como um amigo — eu serei um para você, o melhor. Como uma paixão — caminharemos juntos, apoiando a trilha um do outro. Com apoio — darei meu ombro quando quiser, só precisa vir até mim, estarei aqui por você.

— Você conviveu muito com o Leo... — Ela ri.

— Só acho que você merece um príncipe clichê apenas para você.

— Vou desligar… acho que vou ter uma crise de choro agora — brinca Sam.

Não quero que ela desligue, gostaria de ouvir sua voz até adormecer.

— Te vejo amanhã.

— Te amo — Sam diz, e depois desliga.

Ouvir essas três palavras faz com que fogos de artifício explodam em meu coração. Sua voz é doce e meiga, mas me faz perder o ar.

♥

Todas as pessoas ao nosso lado permitem que descubramos uma parte de nós mesmos que ainda não conhecemos; uma parte que sempre esteve ali, dormindo, esperando o momento certo para aparecer.

Com a Samantha, aprendi sobre o amor e a cura através de outra pessoa.

Com o Sr. Lee, aprendi um pouco sobre a decepção e o quanto uma traição dói.

Minha mãe me ensinou sobre a responsabilidade e a maturidade de lidarmos com os próprios sentimentos.

Com meu amigo Leo, aprendi que, às vezes, precisamos de um empurrãozinho de fora para que as coisas tomem o rumo certo. E o mais importante: aprendi o quão grande é o poder de uma amizade.

Sam, Leo, Cleo, eu e até mesmo Alan estamos aprendendo o que é juventude, com os pés a centímetros de distância da vida adulta que nos espera. Entretanto, não precisamos pensar nisso agora, porque ainda temos muitos momentos inesquecíveis da nossa juventude para viver.

DICAS DE K-DRAMAS

1. True Beauty
2. The Sound of Magic
3. School 2017
4. Hi! School love on
5. The Heirs
6. 18 Again
7. F4 Thailand: Boys Over Flowers
8. A Love So Beautiful
9. Who Are You: School 2015
10. Sassy Go Go
11. Extraordinary Tou
12. A Little Thing Called First Love
13. Dream High 1 & 2
14. Moorim School
15. Adult Trainee

Para maratonar após terminar sua leitura!

AGRADECIMENTOS

Não é fácil começar uma história, muito menos terminá-la. Através dessa obra sinto que evolui muito como pessoa.

É gratificante poder mostrar essa novela para mais pessoas, porque foi um trabalho realmente importante para mim. Desde o início quando todo o enredo formou em minha cabeça, as ideias mesclaram com os personagens, estes que pareceram pular para realidade e conversar comigo. Uma experiencia incrível!

Brincadeiras a parte, tenho muito a agradecer a todos os envolvidos; Ana Bizuti, que fez uma capa tão fabulosa que teve paciência comigo haha. Patrini, desde o início foi realmente doce e prestativa quanto a revisão do texto, este que revisou com todo cuidado e atenção. A Juju, que conseguiu transformar esse livro no que ele é hoje, todo seu trabalho e paciência foram realmente importantes para mim. Às minhas betas incríveis que ajudaram muito e, me fizeram rir com seus comentários. E agradeço principalmente a você que leu até o final. No mais é isso, espero que tenha gostado dessa leiturinha leve e espero nos reencontrar em outra obra novamente.

Me siga no Instagram! Clique Aqui!